



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

LUCIANA GUIMARÃES BRANDÃO CARVALHO

**A LEITURA DE CONTOS NA ESCOLA PÚBLICA FEIRENSE: UM ESTUDO  
INTERVENCIONISTA**

Feira de Santana

2018

LUCIANA GUIMARÃES BRANDÃO CARVALHO

**A LEITURA DE CONTOS NA ESCOLA PÚBLICA FEIRENSE: UM ESTUDO  
INTERVENCIONISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras, do Departamento de Letras e Artes, da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do grau em Mestre em Letras.

Professora Orientadora: Dr<sup>a</sup> Girlene Lima Portela

Feira de Santana

2018

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**LUCIANA GUIMARÃES BRANDÃO CARVALHO**

### **A LEITURA DE CONTOS NA ESCOLA PÚBLICA FEIRENSE: UM ESTUDO INTERVENCIONISTA**

Dissertação de Mestrado aprovada como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, no curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Estadual de Feira de Santana, pela seguinte banca examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Girlene Lima Portela – Orientadora  
Orientadora, Mestrado Profissional em Letras, UEFS

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Antonilma Santos Almeida Castro – Primeira Examinadora  
Examinadora Interna, Mestrado Profissional em Letras, UEFS

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez – Segunda Examinadora  
Examinadora Externa, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, UEFS

Feira de Santana, 14 de março de 2018

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de aproveitar este espaço para demonstrar minha gratidão a todos que me apoiaram de alguma forma durante este tempo em que me dediquei a este curso. Em especial, quero agradecer:

A **Deus** porque me fortaleceu durante este processo. Tenho certeza de que não conseguiria se não fosse de Sua permissão.

Aos meus pais, esposo, familiares e amigos que estiveram sempre ao meu lado para me apoiar em tudo de que necessitei.

À minha querida orientadora professora **Dr<sup>a</sup> Girlene Lima Portela** pela dedicação em me fazer aprender um pouco mais com sua vasta experiência e conhecimento.

Aos professores do ProfLetras da Universidade Estadual de Feira de Santana que compartilharam seus conhecimentos e experiências, contribuindo sobremaneira para a minha formação.

À direção do Colégio Estadual Teotônio Vilela pelo apoio e confiança no meu trabalho. E aos demais colegas dessa instituição pela atenção muitas vezes dedicada às minhas necessidades.

À CAPES pelo apoio financeiro que foi de grande valia para a realização das atividades deste projeto.

Aos alunos, sujeitos desta pesquisa, que, na medida do possível mostraram-se empenhados na realização das atividades.

À minha QUERIDA turma do ProfLetras que estará para sempre “guardada debaixo de sete chaves, dentro do coração”. Vocês foram tesouros que encontrei nesta vida!

“O verbo ler não suporta o imperativo.  
Aversão que partilha com alguns outros: o verbo  
‘amar’... o verbo ‘sonhar’...  
Bem, é sempre possível tentar, é claro. Vamos lá:  
‘Me ame!’ ‘Sonhe!’ ‘Leia!’ ‘Leia logo, que diabo,  
eu estou mandando você ler!’  
– Vá para o seu quarto e leia!  
Resultado?  
Nulo.”

(Daniel Pennac, 1993, p. 13)

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Campanha de doação de livros	34
Figura 2 – O antes e o depois da sala de leitura	35
Figura 3 – Registro da Contação de histórias	37
Figura 4 – Imagem da página inicial do blog	39
Figura 5 – Imagem da página “Produções dos alunos” do blog	41
Figura 6 – Gráficos relativos ao perfil sociológico dos sujeitos da pesquisa	45-46
Figura 7 – Gráfico relativo à resposta à questão 1, da seção 2, do questionário de sondagem	46
Figura 8 – Gráfico relativo à resposta à questão 2, da seção 2, do questionário de sondagem	47
Figura 9 – Gráfico relativo à resposta à questão 3, da seção 2, do questionário de sondagem	48
Figura 10 – Gráfico relativo à resposta à questão 4, da seção 2, do questionário de sondagem	48
Figura 11 – Gráfico relativo à resposta à questão 6, da seção 2, do questionário de sondagem	49
Figura 12 – Depoimentos dos alunos sobre a contação de histórias	50-51
Figura 13 – Gráfico relativo à resposta à questão 7, da seção 2, do questionário de sondagem	52
Figura 14 – Gráfico relativo à resposta à questão 1, da seção 3, do questionário de sondagem	52
Figura 15 – Gráficos relativos às respostas às questões 4 e 5, da seção 3, do questionário de sondagem	53
Figura 16 – Resposta à questão 4 da atividade de reconhecimento de personagem	54
Figura 17 – Imagem dos comentários dos alunos no blog	55-56
Figura 18 – Respostas à questão 2 da atividade de autoavaliação	58-59

## RESUMO

Nosso estudo propôs um trabalho sistemático de leitura a partir do gênero conto, a fim de promover o contato constante dos alunos com esse material significativo de leitura. O propósito maior era motivar o interesse do aluno pela continuidade de tais práticas em outros momentos e/ou ambientes, além da escola. A partir do gênero conto, buscamos contribuir, de forma mais eficaz, para a formação de práticas efetivas de leitura, baseando-nos nas proposições de autores especialistas em nosso objeto de pesquisa, além de desenvolver um plano de trabalho, junto aos alunos visados, contribuindo de forma mais sistemática com a situação vigente do ensino de leitura na escola. A fim de atingir os objetivos propostos nesta pesquisa, já que se trata de um trabalho de intervenção em uma realidade social, o tipo de abordagem adotado foi a pesquisa qualitativa e teve como método de coleta e análise de dados a pesquisa-intervenção e o estudo de caso, pois se pretendeu, partindo da identificação de um problema, promover ações que pudessem modificar a realidade vigente. Espera-se que nossa proposta de intervenção possa nortear o trabalho de outros professores que desejem, a partir da adoção de práticas significativas de leitura, estimular os discentes a mudarem suas concepções acerca da importância do ato de ler. Os dados coletados ao longo da nossa pesquisa apontam que a escola deve buscar os meios para que se desenvolva esse trabalho com a mobilização de todos os professores para que estes se comprometam com a formação leitora dos alunos e promovam, em suas salas de aula, atividades significativas de leitura, usando os mais variados tipos de textos e gêneros, pois não basta saber o seu papel, é importante que se esclareça como isto se dará e quem serão os envolvidos na tarefa de aprender/ensinar a ler. Observamos também que é fundamental que esta atualização da escola abranja também o uso das tecnologias como aliadas do processo de ensino-aprendizagem. Isto porque é inegável como a vida das pessoas tem sido modificada com os avanços tecnológicos. É imprescindível, pois, que os professores considerem a necessidade de aprenderem a lidar com as novas tecnologias a fim de se aproximarem mais do “mundo” dos alunos os quais já se encontram inseridos e familiarizados com estas ferramentas. Ao aplicarmos o projeto em uma turma do 7º ano, tencionávamos apontar para outros professores de língua materna um caminho que possa ser percorrido, a fim de buscar alternativas para a melhoria do ensino de leitura, no intuito de colaborar para que haja uma mudança na realidade educacional brasileira, que apresenta índices alarmantes em relação à competência leitora, através da tomada de consciência por parte da família e, principalmente, da escola com relação à importância que tem a leitura na vida das pessoas, já que se atribui a essa dificuldade a reprovação na escola, bem como em concursos que mensurem a capacidade leitora do candidato. A escola precisa, pois, reconhecer que tem papel fundamental na formação de leitores proficientes. Para tanto, os professores, em especial os de Língua Portuguesa, devem planejar atividades de leitura cada vez mais constantes e significativas que despertem nos alunos o interesse pelo ato de ler e a noção da necessidade da leitura para suas vidas em sociedade.

**Palavras-chave:** Pesquisa-intervenção; Ensino-aprendizagem; Estratégias; Leitura.

## ABSTRACT

Our study is a systematic work of reading from the tale genre, with a goal to promote constant pupils contact with this meaningful reading material. The major purpose was to motivate the interest for the continuity of practices in other moments and / or environments besides the school. With the tale genre, we want to contribute, more effectively, to a formation of effective reading practices, based on the propositions of expert authors in our research object, in addition to developing a work plan, together with targeted students, contributing in a systematic way with a current situation of the teaching of reading in the school. In order to achieve the objectives proposed in this research, since it is a work of intervention in a social reality, the type of approach adopted was qualitative research and had as method of data collection and analysis the intervention research and the study of case, since it was intended, starting from the identification of a problem, to promote actions that could modify the current reality. We hope our proposal for intervention may guide the work of other teachers who wish to encourage students to change their conceptions about the importance of reading. The data collected at our research indicate that the school should seek the means to develop this work with the mobilization of all teachers and they must commit themselves to the reading instruction of the students and promote, in their classrooms, activities meaningful reading, using the most varied types of texts and genres, because it is not enough to know their role, it is important to clarify how this will happen and who will be involved in the task of learning / teaching to read. We also note that it is fundamental that this update of the school also covers the use of technologies as allies of the teaching-learning process. This is because it is undeniable how people's lives have been modified with technological advances. It is therefore imperative that teachers consider the need to learn how to deal with the new technologies in order to get closer to the "world" of the students who are already inserted and familiar with these tools. When we applied the project to a 7th grade class, we intended to point out to other mother tongue teachers a way to make it easier to navigate, in order to find alternatives to improve reading teaching, with no intention of collaborating so that there is a change in the educational reality Brazilian literature, which presents alarming indexes in relation to reading competence, through the awareness of the family and, especially, of the school in relation to the importance of reading in people's lives, since this difficulty is attributed to the reproach in the as well as in competitions that measure the applicant's reading ability. The school needs, therefore, to recognize the fundamental role in the training of proficient readers. In order to do this, teachers, especially Portuguese Language Teachers, should plan activities that are increasingly constant and meaningful for our students, because of their interest in reading and reading the book for the reading needs of their lives in society.

**Keywords:** Intervention research; Teaching-learning; Strategies; Reading.



## SUMÁRIO

<b>1 O CONTEXTO DA PESQUISA</b> .....	12
1.1 A PROBLEMÁTICA .....	12
1.2 O PERCURSO METODOLÓGICO .....	19
1.3 O PROJETO DE INTERVENÇÃO .....	25
<b>1.3.1 O Projeto Pedagógico de Intervenção</b> .....	26
<b>2 A LEITURA DE CONTOS NA ESCOLA PÚBLICA FEIRENSE: UM ESTUDO</b>	
<i>INTERVENCIONISTA</i> .....	35
2.1 A COLETA DE DADOS .....	36
2.2 CONHECENDO OS SUJEITOS E SUAS PRÁTICAS LEITORAS .....	44
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	60
<b>Referências</b> .....	63
APÊNDICE A – Questionário de sondagem – página 1 .....	65
APÊNDICE B – Questionário de sondagem – página 2 .....	66
APÊNDICE C – Questionário de sondagem – página 3 .....	67
APÊNDICE D – Memorial do leitor – página 1.....	68
APÊNDICE E – Memorial do leitor – página 2 .....	69
APÊNDICE F – Avaliação do momento de contação de histórias.....	70
APÊNDICE G – Atividade de reconhecimento de personagem – página 1.....	71
APÊNDICE H - Atividade de reconhecimento de personagem – página 2 .....	72
APÊNDICE I – Impressões acerca dos textos “Chico Bento em: Ler para quê?” e “Felicidade clandestina” .....	73
APÊNDICE J – Avaliação da oficina 2.....	74
APÊNDICE K – Atividade de consulta ao dicionário.....	75
APÊNDICE L – Tutorial “Como criar um blog” – página 1.....	76
APÊNDICE M – Tutorial “Como criar um blog” – página 2 .....	77
APÊNDICE N – Tutorial “Como criar um blog” – página 3 .....	78
APÊNDICE O – Atividade sobre o conto africano de adivinhação “Os três gravetos”.....	79
APÊNDICE P – Atividade sobre o conto africano de adivinhação “Três mercadorias muito estranhas”.....	79
APÊNDICE Q – Atividade sobre o conto africano de adivinhação “As três moedas de ouro” .....	80
APÊNDICE R – Atividade “Desenho da cena do conto indígena de que mais gostou” .....	81
APÊNDICE S – Autoavaliação – página 1 .....	82

APÊNDICE T – Autoavaliação – página 2 .....	83
ANEXO A – Dados do IDEB sobre o desempenho da escola alvo do estudo .....	84
ANEXO B – Parecer Comitê de Ética – página 1 .....	85
ANEXO C – Parecer Comitê de Ética – página 2 .....	86
ANEXO D – Parecer Comitê de Ética – página 3 .....	87
ANEXO E – Parecer Comitê de Ética – página 4 .....	88
ANEXO F – Parecer Comitê de Ética – página 5.....	89
ANEXO G – Parecer Comitê de Ética – página 6.....	90
ANEXO H – Termo de compromisso do pesquisador .....	91
ANEXO I – Declaração do orientador .....	92
ANEXO J – Autorização da instituição coparticipante .....	93
ANEXO K – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Responsável pelo menor .....	94
ANEXO L – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – Menor.....	95
ANEXO M – História em quadrinhos Chico Bento em: Ler para quê? – página 1 .....	96
ANEXO N – História em quadrinhos Chico Bento em: Ler para quê? – página 2 .....	97
ANEXO O – História em quadrinhos Chico Bento em: Ler para quê? – página 3 .....	98
ANEXO P – Conto “Felicidade clandestina” – página 1 .....	99
ANEXO Q – Conto “Felicidade clandestina” – página 2.....	100
ANEXO R – Sinopse do filme “A história sem fim” .....	101
ANEXO S – Conto “O conto se apresenta” – página 1 .....	102
ANEXO T – Conto “O conto se apresenta” – página 2.....	103
ANEXO U – Conto “O conto se apresenta” – página 3 .....	104
ANEXO V – Conto “A revolta das palavras” – página 1.....	105
ANEXO W – Conto “A revolta das palavras” – página 2.....	106
ANEXO X – Conto “A revolta das palavras” – página 3.....	107
ANEXO Y – Conto “A revolta das palavras” – página 4.....	108
ANEXO Z – Conto “Nas asas do Condor” – página 1 .....	109
ANEXO AA – Conto “Nas asas do Condor” – página 2.....	110
ANEXO AB – Conto “Nas asas do Condor” – página 3.....	111
ANEXO AC – Conto “Nas asas do Condor” – página 4.....	112
ANEXO AD – Conto “Elefantes” – página 1.....	113
ANEXO AE – Conto “Elefantes” – página 2 .....	114
ANEXO AF – Conto “Elefantes” – página 3 .....	115
ANEXO AG – Conto “Elefantes” – página 4.....	116

ANEXO AH – Conto “Na traseira do caminhão” .....	117
ANEXO AI – Parte inicial do conto africano de adivinhação “Os três gravetos” – página 1	118
ANEXO AJ – Parte inicial do conto africano de adivinhação “Os três gravetos” – página 2	119
ANEXO AK – Parte inicial do conto africano de adivinhação “Três mercadorias muito estranhas”.....	120
ANEXO AL – Parte inicial do conto africano de adivinhação “As três moedas de ouro” – página 1.....	121
ANEXO AM – Parte inicial do conto africano de adivinhação “As três moedas de ouro” – página 2.....	122
ANEXO AN – Conto indígena “Do mundo do centro da Terra ao mundo de cima” – página 1 .....	123
ANEXO AO – Conto indígena “Do mundo do centro da Terra ao mundo de cima” – página 2 .....	124
ANEXO AP – Conto indígena “O roubo do fogo” – página 1 .....	125
ANEXO AQ – Conto indígena “O roubo do fogo” – página 2 .....	126
ANEXO AR – Conto indígena “O roubo do fogo” – página 3 .....	127
ANEXO AS – Conto indígena “Por que o sol anda tão devagar” – página 1 .....	128
ANEXO AT – Conto indígena “Por que o sol anda tão devagar” – página 2.....	129
ANEXO AU – Conto indígena “Por que o sol anda tão devagar” – página 3.....	130
ANEXO AV – Conto indígena “Por que o sol anda tão devagar” – página 4.....	131
ANEXO AW – Conto indígena “Depois do dilúvio” – página 1 .....	132
ANEXO AX – Conto indígena “Depois do dilúvio” – página 2.....	133
ANEXO AY – Conto indígena “Depois do dilúvio” – página 3.....	134

## 1 O CONTEXTO DA PESQUISA

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é. (FOUCAMBERT, 1994 p. 5).

A leitura é o ponto de partida para a aquisição de conhecimentos diversos, especialmente do conteúdo escolar que, agregado ao conhecimento de mundo, bem como às diferentes informações que nos chegam, via mídias, complementam nosso acervo pessoal e social. Como afirma Cosson (2014), “Ler é hoje tão vital quanto era rezar na Idade Média. Para além da tecnologia da escrita, ler atualmente pertence tanto à ordem do que fazemos quanto à ordem do que somos.” (p. 46). Assim, entendemos que a leitura deve ser uma prática diária e efetiva na vida das pessoas.

### 1.1 A PROBLEMÁTICA

Normalmente, os conteúdos que visam à leitura são didatizados, não permitindo a ampliação do acervo pessoal do aluno, visto que tanto a escola quanto a família não cumprem o papel de “ensinar” o aluno a ler. Isso constitui uma dificuldade para a formação de um leitor competente, uma vez que crianças que vivem em ambientes nos quais a leitura é uma atividade habitual, têm muito mais facilidade para desenvolver a capacidade leitora. A esse respeito Terzi (2002) afirma que “o fato de a criança estar inserida numa cultura letrada tem uma influência positiva significativa em seu progresso em leitura nas primeiras séries escolares”. (p. 14)

Sendo o ato de ler uma necessidade social, a família deveria ser a primeira instituição a estimulá-lo. Segundo Petit (2009) uma pessoa torna-se leitora, na maioria das vezes, porque presenciou, quando pequena, os pais envolvidos em momentos de leitura, ou porque estes costumavam contar histórias ou ainda por conversarem sobre livros que tinham em casa. Para a autora, “(...) o gosto pela leitura e a sua prática são, em grande medida, socialmente construídos.” (p. 22). Em se tratando da influência de um ambiente familiar rico em oportunidades de acesso a materiais de leitura e por considerar que o fracasso escolar está atrelado a questões relacionadas à leitura e à escrita, os PCNs de Língua Portuguesa dão conta de que alguns estudiosos, ao mudarem o foco de como se dá o processo de alfabetização do “como se ensina” para o “como se aprende”, constataram que

(...) as crianças sabiam muito mais do que se poderia supor até então, que elas não entravam na escola completamente desinformadas, que possuíam um conhecimento prévio. Mas, as de famílias mais favorecidas tinham maiores oportunidades de participação em atividades sociais mediadas pela escrita, possuíam muito mais experiências significativas com a escrita do que as crianças das classes menos favorecidas, e essa diferença, que se expressava no desempenho, marcou a vida escolar dessas crianças desde o seu início. (BRASIL, 1997, p. 20)

Sem ter, muitas vezes, condições financeiras de oferecer às crianças o acesso a materiais de escrita, ou mesmo por não reconhecer a relevância da leitura para a vida em sociedade, a família credita à escola a função de “ensinar” a ler, pois a considera espaço privilegiado para que o contato da criança com a leitura se dê de forma efetiva. Como afirmam Ferrarezi Jr. e Carvalho (2017), “A família, há muito tempo, perdeu a noção de sua importância no papel educativo das crianças, especialmente na construção do gosto pela leitura. (...) Em função disso, a família transferiu para a escola esse dever.” (p. 53) E, com isso, se exime da responsabilidade pela formação leitora da criança. E, acerca do não reconhecimento da importância da leitura por parte da família, Ferrarezi Jr. e Carvalho asseveram que

Essa amizade inseparável entre homens e livros deveria começar em casa, na família. Mas não começa. Pelo menos, não mais na maioria das famílias brasileiras. Há poucas décadas, as famílias pobres se orgulhavam quando conseguiam participar do Clube do Livro; hoje orgulham-se por ter TV a cabo e internet wi-fi... Livros já foram um presente chique – até em aniversário de criança! – mas, hoje, o celular com acesso às redes sociais ocupou esse lugar. (2017, p. 20)

A partir desta afirmação dos autores, fica evidente de fato o quanto a família negligencia o incentivo à criação de práticas de leitura, uma vez que tendo à sua disposição as ferramentas tecnológicas e o acesso à internet poderiam utilizá-las como aliadas nesse processo. Isto porque se dispõe de uma grande quantidade de material de leitura na rede.

Com isso, na maioria das vezes, na realidade brasileira, o contato que grande parte das pessoas mantém com materiais de leitura de maneira mais sistemática acontece somente na escola. Dessa forma, fica evidente a responsabilidade que esta instituição tem com relação à formação leitora dos indivíduos. Acerca disso, Zilberman (1988) afirma que “as afinidades entre a escola e a leitura se mostram a partir da circunstância de que é por intermédio da ação da primeira que o indivíduo se habitua à segunda”. (p. 11). Portanto, cabe a nós, professores, reconhecer a importância que temos na formação de leitores e nos empenharmos em planejar atividades significativas de leitura que contribuam para tal fim.

A escola precisa, pois, reconhecer que tem papel fundamental na formação de leitores proficientes. Para tanto, os professores, em especial os de Língua Portuguesa, devem planejar atividades de leitura cada vez mais constantes e significativas que despertem nos alunos o interesse pelo ato de ler e a noção da necessidade da leitura para suas vidas em sociedade. Sobre isso, os PCNs de Língua Portuguesa propõem:

Não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura. (BRASIL, 1997, p. 29)

Ainda sobre a importância de ofertar aos alunos o contato com materiais diversos de leitura, Ferrarezi Jr. e Carvalho declaram

“A escola não é o local de algumas leituras: é o local de todas elas. Desde a leitura do mundo até a leitura mais estrita da palavra, tudo é de interesse da escola. Escolas que mereçam este nome precisam de material variado de leitura e de bibliotecas que também mereçam este nome.” (2017, p. 50)

Corroborando essa preocupação com o papel da leitura, Antunes (2003) tem se debruçado sobre estudos no sentido de melhorar a maneira como se dá o ensino do português nas escolas, porém ela tem constatado que ainda há muito o que mudar na maneira como se ensina-aprende, a fim de que as atividades pedagógicas voltadas para o ensino da língua se tornem mais significativas. No que se refere à leitura, por exemplo, a autora menciona questões como a existência de práticas leitoras centradas na mera decodificação, que não despertam interesse dos alunos ou mesmo o prazer pelo ato de ler, que só se ocupam em fazer os alunos apontarem as informações explícitas do texto, sem fazê-los descobrir as funções sociais do que leem.

Em se tratando da questão errônea que a escola tem acerca do ato de ler, pensado como mera decodificação, Yunes (2002) afirma que é importante repensar esse conceito tradicional de leitura, uma vez que, apesar de muitos alunos serem capazes de aprender sílabas, reconhecer palavras e balbuciar frases, a maioria não consegue compreender o que leu. Ainda segundo a autora, o ato de ler está relacionado ao ato de pensar, mas com uma exigência maior: deve ser feito de forma crítica e não-mecânica.

Além de o trabalho com leitura preso às habilidades mecânicas de decodificação ser considerado um entrave para que o desejo de ler seja despertado nos alunos, Ferrarezi Jr. e

Carvalho (2017) destacam outras causas disto. Segundo esses autores, a adoção de um ensino baseado na lógica, a não vivência das leituras, que as torna mero exercício escolar, e, em alguns casos, o uso dessa atividade como castigo escolar contribuem para o que sentimento de prazer na leitura não seja despertado.

Paradoxalmente, é na escola, *lócus* responsável pelo ensino e aprendizagem da leitura, que se encontra a maior quantidade de leitores que não conseguem ler, proficientemente. É visível a dificuldade dos alunos que saem do Ensino Fundamental em fazer uma leitura crítica, ou seja, aquela que sai do nível da superficialidade das palavras para o entendimento do discurso, da ideologia subjacente aos textos a que têm acesso. Podemos perceber isto quando propomos uma atividade de interpretação de texto, por exemplo, e o estudante acredita que, para responder a um questionamento, basta procurar no texto a resposta e ela encontrar-se-á ali, pronta para ser copiada. E é a partir da nossa prática pedagógica que chegamos a esta conclusão.

Essa problemática vai para além de nossas experiências, uma vez que as avaliações externas também apontam este déficit em leitura, já que muitos estudantes, em especial os de escola pública, não alcançam resultados satisfatórios porque não conseguem, muitas vezes, sequer localizar uma informação que está explícita no texto e muito menos inferir sobre o que não está dito. “Continuamos tendo milhões de analfabetos funcionais saindo da educação básica”. (FERRAREZI JR.; CARVALHO, 2017, p. 16)

Esse fato, porém, não se restringe ao nível Fundamental de ensino, pois essa dificuldade está presente também nos níveis Médio e Superior. Isso acontece possivelmente devido ao pouco contato que os estudantes, principalmente os provenientes de famílias menos favorecidas, têm com materiais significativos de leitura e ao espaço cada vez menor que esta atividade tem na vida das pessoas. Muitos não encaram a leitura como uma atividade atraente, prazerosa, necessária. Outros afirmam não ter tempo para esta prática o que, para Cosson (2014), na verdade, é apenas uma maneira “gentil” de demonstrar desinteresse pelo ato de ler. Enfim, arranjam desculpas variadas para não lerem e, na maioria das vezes, ocupam o tempo, que dizem não ter, com outras atividades vistas como mais atrativas.

Entendemos que, sendo da escola o papel principal de “ensinar” o aluno a ler, faz-se necessário uma mudança na prática de leitura nesse ambiente, porque a maneira como os textos são trabalhados nas salas de aula, além de não promover a formação do leitor proficiente, contribui para que o aluno tome aversão pelo ato de ler. Isto se deve ao fato de que muitos professores ainda concebem como leitor eficiente aquele que consegue decodificar um texto e, também porque ele, o professor, não se preocupa ou talvez não tenha preparo

pedagógico para selecionar os textos para serem trabalhados de forma que desperte no aluno o desejo, o prazer de ler, ampliando assim seu nível de criticidade. Acerca do que escolher para ler, Cosson afirma que

A escolha que se faz de um texto para leitura está diretamente relacionada ao que se deseja ou que se aprecia conhecer, entender e viver, compreendendo não só os interesses do momento como também o futuro que se busca alcançar assim como as limitações de competência no presente e o horizonte que o texto oferece para superá-las. (2014, p. 47)

Dessa maneira, acreditamos que a dificuldade encontrada pelo aluno para sair da superficialidade dos textos e chegar à profundidade destes, pode estar, muitas vezes, relacionada diretamente às práticas de leitura desenvolvidas pela escola. Assim, entendemos que o desenvolvimento da competência leitora não pode ser considerado apenas incapacidade do aluno. É preciso que a escola avalie de que maneira as atividades de leitura, desenvolvidas no espaço escolar, colaboram para a (não) formação do aluno leitor. Isso porque, segundo Ferrarezi Jr. e Carvalho (2017) “o texto deixou de ser texto e virou pretexto” (p. 13) uma vez que “(...) se dá o texto ao aluno não mais para ser lido e compreendido, mas para estragá-lo, para dissecá-lo como a um sapo morto em uma aula de ciências. Isso é feito em cansativas análises morfológicas, sintáticas de operadores textuais, de pretensas ideias centrais” (p. 11-12)

Portanto, o que observamos é que a escola, na verdade, não ensina o aluno a ler efetivamente, no sentido de ajudá-lo a ir além do que está escrito, a buscar e encontrar o não dito, a utilizar estratégias de leitura diferentes adequadas ao gênero textual lido. Segundo Cafiero (2010), “é preciso tomar a leitura como objeto de ensino”. (p.85) Os alunos leem, muitas vezes, uma grande variedade de textos, porém sempre da mesma forma; não é ensinado a eles que cada texto exige diferentes estratégias de leitura, pois, conforme Cosson (2014), “Não se lê sempre do mesmo jeito e precisamos exercitar diversos modos de ler para desenvolver a nossa competência leitora”. (p.46)

O pensamento de Foucambert (1994) coaduna com o mesmo entendimento quando diz que “um poema ou uma receita, um jornal ou um romance, provocam questionamentos, exploração do texto e respostas de natureza diferente; mas o ato de ler, em qualquer caso, é o meio de interrogar a escrita e não tolera a amputação de nenhum de seus aspectos.” (p. 5). Ou seja, devemos ensinar nossos alunos formas de ler diferentes, mas, acima disso, mostrar-lhes que é a prática constante de leitura que os fará descobrir tais estratégias e, principalmente, que lhes permitirá uma postura mais crítica diante dos textos.



É recorrente ouvirmos queixas nas conversas de professores quanto à inexistência de um hábito de leitura por parte dos alunos. Diz-se que os alunos não leem, não gostam de ler. Segundo Kleiman (2004a), os alunos, na verdade, consideram a tarefa de ler difícil, porque não conseguem atribuir sentido ao que leem, portanto não sentem prazer na leitura, já que ninguém gosta de fazer o que é difícil ou o que não faz sentido. E, para Foucambert (1994), “a leitura só é difícil ou cansativa (e exige esforços) quando não se sabe ler, quando se deve traduzir a escrita para compreendê-la”. (p. 29).

Estudos realizados no Brasil corroboram a reclamação por parte dos educadores. Por exemplo, os dados do PISA<sup>1</sup> de 2016 demonstram que o desempenho dos estudantes brasileiros em leitura só piora. O país ocupa atualmente a 59ª. posição no ranking de leitura entre os 70 países avaliados. Isso indica que os estudantes não conseguem ir muito além da decodificação, ou seja, não conseguem entender o que leem, não vão além da parte explícita. Segundo dados da pesquisa, mais da metade dos estudantes ficaram abaixo do nível 2<sup>2</sup>.

Existe, portanto, uma preocupação muito grande com relação ao fato de a leitura não ser uma prática constante na vida dos estudantes brasileiros. A esse fator associa-se sempre o fracasso escolar dos alunos que não conseguem resolver questões das avaliações escolares por não terem condições e teorias adequadas para interpretá-las, o que resulta em reprovações constantes. Conforme Bamberger (2002), todo bom leitor é bom aprendiz o que resulta em êxito tanto na vida escolar quanto fora dela. Vive-se atualmente uma crise na leitura. Acerca disso, os PCNs de Língua Portuguesa afirmam que:

no ensino fundamental, o eixo da discussão, no que se refere ao fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e da escrita. Sabe-se que os índices brasileiros de repetência nas séries iniciais — inaceitáveis mesmo em países muito mais pobres — estão diretamente ligados à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever. (BRASIL, 1997, p. 19)

Essa realidade tem preocupado não apenas professores como também estudiosos e governos, que empreendem esforços no sentido de reverter a situação. A secretaria de Educação do Estado da Bahia, no ano de 2016, por exemplo, propôs, durante a Jornada Pedagógica, a “discussão” e “proposição” de atividades que incentivem a leitura no intuito de

---

<sup>1</sup> A sigla designa *Programme for International Student Assessment*. A OCDE começou a trabalhar na metodologia a aplicar em meados dos anos 1990. Mas a primeira sondagem só foi levada a cabo em 2000. O PISA é uma grande avaliação internacional à literacia dos alunos de 15 anos, em três áreas-chave: Ciências, Matemática e Leitura. A avaliação é feita a cada três anos e cada aplicação é focada em uma das áreas.

<sup>2</sup> No Nível 2, os estudantes são capazes de responder itens básicos de leitura, tais como situar informações diretas, realizar inferências fáceis de vários tipos, determinar o que significa uma parte bem definida de um texto e empregar certo nível de conhecimentos externos para compreendê-lo.

que cada escola pudesse elaborar e aplicar um projeto de leitura para os alunos do 6º. ano do Ensino Fundamental, que envolvesse todos os professores para um trabalho sistemático com leitura. No entanto, não se tem, ainda, resultados desse projeto que apontem para melhorias nessa área.

A realidade encontrada no lócus de nossa pesquisa não foge à realidade nacional no que tange à deficiência de ensino de leitura. Os resultados apresentados pelos alunos da escola alvo de nosso estudo nos programas nacionais de avaliação revelam o quanto eles têm deficiência em leitura. As provas do SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) e do GESTAR (Gestão da Aprendizagem Escolar – programa de formação continuada de professores de língua portuguesa e matemática), deixam claro como a dificuldade que os alunos têm de sair da superficialidade dos textos ou mesmo a ausência de práticas leitoras no dia a dia, prejudicam o sucesso deles nessas avaliações.

Esta instituição de ensino atende alunos, em sua maioria, de classes populares, provenientes também de outras escolas, principalmente da rede pública municipal os quais chegam apresentando sérias deficiências no que se refere à leitura. Tais dificuldades não se restringem apenas à questão da decodificação dos textos, mas, principalmente, à interpretação. Estes estudantes, em sua maioria, conseguem fazer a decifração do material escrito, porém não são capazes de construir sentido para o que leem.

O nível de leitura desses estudantes é percebido também no momento em que propomos para eles atividades de leitura e interpretação de textos e eles nos questionam se a resposta para as questões apresentadas está no texto ou em que parte se encontra. E isso fica mais evidente ainda quando eles, para responderem aos questionamentos propostos, copiam trechos do texto que consideram ser a resposta para a questão. Esse comportamento demonstra o quanto os alunos têm dificuldade de sair da superficialidade do texto e o quanto eles estão limitados a encontrar apenas as informações que se encontram explícitas nos textos. Isto ocorre também porque os materiais didáticos usados nas escolas usam a repetição como base para a leitura.

Esta escola, nos anos de 2011 e 2013 obteve notas 3,3 e 3,6, respectivamente, no IDEB<sup>3</sup>, superando, no primeiro ano, e alcançando, no segundo, a meta sugerida pelo MEC (3,1 e 3,6, respectivamente). Porém, no ano de 2015, a nota alcançada foi apenas 3,6, ficando

---

<sup>3</sup> O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (**Ideb**) foi criado pelo Inep em 2007 e busca reunir em um só indicador dois conceitos importantes para a qualidade da educação: fluxo escolar e médias de desempenho nas avaliações. O ideb é calculado a partir dos índices de aprovação escolar obtidos pelo Censo Escolar e o resultado de avaliações externas do Inep – Prova Brasil, para o ensino Fundamental II. Os índices do Ideb mencionados neste trabalho encontram-se em anexo.

aquém da meta, que era 4,1 (cf. anexo 1). Esse resultado demonstra o quanto a deficiência em leitura apresentada pelos estudantes prejudica seus desempenhos não só nas avaliações internas como nas externas e o quanto se faz necessário o trabalho com práticas efetivas de leitura.

É urgente que a escola disponibilize um tempo maior para o exercício de leituras, como afirma Antunes (2003), uma vez que o professor está muito mais preocupado em ministrar a matéria e, tanto ele quanto os alunos acreditam que dedicar momentos das aulas para ler é perder tempo. Nesse sentido, nos baseamos, dentre outros autores, nos estudos de Ferrarezi Jr. e Carvalho (2017), quando estes alertam que é necessário que haja alterações nos currículos a fim de que se reserve tempo para o trabalho com a leitura desde a alfabetização até o fim da educação básica e de que se garanta que um professor que trabalha leitura com seus alunos não seja visto como “vagabundo” ou “enrolão”. “Ou os currículos mudam e a leitura volta a ser uma atividade importante e sistemática da sala de aula, ou não será possível criar leitores na plenitude do que é ser um leitor.” (FERRAREZI JR.; CARVALHO, 2017, p. 25). Nessa perspectiva, nosso projeto de intervenção visa desconstruir essa ideia de tempo perdido nas aulas ao dedicá-las ao ato de ler.

## 1.2 O PERCURSO METODOLÓGICO

Segundo o Dicionário Aurélio Júnior (2005) metodologia é “o conjunto de métodos e regras aplicados a domínio particular da ciência e da pesquisa ou no desenvolvimento sistemático de algum trabalho complexo” (p.584). Ainda sobre o conceito de metodologia, Gerhardt e Silveira afirmam que a:

metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência. Etimologicamente, significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para fazer uma pesquisa científica (2009, p. 12)

Para Minayo (1994) a metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, incluindo as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e a criatividade do investigador, característica que, para a autora, é primordial e insubstituível em uma pesquisa. Diante de tais conceitos, pois, a metodologia visa demonstrar o caminho que foi percorrido para a consecução dos objetivos propostos por este projeto de intervenção.

Diante da problemática acima apresentada, é urgente que a escola repense suas práticas de ensino-aprendizagem de leitura, visto que é necessário propiciar um ambiente que permita a formação de leitores proficientes. Buscando intervir nessa realidade e mais especificamente na escola alvo do estudo, tencionamos responder às seguintes questões de estudo: Como a leitura e análise de contos poderá contribuir, de forma importante, para a formação de práticas leitoras dos alunos do 7º. ano do Ensino Fundamental, de um colégio público da rede estadual do município de Feira de Santana? Que estratégias utilizaremos para alcançarmos nossos objetivos? Como desenvolveremos tais estratégias? Quais teorias embasarão nossos estudos, a fim de resolvermos a problemática relacionada ao ensino-aprendizagem da leitura na escola?

A partir da proposição desses questionamentos, estabelecemos como objetivo geral contribuir de forma mais sistemática com a situação vigente do ensino na escola pública, oportunizando a leitura de contos com o intuito de colaborar para a formação de práticas leitoras dos alunos do 7º. ano do Ensino Fundamental de um colégio da rede estadual de Feira de Santana e, como objetivos específicos, despertar o gosto pela leitura a partir da promoção de práticas dinâmicas e diferenciadas de leitura no espaço escolar e compreender a leitura como uma atividade relevante para a formação consciente e crítica do indivíduo.

Nesse sentido, baseados na nossa experiência anterior à pesquisa, bem como nos resultados dos testes realizados por órgãos que visam a mensurar a proficiência dos alunos em leitura, conforme dados apresentados no sub-capítulo acima, constatamos que se faz necessário que o professor ensine o aluno a ler para que as práticas de leitura aconteçam de maneira sistemática. Nesse sentido é que propusemos esta intervenção, que apresentou uma proposta de ensino de leitura, através de oficinas nas quais foi oportunizado aos alunos o contato com o gênero conto. Nesses momentos, os alunos fizeram, além das leituras, como atividade extraclasse, registros de comentários em um blog, acerca de suas impressões sobre as atividades, apontando assim os limites e as contribuições efetivas do processo de leitura crítica.

Com isso, esperávamos que o aluno percebesse quão necessário é a prática cotidiana de leitura e o acesso ao mundo tecnológico e digital para sua inserção social e para a melhoria da qualidade de sua aprendizagem. No intuito de alcançar, pois, os objetivos propostos nesta pesquisa foi necessário seguirmos uma metodologia que nos orientasse no sentido de escolhermos e estabelecermos as ações que auxiliassem na consecução da meta que desejávamos atingir.

Sendo assim, como se tratou de um projeto de intervenção, desenvolvido em uma escola pública da rede estadual de Feira de Santana, para a aplicação desse trabalho, em primeiro lugar, submetemo-lo ao Comitê de Ética da UEFS, através da Plataforma Brasil, depois do parecer favorável deste órgão para o nosso projeto (cf. anexos 2 – 7), socializamo-lo para a comunidade escolar (direção e professores), destacando a relevância da pesquisa e os objetivos que se pretendia alcançar com a mesma e buscamos a autorização da direção do colégio (cf. anexo 10), para aplicar o referido projeto.

Em seguida, levamos ao conhecimento dos pais e/ou responsáveis a proposta de intervenção que pretendíamos aplicar. Para tanto, fizemos uma reunião para mostrar-lhes a importância que esta pesquisa terá para a aprendizagem dos alunos, além de esclarecer que todas as despesas com materiais a serem utilizados para a aplicação do projeto seriam de responsabilidade do pesquisador ou da escola, e ainda que as atividades seriam aplicadas durante as aulas de Língua Portuguesa. Como o público a que se destina esse projeto é constituído por adolescentes menores de idade (faixa etária entre 13 e 17 anos) foi solicitada dos pais/responsáveis uma autorização para que o aluno participasse da pesquisa, mediante a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (cf. anexo 11). Além disso, recolhemos também a assinatura de um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (cf. anexo 12) por parte dos alunos.

Depois de concluída a etapa de apreciação/aprovação do projeto por parte do comitê de ética, da direção da escola, dos pais e dos alunos, aplicamos uma sondagem através de um questionário<sup>4</sup> que constou de três partes complementares: a primeira pretendia conhecer o perfil sociológico dos sujeitos visados no estudo e, para tanto, questionamos sobre faixa etária, média de remuneração dos pais, tipo de escola frequentada anteriormente; a segunda pretendia conhecer as concepções dos alunos acerca da leitura realizada até então, a exemplo da visão que cada aluno tem acerca de leitura, que tipo de contato mantém com materiais de leitura, as leituras preferidas, se em casa há alguém que o incentive a ler, quando se deu o primeiro contato do aluno com livros, revistas, enfim, materiais de leitura, entre outras; e a terceira, investigava a relação dos alunos com a tecnologia.

O projeto de intervenção propôs um trabalho sistemático de leitura a partir do gênero conto, a fim de promover o contato constante dos alunos com esse material significativo de leitura. O propósito maior era motivar o interesse do aluno pela continuidade de tais práticas em outros momentos e/ou ambientes que não sejam as aulas de Língua Portuguesa ou a

---

<sup>4</sup> Cf. apêndices 1, 2 e 3

escola. Isto porque, segundo Foucambert (1994), “A escola deve ajudar a criança a tornar-se leitor dos textos que circulam no social e não limitá-la à leitura de um texto pedagógico, destinado apenas a ensiná-la a ler.” (p. 10)

A escolha do gênero conto se deu por ser uma narrativa curta, uma vez que a maioria dos alunos não está familiarizada com a análise, na escola, de textos longos, como romances, novelas, etc. Assim, acreditamos que o gênero escolhido para o desenvolvimento de atividades pedagógicas que visem à melhoria da relação do aluno com o ato de ler pode tornar as atividades de leitura mais atrativas para os alunos, especialmente da série visada em nosso estudo, o 7º. ano, já que as tramas que envolvem personagens, espaços, lugares, poderão suscitar a fantasia, o que facilitaria nossa intervenção, a fim de promover, nos estudantes da série visada, o gosto pela leitura. Segundo Ferrarezi Jr.; Carvalho (2017), as “narrações são as formas mais atrativas de texto para os alunos”. (p.71)

Entretanto, a extensão desse gênero não se constituiu a única razão de sua escolha. Deveu-se também à necessidade de se dar mais lugar à leitura literária na escola, uma vez que, como afirmam os PCNs de Língua Portuguesa (1997) “É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas de sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento.” (p. 30).

A partir do gênero conto, buscamos contribuir, de forma mais eficaz, para a formação de práticas efetivas de leitura dos alunos do 7º. ano do Ensino Fundamental, baseando-nos nas proposições de autores especialistas em leitura, além de desenvolver um plano de trabalho, junto aos alunos visados, contribuindo de forma mais sistemática com a situação vigente do ensino de leitura na escola.

Para tanto, foram ofertadas oficinas, visando propiciar momentos de leitura de contos, no intuito de motivar o aluno para o exercício constante do ato de ler e de ampliar as informações dos alunos acerca da importância da leitura para sua inserção social, incentivando-o ainda a fazer o registro das impressões pessoais sobre o exercício da leitura, em um diário virtual (blog), além de propor sugestões para novos leitores, ampliando assim o foco de nosso estudo, a partir da divulgação dos resultados de nosso experimento.

A fim de atingir os objetivos propostos nesta pesquisa, já que se trata de um trabalho de intervenção de uma realidade social, o tipo de abordagem adotado foi a pesquisa qualitativa. A escolha desse tipo de abordagem pauta-se nos estudos de pesquisadores que apontam a pesquisa qualitativa como a mais indicada para as Ciências Sociais, uma vez que o que nos interessa não são apenas dados numéricos, mas compreender a realidade estudada, a fim de apontar caminhos para que haja uma mudança daquilo que é apontado como problema.

Acerca da pesquisa qualitativa, Goldenberg (1999, *apud* Portela 2004) afirma que “Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa se opõem ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria” (p.2).

Nesse sentido, o presente estudo constituiu-se em uma abordagem qualitativa e tem como método de coleta e análise de dados a pesquisa-intervenção e o estudo de caso, pois se pretendeu, partindo da identificação de um problema, promover ações que pudessem modificar a realidade vigente. Adotamos o método do estudo de caso, porque partimos da análise de uma única turma de 7º ano e acreditamos que, com os resultados obtidos com ela outras realidades possam ser modificadas, partindo do que já foi feito e testado.

Segundo Goldenberg (2004), o estudo de caso tornou-se uma importante modalidade da pesquisa qualitativa, pois “considera a unidade social estudada como um todo, seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos” (p.33).

A pesquisa foi realizada em um colégio da rede pública estadual<sup>5</sup> do município de Feira de Santana que teve sua autorização para funcionamento em 09 de abril de 1988 e inaugurado em 10 de novembro desse mesmo ano. Em 1995, a unidade escolar teve autorização para implantar o Ensino Médio. A escola conta com 16 salas de aula e funciona nos três turnos. No turno matutino, funciona apenas o Ensino Fundamental II; no vespertino, há algumas turmas do Fundamental II e Ensino Médio; e, no noturno, turmas de EJA, Ensino Médio regular e Tempo Formativo Juvenil.

Esta Unidade de Ensino que, inicialmente, foi criada para atender às solicitações dos moradores da comunidade, por sentirem dificuldades em deslocarem seus filhos para estudarem em escolas localizadas em outros bairros ou no centro da cidade, vem acolhendo principalmente a comunidade da região circunvizinha que, ao contrário da população local que apresenta uma situação socioeconômica privilegiada, vive em condições precárias, concentrando diversos aspectos: um número acentuado de desempregados, subempregados e biscateiros, grande contingente de moradores que recebe renda inferior ao salário mínimo e que cumpre uma jornada de trabalho elevada, a qual se configura em maior parte no trabalho informal. A redondeza sofre também com a falta de segurança pública, estando vulnerável a assaltos, o que gera insegurança, principalmente nos alunos do noturno ao percorrer o trajeto para a escola.

---

<sup>5</sup> Informações retiradas do Projeto Político Pedagógico da escola-alvo do estudo, entregue a Núcleo Regional de Educação em 2013 .

Os alunos desta Unidade Escolar são, na sua maioria, oriundos de áreas periféricas e com baixo poder aquisitivo. São meninos e meninas desprovidos de base de alfabetização/letramento e filhos de pais que possuem pouca ou nenhuma escolaridade, o que muitas vezes influencia no não acompanhamento do rendimento escolar dos filhos. Os sujeitos da pesquisa são parte da clientela anteriormente descrita, alunos que cursam o 7º ano do Ensino Fundamental na escola.

Alguns desses adolescentes apresentam distorção entre a idade e a série que cursam, trabalham para ajudar suas famílias e convivem com problemas de drogas e alcoolismo. Muitos apresentam baixa autoestima, problemas de relacionamento interpessoal e indisciplina, uso de drogas, fatores estes que concorrem para a dificuldade na aprendizagem. São sujeitos com diferentes perspectivas, visões de mundo, diferentes culturas, crenças e valores diferenciados. Dessa maneira, a sala de aula se constitui num palco de diversidades, onde os atores sociais são frutos de uma sociedade que toma como norma os valores, costumes, usos e linguagem próprios dos grupos socialmente privilegiados.

Visando atender às necessidades desse público, propusemos como ponto de partida, após uma sondagem e uma oficina de criação e utilização de blogs, um momento de contação de histórias, por um profissional da área, visando despertar o interesse e o prazer nos alunos em participar das atividades que foram aplicadas nas aulas de língua portuguesa sob nossa coordenação, durante o período de intervenção. Nesse sentido, cuidamos para que as aulas acontecessem em uma sala de leitura que foi planejada para proporcionar aos alunos momentos prazerosos e dinâmicos, visando conquistar o leitor que se pretendia formar com a execução das atividades propostas.

Em cada encontro, com duração de uma a duas horas/aula cada um, foi proposta a leitura de contos de origens africana, indígena e europeia, quando foi ressaltada a colaboração de cada uma dessas etnias para a formação cultural e literária do povo brasileiro. Ao final da leitura de cada conto, os alunos foram incentivados a relacionarem o conteúdo lido a desenhos feitos por eles, bem como a alguma de suas vivências e/ou com outros textos que eles já tivessem lido, ampliando tais conhecimentos com pesquisas, visando relacionar com os temas lidos em classe, com o intuito de publicar os resultados de tais ações no blog criado em classe.

A necessidade de se aplicar esse projeto em um colégio público da rede estadual, em uma turma de 7º. ano, deveu-se ao fato de conhecermos os relatos de alguns alunos associados às dificuldades de compreensão das proposições feitas em momentos de avaliação. A falta de leitura adequada e eficaz não permite que desenvolvam competências necessárias para a produção de sentido do que leem, criando, nos alunos, certa aversão à atividade da leitura.



Nesse sentido, espera-se que nossa proposta de intervenção possa nortear o trabalho de outros professores de Língua Portuguesa, especificamente os de 7º. ano, preocupados com a pouca importância que esses alunos dão ao ato de ler e que, por isso, desejem, a partir da adoção de práticas significativas de leitura, estimular os discentes a tornarem efetivas as práticas de leituras. Isso porque se acredita que, ao se incorporar ao dia-a-dia do aluno práticas de leitura, torna-se possível a formação do leitor proficiente.

### 1.3 O PROJETO DE INTERVENÇÃO

É notória a falta de interesse que a maioria dos alunos tem pela leitura. Sempre que fazemos, em sala de aula, a pergunta “Quem gosta de ler”, obtemos de poucos uma resposta positiva. Apesar disso, percebemos em conversas com esses mesmos estudantes sobre redes sociais, por exemplo, que eles estão constantemente imersos no mundo da leitura e que sentem prazer em ler. Portanto, o que podemos concluir é que, na verdade, o aluno não gosta de ler os textos escolares e que esta situação se dá por conta da maneira como a escola concebe e trabalha a leitura.

Nessa perspectiva, é preciso rever a maneira como se ensina/aprende leitura na escola, uma vez que o texto precisa deixar de ser pretexto para atividades outras, a exemplo de explorações linguísticas, gramaticais e assumir seu verdadeiro papel que é o de ampliar a competência leitora do indivíduo, oferecendo-lhe ferramentas que agucem sua criticidade, curiosidade e o desejo de conhecer/descobrir/reconhecer-se nas leituras feitas na escola. Para a aplicação deste trabalho de intervenção pedagógica, foram realizadas atividades de leitura e compreensão de contos num período estimado de 20h/aulas de 50 minutos cada.

Apesar de o mais comum para a aplicação deste tipo de projeto no curso de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), ser o uso da sequência didática, fundamentada em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2010), decidimos não utilizar essa metodologia por entendermos que ela adequa-se melhor a intervenções em que ocorre a produção escrita do gênero escolhido para a proposta. Como este não é o nosso caso, preferimos organizar nossa intervenção a partir de um plano de trabalho, com a execução de atividades organizadas em planos de aula, conforme explicitado abaixo.

### 1.3.1 O Projeto Pedagógico de Intervenção

Sábio é o adágio popular *não há ventos favoráveis a quem não sabe para onde navega*. Determinar com clareza o que queremos alcançar e planejar com eficiência as ações para chegar ao desejado são condições indispensáveis para o sucesso. (MORETTO, 2009. p. 9)

O ato de planejar é algo muito importante quando se tem em mente objetivos a serem alcançados. Sendo assim, ao pensarmos o que queremos com determinadas atividades, precisamos elaborar as estratégias e escolher as ferramentas que nos ajudarão a atingir as metas estabelecidas. Como afirma Gandin (2000), “planejar é realizar um conjunto de ações, proposto para aproximar uma realidade a um ideal.” (p.18). E, ainda segundo esse autor, o planejamento, além de contribuir para que as coisas sejam bem-feitas, permite que possamos fazer o que realmente será relevante para a consecução dos objetivos.

Ou seja, quando planejamos, temos a possibilidade de escolher o melhor caminho para chegar aonde pretendemos, mesmo que tenhamos que fazer ajustes ao longo do processo uma vez que deve haver flexibilidade para retirar ou mudar uma estratégia que não deu certo, o que requer um plano bem definido das ações a serem implementadas. Como afirmam Menegolla e Sant’Anna (2001) “Planejar o processo educativo é planejar o indefinido, porque a educação não é um processo cujos resultados podem ser totalmente pré-definidos.” (p.25). É, pois, por sabermos da importância do planejamento para o sucesso de uma proposta de trabalho, que propusemos o projeto pedagógico de intervenção, a seguir, com vistas a atingir os objetivos propostos.

Para tanto, elaboramos planos de aula, definidos por Piletti (2001) como “a sistematização de todas as atividades que se desenvolvem no período de tempo em que o professor e o aluno interagem, numa dinâmica de ensino-aprendizagem.” (p. 73), estruturados em objetivos, justificativa, conteúdos, atividades, materiais/recursos e procedimentos.

Total de encontros previstos: 24 aulas

## ATIVIDADES PREVISTAS

### a) Sondagem: Questionário e Memorial de leitor

**1. Objetivos:** Conhecer as práticas de leitura dos alunos, bem como sua relação com a tecnologia.

Caracterizar os sujeitos da pesquisa.

Conhecer a história dos leitores.

**2. Justificativa:** A sondagem é uma etapa importante da nossa intervenção, uma vez que, com a aplicação do questionário e com a produção do memorial de leitor, tomaremos conhecimento sobre o perfil leitor, as práticas de leitura dos sujeitos envolvidos no estudo, sua situação socioeconômica, bem como sua história de leitor. Além disso, a partir da sondagem poderemos planejar as ações que atenderão às necessidades dos sujeitos.

**3. Conteúdos:** Sondagem e memorial de leitor.

**4. Atividades:** Aplicação de questionário e produção do memorial de leitor.

**5. Materiais/recursos:** Questionários impressos, roteiro de questões impresso e folhas de redação.

### b) Apresentação da situação: Incentivo à leitura

**1. Objetivos:** Reconhecer a importância da leitura como exercício de cidadania.

Despertar o interesse pela leitura.

Incentivar o gosto pelo ato de ler.

**2. Justificativa:** Devido ao fato de os alunos não demonstrarem gosto pelo ato de ler, as atividades propostas neste módulo serão importantes no sentido de incentivá-los a criarem práticas diárias de leitura, em sua vida intra e extraescolar.

**3. Conteúdos:** Contação de histórias; leituras; filme.

**4. Atividades:** Momento de contação de histórias; leitura e análise de HQ e conto sobre leitura; exibição do filme “A História Sem Fim”.

**5. Materiais/recursos:** *Data show*, caixa de som, *notebook*, textos impressos.

### c) Módulo 1: Criação de blog

**1. Objetivos:** Compreender a utilização de um blog;

Criar o blog da turma para o registro das impressões acerca das leituras realizadas em sala.

**2. Justificativa:** Os alunos, atualmente, encontram-se imersos em um mundo extremamente tecnológico. As tecnologias de comunicação fazem parte cada vez mais cedo da vida das pessoas, independente da classe social que ocupem. A escola, pois, não pode nem deve ficar alheia a este fato. Por isso, pensamos em aliar a atividade pedagógica da leitura com uma ferramenta tecnológica de comunicação – o blog – no intuito de motivar os alunos para o ato de ler a partir da utilização de instrumentos que lhes dão prazer e que, em sua maioria, dominam melhor que o professor – as tecnologias.

**3. Conteúdos:** Blog.

**4. Atividade:** Realização de uma oficina em que os alunos aprenderão a criar um blog e a utilizar o blog da turma para as postagens de comentários referentes às oficinas.

**5. Materiais/recursos:** Notebook, datashow, computadores.

### d) Módulo 2: Apresentação do gênero e associação das leituras dos contos às vivências

**1. Objetivos:** Conhecer o gênero textual (conto) escolhido como estratégia para a formação de leitores;

Estabelecer relações entre as situações lidas nos contos e vivências próprias ou de outrem.

**2. Justificativa:** O fato de conhecer a ausência de práticas efetivas de leitura dos alunos, bem como a aversão que eles têm por textos muito longos, como novelas, romances, motivou a escolha do gênero conto por tratar-se de texto curto, mas que apresenta um enredo completo e, na maioria das vezes, envolvente e, que, por sua pequena extensão, pode tornar-se mais atrativo para leitores iniciantes.

**3. Conteúdos:** Leituras de contos (O conto se apresenta – Moacyr Scliar; A revolta das palavras (Uma fábula moderna) – José Paulo Paes; Nas asas do condor – Milton Hatoum; Elefantes – Marcelo Coelho; Na traseira do caminhão – Dráuzio Varela).

**4. Atividade:** Ler o conto “O conto se apresenta” para apresentar o gênero aos alunos; leitura dos demais contos citados cujas situações narradas podem ser associadas às vivências próprias e/ou de outras pessoas.

**5. Materiais/recursos:** Textos impressos, folhas em branco, lápis de cor, hidrocor.

### **Módulo 3: A leitura como “fonte de prazer” e de conhecimento de outras culturas**

**1. Objetivos:** Ler para se divertir.

Despertar o gosto, o prazer de ler.

Conhecer alguns aspectos das culturas africana e indígena através da leitura de contos.

**2. Justificativa:** Os contos escolhidos para a execução deste módulo objetivam tornar o momento de leitura algo prazeroso e divertido, uma vez que o objetivo maior desta intervenção é a formação de práticas leitoras. De que outra forma se pode gostar de fazer algo se não for com alegria e diversão? Além disso, as histórias que serão lidas nas próximas aulas também trarão as contribuições dos povos indígenas e africanos para a literatura brasileira. Assim, além de se divertirem, os alunos também conhecerão um pouco da cultura desses povos.

**3. Conteúdos:** Leituras de contos africanos e indígenas.

**4. Atividade:** Leitura de contos em grupo para a busca de soluções dos problemas apresentados nos contos africanos de adivinhação e leitura de contos indígenas.

**5. Materiais/recursos:** Textos impressos.

### **Detalhamento das etapas**

#### **Encontro 01**

Duração: 02 aulas

Procedimentos: A sondagem será feita mediante a aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas e a produção do memorial de leitor, partindo de um roteiro de questões orientadoras para a escrita do texto, a fim de verificarmos quais são as práticas de leitura que os alunos possuem e de que forma se dão estes momentos, bem como traçar um perfil dos sujeitos da pesquisa e conhecer suas memórias leitoras. Esta sondagem servirá de base para a escolha dos textos e elaboração das etapas de leitura e interpretação dos contos.

#### **Encontro 02**

Duração: 02 aulas

Procedimentos: Os alunos participarão de um momento de contação de histórias que será feita por um profissional da área, no intuito de despertar neles o gosto pelo ato de ler. Ao final, será oportunizado um momento para que os alunos falem sobre a atividade, avaliando-a. Tais apreciações serão anotadas pelos alunos em uma folha que lhes será entregue para, após a criação do blog, serem postadas nesse suporte.

#### **Encontros 03 e 04**

Duração: 04 aulas

Procedimentos: Aplicar uma atividade com a imagem do personagem principal (Chico Bento) da HQ que será lida, sondando o conhecimento que os alunos têm acerca dele e pedir que eles façam uma relação do título/questão (Ler para quê?) da HQ, que será lida a seguir, com o personagem, levantando hipóteses acerca de por que ele questiona a necessidade de aprender a ler. Proporcionar um momento para a socialização das respostas às questões propostas. Em seguida, fazer a leitura da HQ e incentivá-los a expor oralmente suas ideias sobre o que foi

lido e sobre a confirmação ou não das hipóteses levantadas durante a execução da atividade anterior. Na aula seguinte, apresentar o título do conto de Clarice Lispector, inquirindo-os sobre qual seria a história contada em um texto com tal título. Após as explicações, fazer a leitura do texto e, mais uma vez, abrir espaço para as discussões orais. Ao final do encontro, pedir que eles registrem de que forma os textos lidos demonstraram a importância do ato de ler e, até que ponto, despertaram neles interesse pela leitura. Estas impressões feitas em sala de aula deverão ser, depois, postadas no blog. Na terceira aula, solicitar que os alunos destaquem no texto “Felicidade clandestina” as palavras cujos significados não conhecem e, depois, consultar um dicionário para descobrir o que significam.

### **Encontros 05 e 06**

Duração: 03 aulas

Procedimentos: Exibir o filme “A História Sem Fim” com o intuito de demonstrar para os alunos como o envolvimento em momentos de leitura pode proporcionar prazer na medida em que é possível vivenciar o que se lê. Após assistirem ao filme, os alunos terão a oportunidade de exporem oralmente suas impressões além de relatarem se, ao ler algum livro e/ou texto, tiveram também a sensação de fazerem “uma viagem” e como foi a experiência. Farão também comentários sobre o filme no blog.

### **Encontro 07**

Duração: 02 aulas

Procedimentos: Os alunos serão conduzidos para o laboratório de informática, onde aprenderão a criar um blog bem como a utilizar o blog da turma em que eles interagirão a partir das próximas aulas. Nesse momento, os alunos escolherão pseudônimos para participarem da interação. Ao final da oficina, os alunos testarão a apreensão dos conhecimentos com as primeiras postagens no blog, fazendo a avaliação da oficina. Depois, como atividade extraclasse, postarão as apreciações das oficinas anteriores.

## **Encontros 08 a 10 – O conto: metáfora<sup>6</sup> da vida**

Duração: 05 aulas

### Aula 01

Procedimentos: Inicialmente, levantar-se-ão os conhecimentos prévios dos alunos acerca do gênero conto (o que é, exemplos conhecidos). Depois, pedir que levantem hipóteses com relação ao assunto do texto a partir do título. Leitura do texto de Moacyr Scliar “O conto de apresenta”. Registro oral sobre a confirmação ou não das hipóteses levantadas e sobre as informações trazidas pelo texto sobre o gênero textual em estudo (conceito, características). Como atividade extraclasse, solicitar que postem no blog os comentários acerca da atividade desenvolvida na aula e o relato de leitura de algum conto que tenha sido feita em momento anterior à aula.

### Aula 02

Procedimentos: Começar a aula perguntando aos alunos o que, para eles, poderia ser uma revolta das palavras, que situações poderiam ocorrer caso isto de fato acontecesse e o que poderia motivar essa revolta. Após a exposição oral das opiniões dos alunos, fazer a leitura do texto “A revolta das palavras (Uma fábula moderna)”, de José Paulo Paes. Depois da leitura, questionar os alunos se eles conseguem associar algum fato narrado no conto com alguma situação já vivida ou conhecida e, também, solicitar que os alunos expressem, por escrito, o que pensam sobre a razão de algumas palavras terem se revoltado e se concordam com elas. Esses registros serão postados no blog, pela pesquisadora, e deverão ser comentados pelos alunos.

### Aulas 03, 04 e 05

Procedimentos: Formar três grupos de alunos, usando uma dinâmica que consistirá em entregar a cada aluno um trecho de três contos de fadas conhecidos para que se agrupem a partir da narrativa. Após essa organização, distribuir cópias de três contos diferentes (Nas asas do condor, Elefantes e Na traseira do caminhão). Os alunos deverão ler o conto em grupo

---

<sup>6</sup> Termo utilizado por PETIT (2009).



e discutir uma forma de apresentá-lo para os colegas. Ao final, o grupo que tiver feito a melhor apresentação no sentido de que tenha conseguido recontar a história de forma que todos a tenham compreendido, receberá um brinde. Para postagem no blog, os alunos registrarão alguma situação vivenciada por eles ou por outras pessoas que tenha semelhança com alguma das narrativas vistas.

### **Encontro 11 – Histórias de outros povos: conhecimento e diversão**

Duração: 06 aulas

Aulas 01 e 02 – Leitura de três contos africanos de adivinhação

Procedimentos: Organizar os alunos em quatro grupos, partindo de uma dinâmica, que consistirá em distribuir balas de cores diferentes e os alunos se agruparão de acordo com a cor da bala. Os grupos receberão cópias da parte inicial de cada conto e, após discussão, tentarão adivinhar as soluções dos problemas apresentados nas adivinhas. O grupo que mais se aproximar e que, ao final tiver maior número de pontos, receberá um brinde. Para conhecerem as soluções dos problemas terão que acessar o blog.

Aulas 03 e 04 – Leitura de contos indígenas

Procedimentos: Em grupos, os mesmos das aulas anteriores, os alunos farão a leitura de quatro contos indígenas diferentes e prepararão uma encenação do conto para ser apresentada como atividade de finalização do projeto.

Aulas 05 e 06 – Apresentações dos contos indígenas

Procedimentos: Nos dias 18/09 e 19/09, os grupos apresentar-se-ão para os colegas e convidados (comunidade escolar) para encerramos as atividades relacionadas à aplicação do projeto.

## Encerramento

Neste dia, os alunos escreverão depoimentos sobre leitura: o antes e o depois do projeto, bem como farão uma avaliação do mesmo. Esses depoimentos serão postados no blog e também fixados em um mural previamente preparado, na sala de leitura.

Obs.: Todas as atividades deste planejamento, exceto as que exigem um tempo maior de escrita, serão desenvolvidas na sala de leitura e também na área externa da sala (área da quadra de esportes) quando realizadas em grupos.

## **2 A LEITURA DE CONTOS NA ESCOLA PÚBLICA FEIRENSE: UM ESTUDO INTERVENCIONISTA**

Ler é atribuir significado a um texto, buscando sua compreensão, seus diversos sentidos. É, ainda, estabelecer relações entre o material lido e outros textos. O leitor competente não se limita a ler por ler. Ele questiona, cria hipóteses, vai além do que o material a ser lido lhe apresenta. Isso porque ser leitor não significa tão somente ser decifrador ou decodificador de textos.

Na concepção interacionista, o leitor é considerado sujeito ativo do processo, pois constrói o significado para o que lê. Para tanto, recorre a conhecimentos diversos que vão desde aqueles relacionados às estruturas textuais, aos enciclopédicos e aos de mundo; para interpretar um texto, o leitor baseia-se em seu repertório linguístico e extralinguístico. Como afirma Foucambert (1994), “a leitura é a atribuição de um significado ao texto escrito: 20% de informações visuais, provenientes do texto; 80% de informações que provêm do leitor; o resto é informação sonora” (p.8).

Assim, conforme explicitado anteriormente, o nosso projeto de intervenção surgiu a partir da nossa inquietação com o fato de os alunos apresentarem certas dificuldades com a leitura, o que contribuiu significativamente para que não consigam, muitas vezes, nem mesmo entender uma proposição de uma avaliação ou uma mensagem implícita de um texto. Com a nossa proposta, intentamos estimular os estudantes a (re)descobrirem o gosto pela leitura, uma vez que a maioria deles não vê a atividade de ler como algo prazeroso. Assim, corroboramos com a posição de Ferrarezi Jr. e Carvalho (2017) quando afirmam que “É urgente devolver aos nossos alunos o prazer pela leitura detida, profunda e transformadora. É urgente que a escola reaprenda como ensinar a ler.” (p.21)

Para a aplicação deste trabalho, como já informado em seções anteriores, escolhemos uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental II, da qual a pesquisadora era professora regente, formada, inicialmente, por 33 alunos, sendo que dois solicitaram transferência antes mesmo do início das atividades, restando 31 sujeitos<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Desses, um não foi autorizado pela família a participar como sujeito da pesquisa, porém não fomos comunicadas sobre a razão da negativa. Porém, como as atividades do projeto foram realizadas durante as aulas de Língua Portuguesa, este aluno recebeu todo o material preparado e participou de todas as atividades quando esteve presente nas aulas.

## 2.1 A COLETA DE DADOS

Para a aplicação das atividades do projeto foi preparada uma sala de leitura. Para isto, pedimos autorização à direção da escola para realizarmos uma reforma em uma sala que se encontrava ociosa. Então, depois de um ou dois meses de trabalho, tínhamos um espaço preparado para receber, da forma mais acolhedora, os alunos para que pudéssemos levar adiante nosso projeto. A ideia era que eles pudessem se sentir bastante à vontade para a realização das atividades. Assim, sentavam-se como desejavam e até deitavam para fazerem as leituras ou assistirem à contação de histórias e ao filme selecionado para o projeto. Fizemos também uma campanha de doação de livros e a divulgamos nas redes sociais (cf figura 1, abaixo). Para nossa satisfação, algumas pessoas atenderam ao nosso apelo e doaram livros que compõem o acervo da sala.

Figura 1: Campanha de doação de livros



Apesar de termos conseguido organizar este espaço para que fosse um lugar diferente do que os alunos estavam habituados a estarem (sala de aula, por exemplo), enfrentamos alguns problemas. Quando precisávamos fazer atividades que exigiam escrita, por exemplo, não podíamos executá-las na sala de leitura, uma vez que não existiam cadeiras e mesas. Além disso, porque o espaço “exigia” que os alunos ficassem descalços devido ao uso de tapete tipo tatame, também esbarramos em “contras”, pois alguns se recusavam a tirar os sapatos; tentamos até o uso de protetores para sapatos como os usados em hospitais, mas sem sucesso.

Entretanto, as atividades que foram executadas nesta sala foram bem sucedidas e acreditamos que isto ocorria porque os alunos se encontravam em um espaço, como dito anteriormente, diferenciado, além de bastante tranquilo, sem interferências dos barulhos comuns a uma escola com um número tão grande de alunos (média de 500 por turno) que, muitas vezes, estavam sem aulas, pelos corredores. Além disso, a sala tornou-se um espaço usado por outros professores que desejavam desenvolver atividades diferenciadas de leitura.

Figura 2: O antes e depois da sala de leitura

Foto: Sala antes da reforma



Foto: Sala pós reforma



Fonte: Arquivo pessoal da professora-pesquisadora

Para darmos início à execução das atividades propostas para a intervenção, realizamos uma sondagem que aconteceu com a aplicação de um questionário semiestruturado que, segundo Gil (1999), é “a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” (p.128) organizado em três seções (Dados sociológicos, Você leitor e Você e as tecnologias. Cf. apêndices 1, 2 e 3) compostas de 7, 8 e 5 questões, respectivamente, além da escrita de um Memorial de leitor.

Neste encontro, os alunos receberam uma cópia do questionário para que respondessem às perguntas. Durante a aplicação do questionário, alguns alunos estavam bastante inquietos, uns não sabiam o nome da rua em que moram; muitos não sabiam, precisamente, há quantos anos estudavam e um não sabia sua data de nascimento. Alguns ainda tiveram dificuldade em responder à questão sobre o significado da leitura. Para a escrita

do Memorial de leitor, foram propostas algumas questões cujas respostas, em seguida, deveriam ser usadas para a produção do texto “Minhas memórias de leitor”.

Durante a aplicação da atividade de sondagem “Memorial de leitor”, percebemos que alguns alunos não responderam a contento a questão 2, a qual os inquiria sobre suas referências de leitor, (cf. apêndices 4 e 5) ao que atribuímos problemas de interpretação de texto, certamente relacionados à falta de leituras. E, mesmo encontrando dificuldades para entender o que a questão lhes solicitava, esses alunos, em nenhum momento solicitaram nossa ajuda. Supomos que, se tivéssemos lido as questões das atividades de sondagem para os alunos, eles não teriam tido tanta dificuldade para respondê-las. No entanto, não o fizemos por não saber se isto nos era permitido em uma situação de pesquisa-intervenção.

Outro problema enfrentado durante a execução da atividade de sondagem “Memorial de Leitor” foi o momento de transformar as respostas dadas às questões propostas em um texto, porque muitos alunos não conseguiam estabelecer conexões das respostas para que o texto apresentasse coerência e coesão.

Depois de cumprida a etapa de sondagem, após conhecer melhor o perfil dos sujeitos da nossa pesquisa, passamos para a primeira atividade da etapa que chamamos de “Apresentação da situação: incentivo à leitura” cujos objetivos já foram mencionados anteriormente e que iniciou com um momento de contação de histórias feito pela professora doutora Luciene Souza Santos<sup>8</sup>. Para a realização desta atividade, pedimos a um colega que nos cedesse uma aula, pois a professora convidada só poderia naquele dia.

Os alunos foram levados para a sala de leitura (pela primeira vez, depois da reforma) onde ficaram à vontade para ouvir as histórias. Inicialmente, estavam muito inquietos, porém, depois, pararam para escutar a convidada. Ela lhes contou histórias cantadas, um caso e uma história cumulativa. Os estudantes apreciaram muito o momento, interagiram cantando, falando e até pediram que a professora voltasse outras vezes. Na aula seguinte, os alunos escreveram sobre as impressões acerca desse momento (cf. apêndice 6).

---

<sup>8</sup> Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (1999) e Especialista em Metodologia e Prática do Ensino de Língua Portuguesa pela mesma instituição (2002). Concluiu o Doutorado em Educação em 2013 e o Mestrado em Educação em 2005 pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente é professora Assistente da Universidade Estadual de Feira de Santana e atua também como Contadora de Histórias. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Gestão Escolar, Leitura e Literatura Infantil e Educação a Distância.

Figura 3: Registro da Contação de histórias

Foto: Contação de histórias



Fonte: Arquivo pessoal da professora-pesquisadora

Dando continuidade à etapa mencionada anteriormente, aplicamos uma atividade de leitura de uma história em quadrinhos com o personagem Chico Bento. Primeiro, solicitamos dos alunos o reconhecimento desse personagem e a discussão acerca de suas características, a fim de que eles pudessem levantar hipóteses que justificassem o questionamento que intitula a história “Chico Bento em: Ler para quê?” (cf. apêndices 7 e 8) e se concordavam com este questionamento. Em seguida, fizemos a leitura da HQ (cf. anexos 13, 14 e 15) para que os alunos conhecessem a narrativa e verificassem se suas hipóteses se confirmariam. Finalizando esta atividade, os alunos fizeram uma avaliação das aulas (cf. apêndice 10).

Uma terceira atividade planejada para a etapa “Apresentação da situação: incentivo à leitura” foi a leitura do conto “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector (cf. anexo 16 e 17). Fizemos a leitura em voz alta do conto para os alunos e conversamos sobre a postura da narradora com relação às humilhações sofridas em nome da realização do sonho de ter, mesmo que emprestado, o livro “Reinações de Narizinho”.

Durante a leitura do conto mencionado acima, percebemos a dificuldade de os alunos entenderem o texto devido ao desconhecimento de algumas palavras. Assim, solicitamos que eles destacassem no texto essas palavras para que pesquisassem seus significados. Então, levamo-los para a biblioteca da escola para que realizassem a consulta a dicionários e registrassem os significados encontrados em uma folha preparada para este fim (cf. apêndice 11). Alguns alunos mostraram um pouco de dificuldade para localizar as palavras no dicionário, mas, no geral, se saíram muito bem na tarefa.

Para finalizar a etapa “Apresentação da situação: incentivo à leitura”, preparamos a exibição do filme “A história sem fim”. Os alunos foram levados para a sala de leitura, onde fizemos a leitura da sinopse do filme (cf. anexo 18), explicamos os objetivos da aula e iniciamos a projeção. Como neste dia tínhamos apenas uma hora/aula, e, além disso, mesmo em duas horas/aula não daria tempo para concluir o filme, tivemos que interromper a sessão para continuar no dia seguinte. Inicialmente, alguns alunos mostraram-se desatentos e desinteressados, porém, após conseguirem se concentrar, prestaram mais atenção ao enredo e gostaram da história contada.

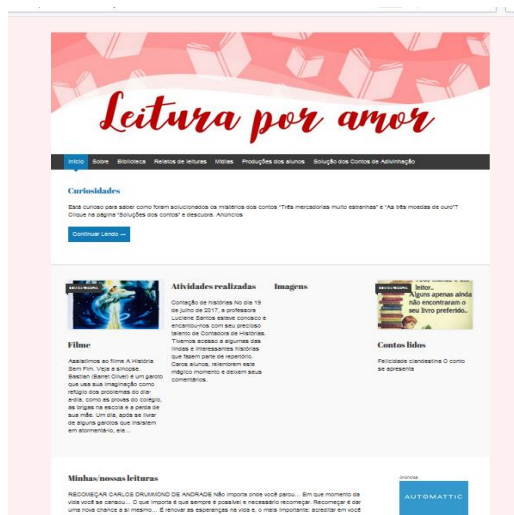
Ao final, abrimos espaço para os comentários acerca do filme, de como a leitura pode nos proporcionar viagens e perguntamos aos alunos se alguma vez eles, assim como o personagem principal da obra cinematográfica, ao lerem um livro ou um texto, também tiveram a sensação de estarem participando da história. Poucos responderam positivamente a este questionamento, já que, segundo muitos deles, nunca leram um livro todo. Solicitamos dos alunos também que, posteriormente, após a criação do blog, fizessem comentários sobre a película. Mas, infelizmente, esta última etapa não foi cumprida a contento.

Finalizada a etapa “Apresentação da situação: incentivo à leitura”, iniciamos a atividade que classificamos como “Módulo 1: Criação de blog”. Para a realização desta aula, planejamos uma oficina que aconteceria no laboratório de informática. Como só dispúnhamos de 5 computadores funcionando razoavelmente bem, resolvemos dividir os alunos em três grupos de 10 componentes. E, enquanto um grupo estivesse na oficina, os demais estudantes ficariam na biblioteca acompanhados de uma funcionária fazendo uma atividade programada. Feita essa organização, fomos com a primeira turma para o laboratório, porém não tivemos êxito na realização da oficina; em primeiro lugar, porque a internet não funcionou satisfatoriamente e, em segundo lugar, porque a funcionária designada para “cuidar” dos alunos na biblioteca não conseguiu mantê-los em ordem e, a todo momento, um deles aparecia no local onde estávamos tentando realizar a oficina para se queixar da desordem.

Assim, como a oficina no laboratório não deu certo, resolvemos fazê-la off-line. Então, exibimos para os alunos o passo a passo para a criação de um blog, mostrando-lhes as imagens do tutorial (cf. apêndices 12, 13 e 14) que foi preparado para eles. Ao final, abrimos espaço para sugestões de nomes para o blog da turma onde faríamos postagens dos textos trabalhados e dos comentários acerca das atividades. Depois de dadas as sugestões, fizemos uma votação e foi escolhido o nome do blog (<https://bogleituraporamor.wordpress.com>).



Figura 4: Imagem da página inicial do blog



Fonte: <https://blogleituraporamor.wordpress.com>

A partir da criação do blog, os alunos deveriam acessá-lo para ler os textos postados, as biografias dos autores dos contos usados e, principalmente, para exporem suas opiniões e seus comentários sobre o que era executado na escola. Mas, infelizmente, não tivemos sucesso nesta atividade, uma vez que, por mais que os incentivássemos a acessar o blog, apenas três alunos o fizeram, escrevendo apenas um comentário.

Concluída a etapa de criação do blog, passamos para as atividades que compunham o “Módulo 2: Apresentação do gênero e associação das leituras dos contos às vivências”. Para a apresentação do gênero aos alunos, escolhemos o texto “O conto se apresenta”, de Moacyr Scliar (cf. anexos 19, 20 e 21). Iniciamos a aula levantando os conhecimentos prévios deles sobre o conto (o que é, exemplos conhecidos) e, depois, pedimos que levantassem hipóteses acerca do assunto do conto a partir do título. Em seguida, fizemos a leitura oral do texto e, ao final, solicitamos que os estudantes registrassem, oralmente, se as hipóteses levantadas inicialmente se confirmaram ou não e quais as informações trazidas pelo texto sobre o gênero conto.

O desenvolvimento desta atividade foi bastante satisfatório, pois houve a participação de muitos alunos que se colocaram sobre o que leram. Para completar, como atividade extraclasse, eles deveriam acessar o blog e escrever seus comentários com relação ao que aconteceu na aula e também fazer um relato de leitura de algum conto que tivesse sido feita em momento anterior à aula. Porém, como ocorrido anteriormente, esta atividade também não foi cumprida pelos alunos.

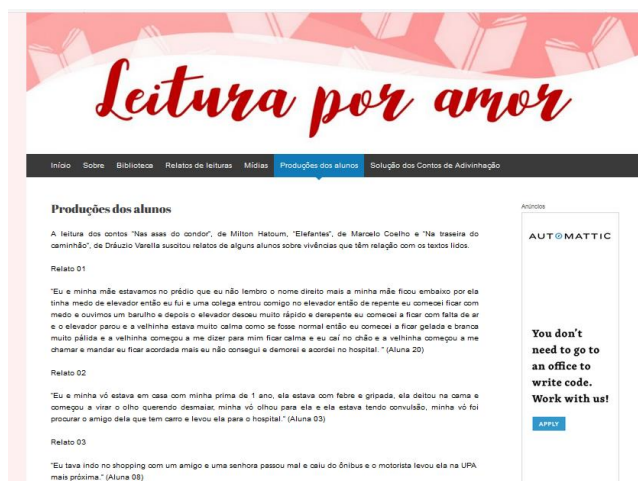
O texto escolhido para a apresentação do gênero relaciona, no final, quatro contos de diferentes autores brasileiros os quais decidimos utilizar. O primeiro, “A revolta das palavras”, de José Paulo Paes (cf. anexos 22, 23, 24 e 25) lomo-lo em voz alta depois de fazermos o levantamento de hipóteses sobre o assunto do texto partindo do título, questionando-os sobre o que poderia ser uma revolta de palavras e que situações poderiam ser geradas caso isto de fato acontecesse. Inicialmente, enfrentamos um pouco de indisciplina dos alunos que tinham dificuldade em se concentrar na leitura. No entanto, após se envolverem com os fatos que iam sendo narrados, aquietaram-se para ouvirem a história e, no momento da socialização das impressões, foram bastante participativos.

Para trabalhar os outros três contos mencionados anteriormente (Nas asas do Condor, de Milton Hatoum; Elefantes, de Marcelo Coelho; e Na traseira do caminhão, de Dráuzio Varela. Cf. anexos 26 a 34) decidimos organizar os alunos em três equipes para que cada uma fizesse a leitura de um dos contos e, depois, socializasse com os demais. Para tanto, entregamos a cada aluno um fragmento de um conto de fadas conhecido e as equipes deveriam ser formadas a partir da junção desses fragmentos. Depois de perceberem de qual equipe faziam parte, os alunos tiveram que “montar” o conto fazendo a ordenação dos “pedaços”.

Formadas as equipes, cada uma recebeu um conto diferente, distribuído para cada aluno, que deveria ser lido, discutido e o grupo decidiria como socializá-lo com os demais colegas. Organizamos as equipes em espaços diferentes: colocamos dois grupos em uma área externa, próxima à sala de leitura e o terceiro permaneceu na sala de leitura. Apesar de alguns conseguirem fazer a leitura, enfrentamos algumas dificuldades para a realização desta tarefa, pois, quando precisávamos nos ausentar de um espaço para orientar o trabalho em outro, os estudantes demonstravam muita indisciplina, atrapalhando o andamento da atividade.

Depois de lerem o conto e debaterem sobre a narrativa, mesmo com os problemas enfrentados, cada equipe posicionou-se à frente de seus colegas para socializarem a leitura feita. A tarefa foi muito bem executada, apenas uma das equipes sentiu um pouco de dificuldade para fazer o reconto do texto lido e ao que atribuímos o tamanho do conto que era o mais extenso dos três. Após a socialização das leituras, solicitamos que os alunos relatassem situações vividas por eles ou por outras pessoas que tivessem relação com alguma das histórias lidas/contadas. Alguns estudantes fizeram esses relatos que foram postados no blog, na página “Produções dos alunos” (cf. figura 5). E, assim, concluímos este módulo.

Figura 5: Imagem da página “Produções dos alunos” do blog



Fonte: <https://blogleituraporamor.wordpress.com>

Dando continuidade à aplicação do nosso projeto, partimos para a execução das atividades do “Módulo 3: A leitura como ‘fonte de prazer’ e de conhecimento de outras culturas” em que utilizamos contos africanos e indígenas. Para o trabalho com a cultura africana, escolhemos três contos que fazem parte do livro “Três contos de adivinhação”, de Rogério Andrade Barbosa (cf. anexos 35 a 39). Organizamos os alunos em quatro grupos a partir de uma dinâmica, que consistiu em distribuir balas de cores diferentes e os alunos se agruparam de acordo com a cor da bala. Os grupos receberam cópias da parte inicial de cada conto e, após discussão, tentaram adivinhar as soluções dos problemas apresentados nas adivinhas, escrevendo-as em uma folha com a proposta da atividade a ser executada (cf. apêndices 15, 16 e 17).

A execução desta tarefa foi bastante proveitosa, pois percebemos um envolvimento muito intenso dos alunos, tentando descobrir a solução para os problemas apresentados nos contos. Tanto o foi, que tínhamos pensado em desenvolver esta atividade em duas horas/aula e tivemos que estendê-la por mais duas. Alguns alunos apenas conseguiam repetir os passos seguidos pelo personagem para tentar solucionar o problema, mas não chegaram a desvendar os mistérios. Somente a solução da adivinha do conto “Três gravetos” foi desvendada por uma das equipes. Para conhecerem as soluções dos problemas dos outros dois contos deveriam acessar o blog, entretanto, mesmo ficando curiosos para saberem como terminavam os contos, não o fizeram.

Em sequência, realizamos as leituras dos contos indígenas selecionados do livro “Contos indígenas brasileiros”, de Daniel Munduruku (cf. anexos 40 a 51). Escolhemos quatro contos pertencentes a povos distintos. Antes de iniciarmos as leituras, retomamos uma

informação dada no conto de Scliar, já citado anteriormente, que antigamente as histórias procuravam explicar as coisas para destacar uma característica principal das narrativas deste povo. A princípio, tínhamos planejado a organização dos alunos em grupos para que cada um fizesse a leitura de um conto e preparasse uma apresentação teatral do mesmo. Porém, depois das experiências não muito positivas das atividades em equipe e por ver a necessidade de fazermos coletivamente essas leituras, decidimos mudar o planejamento.

Os dois primeiros contos “Do mundo do centro da Terra ao mundo de cima” e “O roubo do fogo” foram lidos em voz alta depois de solicitar que os alunos levantassem hipóteses acerca dos assuntos tratados nos textos. Ao final, buscamos verificar se os estudantes conseguiram identificar o que o conto tentava explicar. Para o trabalho com o texto “Por que o sol anda tão devagar”, colocamos em uma caixa algumas palavras retiradas dele e solicitamos que um aluno por vez a lesse e tentasse inferir sobre o assunto do conto. Eles se envolveram bem na atividade, mas suas hipóteses nem se aproximaram da narrativa.

A leitura do quarto e último conto “Depois do dilúvio” também se deu em voz alta e depois de solicitarmos aos alunos levantamento de hipóteses sobre o enredo. Terminadas essas leituras, aplicamos uma atividade que consistia em o aluno desenhar uma cena do conto indígena de que mais gostou (cf. apêndice 18) e, depois, compartilhar com os colegas suas impressões. Para encerrar a nossa intervenção, fizemos uma roda de conversa e solicitamos, que para esta roda, os alunos trouxessem um texto que já tivessem lido e de que gostassem muito, mas apenas uma aluna atendeu à solicitação. Organizamos um lanche e realizamos o sorteio de alguns paradidáticos para os alunos.

Como avaliação final da intervenção, propusemos uma enquete com perguntas fechadas e abertas (cf. apêndices 19 e 20) na qual os alunos deveriam falar sobre as atividades do projeto, apontando aspectos positivos e negativos. Além disso, eles deveriam registrar o que mudou em sua concepção de leitura depois do projeto e sugerir formas de melhorar o trabalho com leitura na escola.

## 2.2 CONHECENDO OS SUJEITOS E SUAS PRÁTICAS LEITORAS

É necessário que o professor busque formação constante a fim de se apropriar de fundamentações teóricas que embasem o trabalho de leitura em sala de aula que prime por despertar no aluno o interesse pelo ato de ler. Para isso, o docente precisa, por exemplo, conhecer as concepções relacionadas à leitura e, principalmente, à ideia de texto para que

possa ter mais critério no momento em que planejar suas aulas e em que for selecionar o material que será lido pelos estudantes.

O texto, assim como qualquer objeto de estudo, pode ter concepções diferentes a depender da teoria adotada e, mesmo no campo da Linguística Textual, ocorre variação em seu conceito, conforme mude o autor e/ou a orientação teórica que se adote. E, ainda que tal conceito tenha variado muito desde as origens da Linguística do Texto até os dias de hoje, deixando “de ser entendido como uma estrutura acabada (produto), passando a ser abordado no seu próprio processo de planejamento, verbalização e construção”. (KOCH, 1998, p. 21), a escola não acompanhou essa mudança de concepção, utilizando-o apenas como uma ilustração ou ainda como um produto nas aulas de língua.

O aluno precisa, então, aprender a ler. Para isso, como afirma Cafiero (2010), a escola precisa sistematizar o trabalho com textos, principalmente os que circulam socialmente para que tais ações façam sentido na vida do indivíduo uma vez que ele aprenderá a ler esses textos o que o ajudará a atuar como cidadão.

Partindo, pois, desta ideia de que os textos lidos na sala de aula precisam sintonizar-se com a vida social do estudante e, ao ter conhecimento de que os textos fazem parte de grupos, que se formam de acordo com a apresentação de características comuns, os quais são chamados de gêneros textuais, é que o professor deve, ao planejar atividades de leitura, escolher textos com os quais os alunos costumam ter contato também fora da escola e que pertençam a gêneros diversos. Assim, é necessário que o professor conheça mais sobre gêneros textuais.

O que se nota é que a escola oferece ao aluno, muitas vezes através do livro didático, uma variedade muito grande de textos sem a preocupação de orientá-los quanto ao pertencimento daquele texto a um gênero específico e nem mesmo tem a sensibilidade de ensinar o aluno como ler, e o gosto pela leitura. Dessa maneira, por exemplo, a leitura de uma receita é feita da mesma forma que a de um poema. O aluno não aprende que para cada gênero ele precisa utilizar estratégias diferenciadas de leitura.

O professor de Língua Portuguesa tem, portanto, uma grande quantidade de gêneros textuais à disposição para que possa utilizar nas aulas de leitura, basta a ele fazer uma seleção dos que melhor se adéquem à sua realidade e aos seus objetivos. Para isso, o professor deve ter a sensibilidade de perceber de que maneira o trabalho com dado gênero poderá ajudar na formação de leitores proficientes e até que ponto sua escolha atrairá a atenção dos alunos, a fim de que seja despertado neles o gosto e o prazer de ler.

Tendo à sua disposição uma quantidade infinita de gêneros, o professor precisa ser hábil para escolher aquele(s) que atenda(m) mais satisfatoriamente aos seus objetivos, levando em conta também os interesses do seu público-alvo. A seleção inadequada do gênero poderá tornar o trabalho com leitura desastroso. Em virtude disso, a aplicação de sequências didáticas com o conto buscará alcançar os resultados esperados com esta intervenção, pelas razões já mencionadas.

O conto é um texto de ficção curto, de estrutura fechada, com um único conflito, e, como toda narrativa, apresenta narrador, personagens, ponto de vista e enredo. O espaço e o tempo em que a ação acontece também são limitados e são poucas as personagens envolvidas na trama.

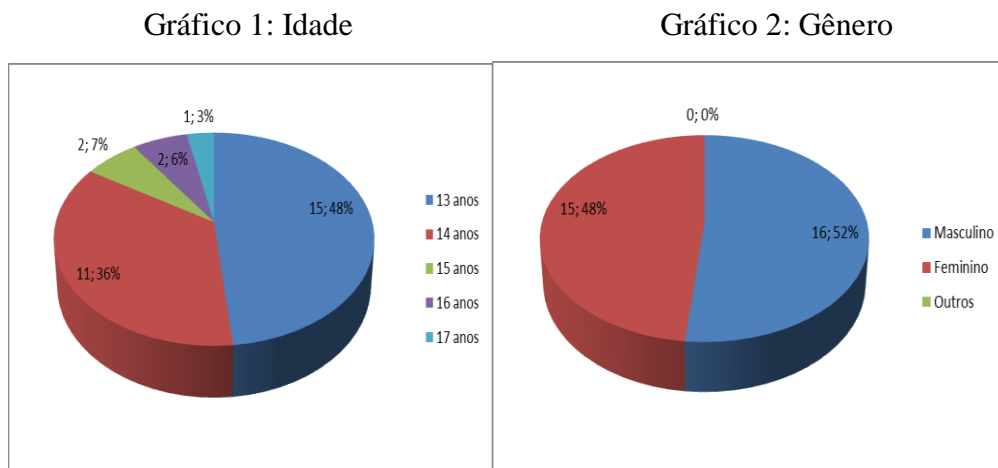
Segundo Moisés (2001), não se sabe ao certo quando o conto surgiu, mas ele acredita que esse gênero possa ser a “matriz” para a prosa de ficção. Apesar de não se ter certeza da época exata em que o conto surgiu, estudiosos afirmam que ele existe desde antes de Cristo apontando, inclusive, narrativas bíblicas, como as histórias de Caim e Abel, de Salomé, de Rute, entre outras como pertencentes a esse gênero.

Depois de discutirmos os conceitos de texto, gêneros textuais e conto, apresentamos a seguir a análise dos resultados da nossa intervenção.

Pela aplicação do questionário de sondagem e do memorial de leitor, foi-nos possível conhecer alguns aspectos sociológicos dos sujeitos da pesquisa, dos quais destacamos a identificação do gênero, com quem moram, quantas das pessoas com quem convivem trabalham e há quanto tempo estudam, além disso pudemos saber qual a visão que os 30 alunos tinham de leitura, de que forma se davam os contatos deles com esta atividade, quais suas preferências e de que maneira a família colabora (ou não) para a formação leitora deles.

Essa turma é formada por meninos e meninas com idade entre 13 e 17 anos, com maioria, 52%, do sexo masculino (cf. gráficos 1 e 2, respectivamente). São jovens que moram no bairro onde a escola está situada ou em outros bairros vizinhos.

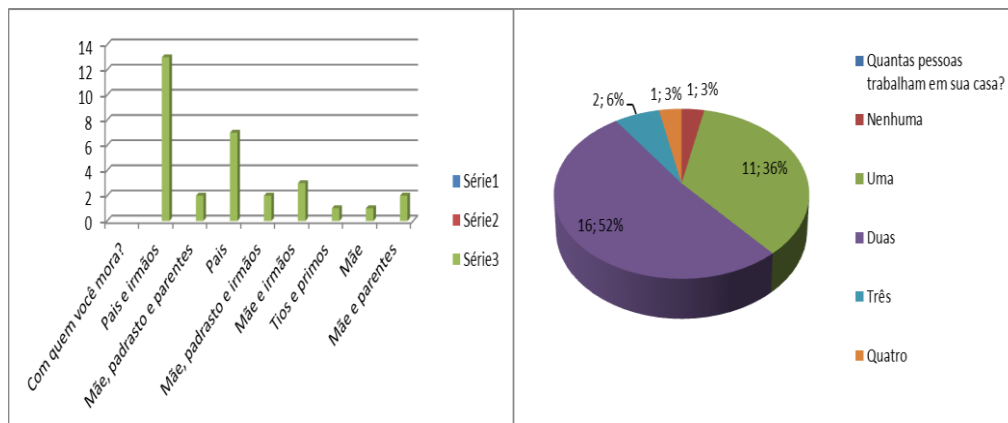
Figura 6: Gráficos relativos ao perfil sociológico dos sujeitos da pesquisa



Fonte: Questionário de sondagem, criado especialmente para esta pesquisa

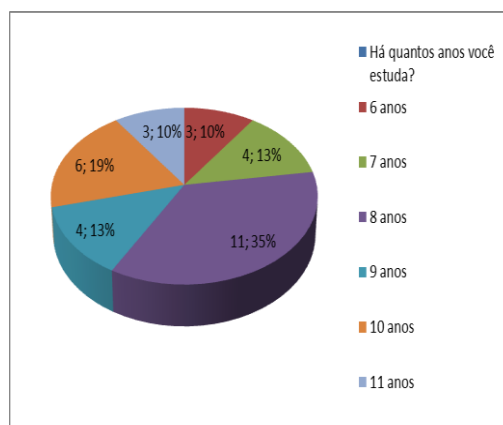
Como pode ser visto pelos gráficos 3, 4 e 5 estes sujeitos vivem, em sua maioria, 43%, com pais e irmãos, tendo em casa, majoritariamente, 52%, duas pessoas que proveem o sustento da família. Grande parte destes estudantes, 77%, já estuda há 8 anos (ou mais) e em escolas públicas.

Gráfico 3: Com quem vivem os alunos      Gráfico 4: Quantas pessoas trabalham



Fonte: Questionário de sondagem, criado especialmente para esta pesquisa

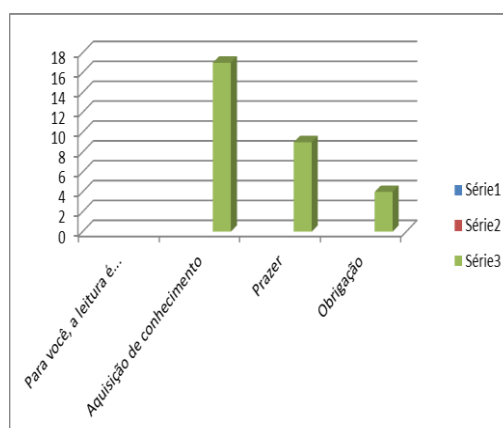
Gráfico 5: Tempo de estudo



Fonte: Questionário de sondagem, criado especialmente para esta pesquisa

Os dados da figura 7 revelam que a maioria dos alunos, 57%, concebe a leitura como meio de aquisição de conhecimento, 30% considera a leitura como uma atividade prazerosa e apenas 13% a veem como uma obrigação. Estes elementos confirmam a informação trazida pela pesquisa “Retratos de leitura no Brasil” de 2008<sup>9</sup> segundo a qual, devido ao fato de as pessoas não reconhecerem a importância da leitura, 45,2 milhões de brasileiros, 26% dos entrevistados, veem a leitura somente ligada ao conhecimento. Porém, refuta os dados da referida pesquisa os quais afirmam que as mulheres leem por prazer muito mais do que os homens, pois das 15 alunas participantes da nossa pesquisa, apenas 40%, informaram ver a leitura como prazer.

Figura 7: Gráfico relativo à resposta à questão 1, da seção 2, do questionário de sondagem



Fonte: Questionário de sondagem, criado especialmente para esta pesquisa

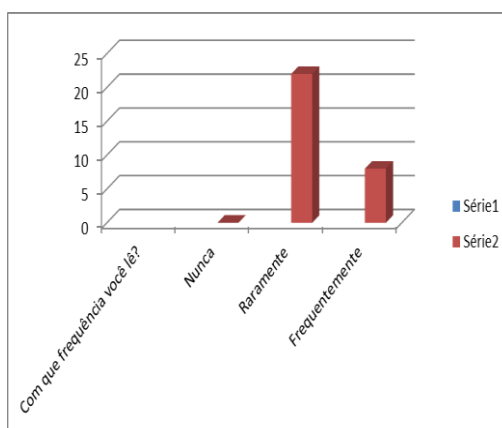
<sup>9</sup> A 2ª Edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil - foi realizada pelo IPL que contratou o IBOPE Inteligência para sua aplicação em 2007. Foi lançada em 2008.



Estes dados corroboram ainda o pensamento de Cosson (2014) quando declara “A leitura não é uma forma comum de lazer. Ler como diversão é a atividade preferida de apenas 28% da população, sendo que deste número somente pouco mais da metade afirma ler com frequência.” (p.12) e os dados da pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” os quais revelam que a leitura ocupa a quarta posição na preferência dos brasileiros como atividade de lazer, ficando atrás da televisão (77%), de ouvir música (53%) e de descansar.

E a sondagem ainda ratifica a fala do autor no que se refere à frequência com que se lê. Conforme se pode verificar pelos dados da figura 8 abaixo, dos 30 alunos que responderam à questão 2 (Com que frequência você lê?) apenas 8, 27%, afirmaram ler frequentemente. Apesar de serem 31 alunos os que fizeram parte da pesquisa, um não respondeu à maioria das questões da Seção 2: Você leitor. Provavelmente isto tenha acontecido por falta de atenção e ele não percebeu que existiam questões no verso da primeira página.

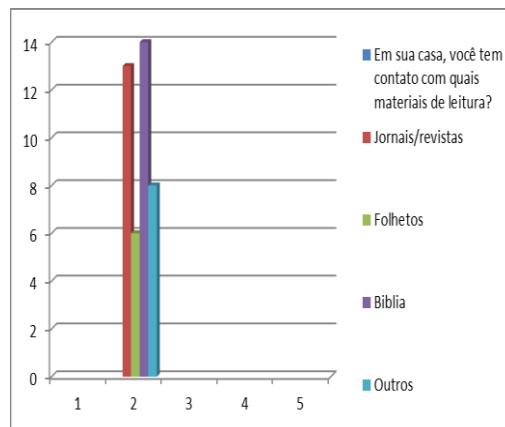
Figura 8: Gráfico relativo à resposta à questão 2, da seção 2, do questionário de sondagem



Fonte: Questionário de sondagem, criado especialmente para esta pesquisa

Dentre os materiais de leitura com que os alunos têm contato em casa, podemos verificar, pelos dados da figura 9, que a Bíblia ocupa a primeira posição, seguida de jornais e revistas e depois de outros em que são citados os livros, na maioria das vezes, os didáticos.

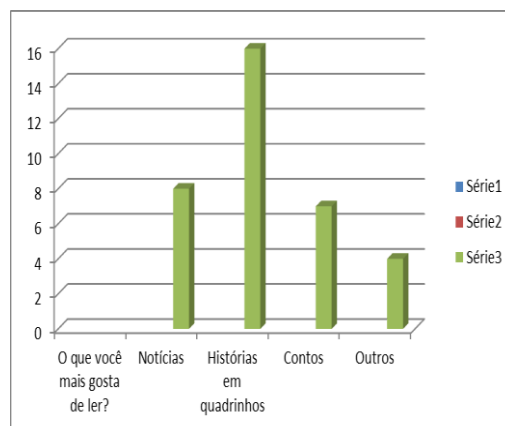
Figura 9: Gráfico relativo à resposta à questão 3, da seção 2, do questionário de sondagem



Fonte: Questionário de sondagem, criado especialmente para esta pesquisa

Pela figura 10 constatamos que o gênero textual preferido dos alunos são as histórias em quadrinhos, depois as notícias e os contos. Em comparação com os achados da pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” sobre os gêneros que despontam como o mais acessível aos leitores, percebemos uma equivalência entre os dados dela e os da nossa, uma vez que a primeira constatou também que a Bíblia é apontada por 45% dos entrevistados como o que mais é lido.

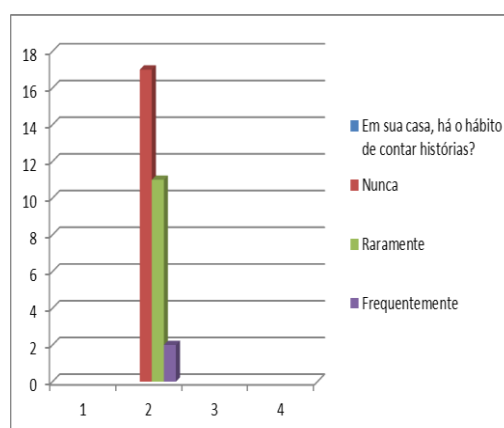
Figura 10: Gráfico relativo à resposta à questão 4, da seção 2, do questionário de sondagem



Fonte: Questionário de sondagem, criado especialmente para esta pesquisa

Analisando a figura 11 notamos que dentre os lares dos 30 alunos que responderam à questão 6, sobre o hábito de contação de histórias, em 57%, tal atividade inexistente e, em apenas 7% acontece com frequência.

Figura 11: Gráfico relativo à resposta à questão 6, da seção 2, do questionário de sondagem



Fonte: Questionário de sondagem, criado especialmente para esta pesquisa

Com relação à importância da contação de histórias, Petit (2009) assevera que é importante contar histórias aos bebês para que, quando crescerem, também aprendam a contar, aprendizado que se dá pela interação com o adulto que lhe transmite gosto pela narração.

Apesar de não estarem habituados à prática de contação de histórias, o momento que foi proporcionado aos alunos os encantou de veras. Pudemos perceber o quanto se envolveram com as histórias que iam sendo contadas/cantadas pela posição atenciosa como se portaram. Além disso, os depoimentos dados por eles em aula posterior também ratificam o quanto gostaram do momento, elogiando muito a atividade e desejando repetirem a experiência. Um dos alunos, inclusive, relatou não saber que existiam contadores de história. A exemplo disto, destacamos os comentários dos alunos 1, 16 e 26<sup>10</sup>:

<sup>10</sup> Utilizamos números para identificar os sujeitos da nossa pesquisa.

Figura 12: Depoimentos sobre a contação de histórias

## Depoimento do aluno 26

**OFICINA**  
**1**

## Contação de histórias

**OBJETIVOS:**

- Despertar no aluno o gosto/interesse pela leitura, a partir da contação de histórias;
- Avaliar o momento de contação de histórias, solicitando que os alunos exponham suas impressões através de um texto escrito.

Escreva, abaixo, sobre suas impressões acerca da atividade de contação de histórias realizada na última aula. (Do que mais gostou, do que não gostou, como se sentiu durante a contação de histórias?).

No última aula, nós fomos a uma sala muito legal, Nessa era linda, tinha um fedor de cola, mais isso não atrapalhou aquele momento magico, foram contadas 4 histórias muito legais. O que eu mais gostei foi da professora, ela era simpática e muito alegre seus olhos brilhavam ao contar as histórias, seu nome era Luciene, a professora Luciana também estava alegre, eu percebi pelo seu lindo sorriso e sintilante que me enchia de alegria. O que eu não gostei foi do fedor de cola que empestiava a sala. Eu me senti calmo por que minha alma se enchia de alegria, não pensava em nada pois minha cabeça estava nas histórias ela estava voando nesse maravilhoso mundo da imaginação.

Na última aula, nós fomos a uma sala muito legal, Nessa era linda, tinha um fedor de cola, mais isso não atrapalhou aquele momento magico, foram contadas 4 histórias muito legais. O que eu mais gostei foi da professora, ela era simpática e muito alegre seus olhos brilhavam ao contar as histórias, seu nome era Luciene, a professora Luciana também estava alegre eu percebi pelo seu lindo sorriso sintilante que me enchia de alegria. O que eu não gostei foi do fedor de cola que empestiava a sala. Eu me senti calmo por que minha alma se enchia de alegria, não pensava em nada pois minha cabeça estava nas histórias ela estava voando nesse maravilhoso mundo da imaginação. (sic)

Fonte: Pesquisa de campo

## Depoimento do aluno 16

**OFICINA**  
**1**

## Contação de histórias

**OBJETIVOS:**

- Despertar no aluno o gosto/interesse pela leitura, a partir da contação de histórias;
- Avaliar o momento de contação de histórias, solicitando que os alunos exponham suas impressões através de um texto escrito.

Escreva, abaixo, sobre suas impressões acerca da atividade de contação de histórias realizada na última aula. (Do que mais gostou, do que não gostou, como se sentiu durante a contação de histórias?).

O que eu mais gostei foi de ter ido na Sala de leitura de livros e que eu não gostei foi de ter tido pouca história poderia ter mais mais eu me sentia muito mais muito feliz não só de ter ido mais por ter conhecido pela primeira vez uma contadora de história que se chamava Luciene eu nem sabia que existia contadoras de histórias.

10

A leitura de contos na escola pública feirense

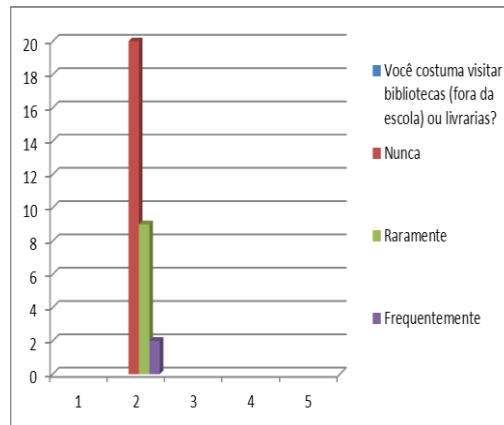
Profletr@S

O que eu mais gostei Foi de ter ido na Sala de leitura o que eu não gostei Foi de Ter Tido pouca história poderia ter mais mais eu me Sentir muito mais muito Feliz não só de Ter ido mais Por Ter conhecido Pela Primeira vez uma contadora de história que se chamava Luciene eu nem sabia que existia contadoras de histórias. (sic)

Fonte: Pesquisa de campo

Sobre terem o costume de frequentar bibliotecas fora da escola e/ou livrarias, apenas 7% afirmaram fazê-lo com frequência, como se pode confirmar pelos dados apresentados na figura 13 a seguir. Segundo a pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”, as bibliotecas escolares são mais frequentadas que as públicas porque a maioria dos entrevistados acredita que estes espaços são apenas destinados para quem estuda.

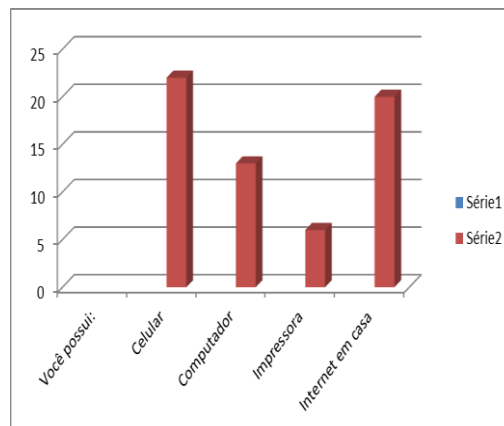
Figura 13: Gráfico relativo à resposta à questão 7, da seção 2, do questionário de sondagem



Fonte: Questionário de sondagem, criado especialmente para esta pesquisa

Analisando a seção 3 (Você e as tecnologias) do questionário de sondagem, constatamos que, independentemente de classe social, os aparatos tecnológicos fazem parte da vida da maioria das pessoas. A figura 14 traz dados que confirmam esta informação, pois grande parte dos alunos informaram possuir celular e muitos dispõem de internet em casa.

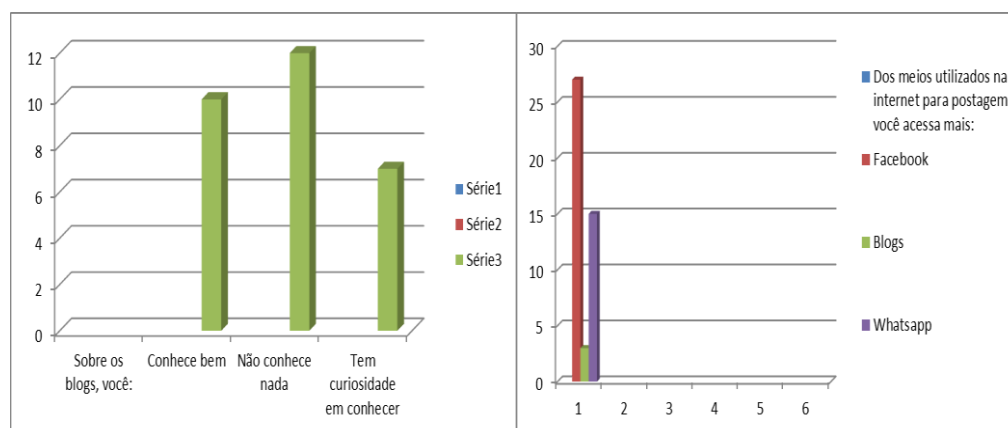
Figura 14: Gráfico relativo à resposta à questão 1, da seção 3, do questionário de sondagem



Fonte: Questionário de sondagem, criado especialmente para esta pesquisa

Ainda no tocante ao mundo tecnológico, os sujeitos da nossa pesquisa foram questionados sobre a familiaridade com as redes sociais e constatamos que o Facebook é o meio mais utilizado por eles para realizarem postagens na internet. Além disso, a maioria dos alunos, 40%, afirmaram não conhecerem bem os blogs. As informações apresentadas na figura 15 mostram isso.

Figura 15: Gráficos relativos às respostas às questões 4 e 5, da seção 3, do questionário de sondagem



Fonte: Questionário de sondagem, criado especialmente para esta pesquisa

No intuito de buscar uma inovação no trabalho pedagógico com leitura é que propusemos a utilização de um blog como ferramenta de divulgação das leituras realizadas dentro e fora da escola e um espaço de discussão acerca da compreensão dos textos. Os blogs, segundo Heine (2010), são diários digitais nos quais as pessoas escrevem sobre si na internet, implantando “um novo espaço enunciativo que se encontra no limiar entre o público (a Internet) e o privado (seu caráter intimista)” (p. 13). Porém, como nem todo blog é pessoal, como afirmam Aguaded e Baltazar (s/d), o nosso foi criado para ser utilizado coletivamente.

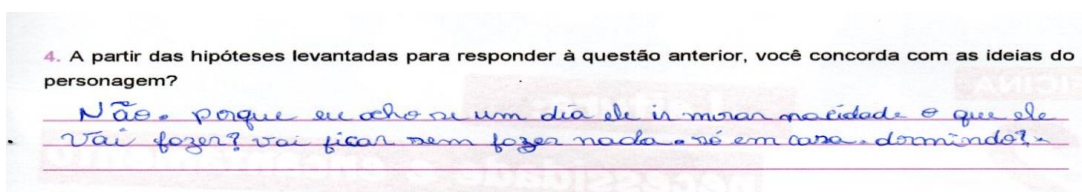
Quando questionados sobre referências de leitor (questão 2 do memorial de leitor), apenas 6 mencionaram algum familiar como ocupante deste papel e a maioria, ao responder à pergunta sobre o livro que marcou a infância, afirmou não ter este marco por não terem o hábito de ler quando pequenos. Segundo Petit (2009) a figura de um mediador de leitura é bastante relevante para a formação leitora, ou seja, a criança, o adolescente necessita ter algum modelo de leitor para seguir. E, se este mediador não é o pai ou a mãe, que seja um professor, um bibliotecário, um amigo, enfim, alguém que lhe mostre a importância de ler.

Analisando as respostas dadas às questões 3 e 4 da primeira atividade da oficina 2 (cf. apêndices 7 e 8), observamos que 23% dos alunos atribuíram a falta de interesse do personagem Chico Bento pela aprendizagem da leitura ao fato de não ser algo necessário para a sua vida já que de nada serviria saber ler para fazer as atividades da roça. E estes mesmos estudantes afirmaram, na questão 4, que não concordavam com a posição do personagem, pois consideram a leitura importante.

Além disso, pudemos perceber que grande parte dos alunos, 40%, acredita que é necessário que Chico saiba ler para o caso de ele precisar sair do ambiente onde vive e ir para outro lugar, para a cidade, por exemplo, ou ainda para saber se localizar onde estiver (cf. figuras 16). Ou seja, de certa forma, apesar de discordarem do personagem, eles também pensam que ele só deve aprender ler para o caso de necessitar sair do campo.

Figura 16: Respostas à questão 4 da atividade de reconhecimento de personagem

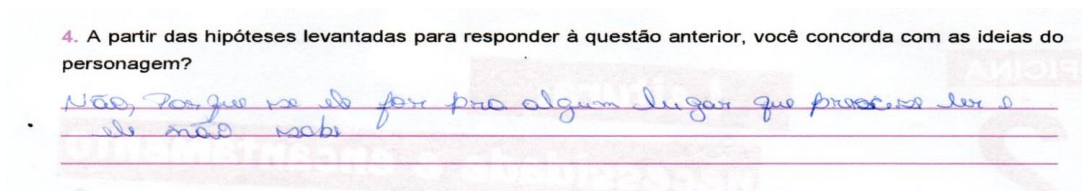
#### Aluna 13



Não. Porque eu acho se um dia ele ir morar na cidade o que ele vai fazer? vai ficar sem fazer nada. só em casa. dormindo? (sic)

Fonte: Questionário de sondagem, criado especialmente para esta pesquisa

#### Aluna 14



Não. Porque eu acho se ele for pra algum lugar que precise ler e ele não sabe. (sic)

Fonte: Questionário de sondagem, criado especialmente para esta pesquisa

Certamente, a ausência de práticas efetivas de leitura na vida dos estudantes, em especial dos sujeitos da nossa pesquisa, além de não colaborar para que o ato de ler seja visto como uma atividade prazerosa e frequente, prejudica a compreensão de textos que apresentem palavras consideradas “difíceis” pelos estudantes, já que não fazem parte do vocabulário deles justamente pelas poucas leituras. Pudemos comprovar isto quando da leitura do conto “Felicidade clandestina”, o qual não foi bem compreendido porque tinha palavras cujos significados os alunos não conheciam. Partindo deste pressuposto foi que, ao perceber a dificuldade de compreensão do texto “Felicidade Clandestina”, decidimos realizar a atividade de consulta ao dicionário a fim de facilitar o entendimento do conto.

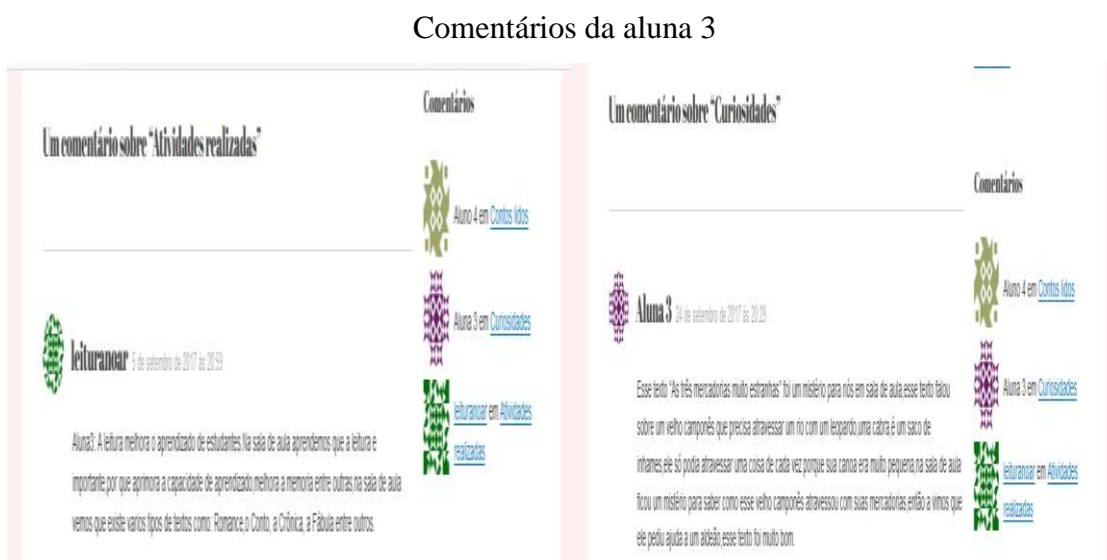


Examinando os registros das impressões acerca dos textos “Ler para quê?” e “Felicidade clandestina” (cf. apêndice 9), percebemos que os alunos têm dificuldade de executar mais de um comando por vez. Isto porque apenas 10% dos estudantes escreveram sobre todas as coisas que lhes foram solicitadas. A maioria registrou o que achou dos textos, mas não falou sobre a importância da leitura nem mesmo sobre até que ponto as leituras feitas despertaram neles o interesse em ler.

Dando continuidade à nossa intervenção, partimos para a leitura dos contos. Durante a execução dessa atividade, percebemos que, inicialmente, os alunos mostravam-se um tanto inquietos, porém, assim que começávamos a instigá-los a criar hipóteses acerca dos textos que seriam lidos, eles participavam das discussões e se envolviam, concentrando-se para ouvirem/acompanharem as leituras e falar sobre o que era lido. Pudemos notar que muitos alunos ainda não conseguem sair da superficialidade dos textos, pois, ao serem estimulados a falar sobre o que leram, muitos apenas recontam as histórias.

Apesar de sempre depois das leituras dos contos abirmos espaço para uma conversa sobre eles, solicitávamos aos alunos que expusessem suas opiniões no blog. Pedíamos que relatassem suas impressões acerca do que fora lido em sala já que nem todos falavam. No entanto, não obtivemos sucesso porque apenas 2 alunos, 13% dos sujeitos da nossa pesquisa, acessaram o blog: a aluna 3 por duas vezes e o aluno 4 apenas uma vez (cf. figura 17).

Figura 17: Imagens dos comentários dos alunos no blog



Fonte: <https://blogleitraporamor.wordpress.com>

## Comentário do aluno 4

Fonte: <https://blogleituraporamor.wordpress.com>

Por fim, analisando a autoavaliação aplicada ao final das atividades percebemos que, dos 26 alunos que responderam à enquete (4 não o fizeram por não estarem presentes), quando questionados sobre possíveis mudanças em sua concepção de leitura pós intervenção, 41% afirmaram que passaram a ter mais vontade de ler, 37% disseram que as leituras e discussões os ajudaram a entender melhor o mundo em que vivem, 22% acreditam que a leitura mudou sua maneira de argumentar e nenhum deles afirmou não ter tido sua concepção de leitura modificada.

Sobre como avaliavam as atividades propostas na intervenção, 56% afirmaram que foram dinâmicas e motivadoras, despertando o gosto pela leitura, 37% disseram que algumas foram muito inspiradoras para as práticas de leitura, outras cansativas e apenas 7% avaliaram-nas como iguais às que já são feitas, sem novidades (cf registros a seguir).

Figura 18: Respostas à questão 2 da atividade de autoavaliação

## Resposta do aluno 26

2. Com relação às atividades desenvolvidas durante a intervenção, você as avalia como

dinâmicas e motivadoras, despertando em mim o gosto pela leitura

sem novidades, iguais as que já são feitas

algumas muito inspiradoras para as práticas de leitura, outras cansativas

Após a escolha, liste as atividades de que mais gostou, justificando a seleção.

*Eu gostei da atividade que tínhamos que adivinhar os contos (três mercadorias muito estranhas, três moedas de ouro e os três gravetos). eu gostei dessa porquê põe a cabeça para pensar e isso nos deixa atentos e espertos. (sic)*

Eu gostei da atividade que tínhamos que adivinhar os contos (três mercadorias muito estranhas, três moedas de ouro e os três gravetos). eu gostei dessa porquê põe a cabeça para pensar e isso nos deixa atentos e espertos. (sic)

Fonte: Autoavaliação, criada especialmente para esta pesquisa

## Resposta da aluna 3

2. Com relação às atividades desenvolvidas durante a intervenção, você as avalia como

dinâmicas e motivadoras, despertando em mim o gosto pela leitura

sem novidades, iguais as que já são feitas

algumas muito inspiradoras para as práticas de leitura, outras cansativas

Após a escolha, liste as atividades de que mais gostou, justificando a seleção.

Do filme "a historia sem fim" porque eu gostei da aventura que o menino teve.

Do filme "a historia sem fim" porque eu gostei da aventura que o menino teve. (sic)

Fonte: Autoavaliação, criada especialmente para esta pesquisa

Com relação à oficina de blog, além dos 4 alunos que não responderam à enquete por não estarem presentes, mais 5 deixaram a questão em branco. Desses, 33% afirmaram ter aprendido como se faz um blog e apenas 2 disseram não saber, o restante, 57%, não respondeu nem afirmativamente nem negativamente ao questionamento. Quando questionados sobre o acesso ao blog da turma, dos 21 estudantes que responderam, 7 relataram não terem acessado porque não conseguiram, 4 confirmaram o acesso e gostaram, 3 nem tentaram e 7 não responderam a este questionamento.

Ao final da autoavaliação, solicitamos que os alunos dessem sugestões de como poderia melhorar o trabalho com leitura na escola. Gostaríamos de destacar alguns desses depoimentos que sugerem "a existência de mais salas de leitura", "mais atividades como a que eles tiveram que ler um livro e depois fazer o reconto da história", "a continuidade das oficinas desta intervenção" e "que tivessem mais contos de que as pessoas gostassem para que se interessassem mais pela leitura".

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler vai muito além do ato mecânico de decifração de palavras e pontuação correta. Ler é buscar no texto o não-dito; é viver o escrito. O leitor proficiente, no momento da leitura, mergulha na profundidade do texto para buscar os não-ditos que os autores não apresentaram na superficialidade. O leitor competente dialoga com o texto, trazendo para esse momento de conversa, os conhecimentos que possui.

No mundo atual, repleto de uma variedade imensa de informações, que exigem leituras cada vez mais críticas e conscientes, não há mais espaço para o decodificador de textos. O que se espera de um leitor, pois, é que ele seja capaz de interagir com o texto/autor para que esse leitor posicione-se conscientemente em relação ao que lê.

Neste sentido, é necessário que a escola, como principal responsável pela formação leitora do aluno abandone as práticas e concepções de leitura até então tidas como legítimas, uma vez que em nada corroboram para a formação do leitor competente, pois, na maioria das vezes, ler restringe-se ao ato mecânico de decifrar e as atividades de leitura desenvolvidas não são nem um pouco significativas.

Os professores, como intermediadores do processo de ensino-aprendizagem de leitura, também devem, além de melhorar suas práticas em relação aos momentos de leitura em suas salas de aula, apresentar-se aos seus alunos como modelo de leitor. O docente precisa mostrar para seus educandos que ele tem prazer pela leitura, que a leitura faz parte de suas atividades habituais, a fim de que os alunos sejam influenciados não apenas pelo discurso do professor que lhes fala sobre a importância da leitura, e sim pelo exemplo de leitor que esse professor representa para eles.

É oportuno destacar que a preocupação com a formação de um leitor competente, isto é, aquele que realiza uma leitura significativa de textos não é nova ou mesmo inovadora, porém se acredita que esta é uma questão que merece vários estudos, uma vez que o “leitor funcional” emperra significativamente o processo ensino/aprendizagem do ato de ler como construção de sentido, como elemento fomentador de uma postura crítica.

Entende-se que a temática em questão, nesta pesquisa, é relevante pela necessidade de se compreender a importância de um trabalho com leitura na escola, para que o sujeito leia com eficiência, fora do espaço escolar, atribuindo significado ao material lido e, principalmente, para incentivar a adoção de práticas de leitura cada vez mais constantes na vida dos estudantes e que estes passem a ler por real prazer.

Analisando os dados da nossa pesquisa, podemos perceber que, ciente de sua tarefa de ensinar o aluno a ler, a escola deve buscar os meios para que se desenvolva esse trabalho com a mobilização de todos os professores, para que estes se comprometam com a formação leitora dos alunos e promovam, em suas salas de aula, atividades significativas de leitura, usando os mais variados tipos de textos e gêneros, pois não basta saber o seu papel, é importante que se esclareça como isto se dará e quem serão os envolvidos na tarefa de ensinar a ler.

O que se percebe, portanto, é que a escola caminha na direção contrária ao da formação de leitores. Em primeiro lugar, por causa da postura de muitos professores com relação à visão equivocada que têm do significado de leitura bem como da omissão em relação à função de “ensinar” a ler. Em segundo lugar, a forma como se trabalha a leitura nas salas de aula, como afirmou Kleiman (2004a), ajuda a criar nos alunos ojeriza pelo ato de ler, pois passam a considerá-lo uma atividade enfadonha, que só fazem, quando o fazem, por obrigação.

Percebe-se, portanto, que a trajetória dos exercícios de leitura na escola fez e faz com que se distancie bastante do real significado de ler, ler por prazer, isso porque a escola usa o texto como pretexto para atividades outras. Tem-se na escola, pois, um leitor da superficialidade, enquanto o que se quer é criar práticas efetivas de leitura em leitores que vão além do que está escrito, visível. Antunes (2003), ao afirmar que a escola, ao desenvolver o trabalho com leitura, ainda o faz como “uma atividade puramente escolar, sem gosto, sem prazer, convertida em momento de treino, de avaliação ou em oportunidade para futuras ‘cobranças’...” (p. 28), reforça o quanto ainda precisa ser revisto o espaço e tempo destinados à atividade de leitura, na escola.

E, por falar em espaço, gostaríamos de destacar a importância da criação/uso de um espaço físico próprio para o trabalho com leitura, isso porque, notamos que a utilização da sala de leitura que organizamos ao longo de nossa intervenção, proporcionou momentos de práticas leitoras mais descontraídas e os alunos demonstraram estarem mais tranquilos. Fato que corrobora a proposta de Yunes (2002) de que é importante proporcionar um ambiente adequado para a leitura, criando espaços agradáveis e aconchegantes. Os alunos sentiam-se mais à vontade, já que podiam se sentar ou mesmo deitarem como queriam para interagirem com os textos.

É extremamente necessário, como já fora mencionado, que ocorra uma modificação na forma como a leitura é trabalhada no meio escolar, mas é fundamental que esta atualização da escola abranja também o uso das tecnologias como aliadas do processo de ensino-

aprendizagem. Isto porque é inegável como a vida das pessoas tem sido modificada com os avanços tecnológicos.

É imprescindível, pois, que os professores considerem a necessidade de aprenderem a lidar com as novas tecnologias, a fim de se aproximarem mais do “mundo” dos alunos, os quais já se encontram inseridos e familiarizados com estas ferramentas. Segundo Castro *et al.*, (2016) a relação dos estudantes com os “aparatos eletrônicos” é mais natural, já que convivem com o mundo das tecnologias desde pequenos, diferentemente dos professores que precisam investir no aprendizado do uso de tais instrumentos.

Apesar de muitos de nós, professores, estarmos cientes de que precisamos acompanhar os avanços tecnológicos e do quanto o uso destas ferramentas são importantes para tornar o processo de ensino-aprendizagem mais atrativo e dinâmico, quase sempre somos impedidos de fazê-lo, pois esbarramos em muitos obstáculos. A exemplo disso, podemos citar a inexistência ou inoperância dos laboratórios de informática. Devido a isto, não conseguimos, como havíamos planejado, realizar a oficina de blog, uma das proposições do nosso plano de intervenção.

Além desse problema para a realização da oficina, não conseguimos alcançar o objetivo almejado para o blog, que visava a interação entre os alunos e o registro das impressões acerca das leituras realizadas dentro e fora da escola. Os alunos não o acessaram e não se pode dizer que isto se deveu ao fato de não disporem de instrumentos para isto, pois, como ficou comprovado pela sondagem, a maioria dos alunos tinha condições de acesso à internet. Entretanto, acreditamos que, se a escola dispusesse de um laboratório de informática operante, poderíamos ter planejado momentos durante a aplicação do projeto para que os alunos acessassem o blog.

Sendo assim, ao aplicarmos este projeto em uma turma do 7º ano, tencionamos apontar mais um caminho que possa ser percorrido pelos professores em suas tentativas de minorar as dificuldades enfrentadas pelos alunos na tão importante e ao mesmo tempo inoperante atividade de leitura, a fim de buscar alternativas para a melhoria do ensino dessa modalidade de apreensão de mundo e de conhecimentos. Ao desenvolvermos nossa intervenção, tencionávamos colaborar para que houvesse uma mudança na realidade das escolas, que apresentam índices negativos em relação à competência leitora, através da tomada de consciência por parte da família e, principalmente, da escola com relação à importância que tem a leitura na vida das pessoas, já que se atribui a essa dificuldade de leitura os resultados de reprovação na escola e em outros setores, como vestibulares, concursos, etc.

## Referências

- AGUADED, Ignácio e BALTAZAR, Neusa. **Weblogs como recurso tecnológico numa nova educação**. Livro de Actas. 4º SOPCOM. s/d. Disponível em <http://revistas.ua.pt/index.php/sopcom/article/view/3305>.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 2002.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa (1ª a 4ª série)**. Brasília – DF: MEC/SEF, 1997.
- CAFIERO, Delaine. Letramento e leitura: formando leitores críticos. In: RANGEL, Egon de Oliveira (coord.). **Língua Portuguesa: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino ; v. 19)
- CASTRO, Selma Barros Daltro de; SANTOS, Jean da Silva; SANTOS, Solange Mary Moreira. **Nas tramas tecnológicas educacionais: diálogos entre a formação e as práticas de ensino**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- FERRAREZI JR. , Celso; CARVALHO, Robson S. de. **De alunos a leitores: o ensino da leitura na educação básica**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2005.
- FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- GANDIN, Danilo. **Planejamento como prática educativa**. 11. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- HEINE, Palmira Virgínia Bahia. **Navegando na enunciação digital: processos de construção do ethos em blogs de pré-universitários e universitários**. 2010. 198f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
- KLEIMAN, Angela. **Oficina de Leitura: Teoria e Prática**. 10. ed. Campinas, SP: Pontes 2004(a).

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

MENEGOLLA, Maximiliano e SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar? Como planejar?** 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa**. São Paulo: Cultrix, 2001.

MORETTO, Vasco Pedro. **Planejamento: planejando a educação para o desenvolvimento de competências**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.

PILLETI, Cláudio. **Didática geral**. 23. ed. São Paulo: Ática, 2001.

PORTELA, Girlene L. **Abordagens teórico-metodológicas. Projeto de Pesquisa no ensino de Letras para o Curso de Formação de Professores da UEFS**. 2004.

Retratos da leitura no Brasil. 3. ed. Instituto Pró-Livro. 20011. Disponível em: [http://prolivro.org.br/home/images/relatorios\\_boletins/3\\_ed\\_pesquisa\\_retratos\\_leitura\\_IPL.pdf](http://prolivro.org.br/home/images/relatorios_boletins/3_ed_pesquisa_retratos_leitura_IPL.pdf). Acesso em: 20 jan. 2018.

TERZI, Sylvia Bueno. **A construção da leitura**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

YUNES, Eliana (org.). **Pensar a leitura: complexidade**. Rio de Janeiro: Ed, PUC – Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

ZILBERMAN, Regina (org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.



## APÊNDICE A – Questionário de sondagem – página 1

**AULA**


**1**

**SONDAGEM I**

**QUESTIONÁRIO<sup>1</sup>**

**OBJETIVOS:**


- Conhecer as práticas de leitura dos alunos, bem como sua relação com a tecnologia;
- Caracterizar os sujeitos da pesquisa.




**SEÇÃO 1:**  
**DADOS SOCIOLÓGICOS**

1. Data de nascimento \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_
2. Sexo    Masculino     Feminino     Outro
3. Endereço: \_\_\_\_\_
4. Com quem você mora? \_\_\_\_\_
5. Das pessoas que moram com você, quantas trabalham? \_\_\_\_\_
6. Há quantos anos você estuda? \_\_\_\_\_
7. Em que tipo de escola você estudou antes de ingressar nesta escola?

Pública
 Particular
 Em ambas




<sup>1</sup>Adaptado do Projeto de Doutorado da Profª Drª Gírlene Portela (2001)



**4**

A leitura de contos na escola pública feirense



## APÊNDICE B – Questionário de sondagem – página 2


**SEÇÃO 2:  
VOCÊ LEITOR**

1 Para você, a leitura é...

Aquisição de conhecimento.     Prazer     Obrigação



Comente sua resposta

2 Com que frequência você lê?

Nunca     Raramente     Frequentemente

3 Em sua casa, você tem contato com quais materiais de leitura?

Jornais/revistas     Folhetos     Bíblia  
 Outros. Quais? \_\_\_\_\_

4 O que você mais gosta de ler?

Notícias     Histórias em quadrinhos     Contos

Outros. Quais? \_\_\_\_\_

5 Você costuma ouvir histórias?

Nunca     Raramente     Frequentemente

Por quê? \_\_\_\_\_

6 Em sua casa, há o hábito de contar histórias?

Nunca     Raramente     Frequentemente

Se sim, quem costuma fazê-lo? \_\_\_\_\_

7 Você costuma visitar bibliotecas (fora da escola) ou livrarias?

Nunca     Raramente     Frequentemente

8 De que tipo de histórias você gosta?

De aventura     De suspense     De amor     Fantásticas

Que contem histórias de outros     Outras. Quais? \_\_\_\_\_



## APÊNDICE C – Questionário de sondagem – página 3



### SEÇÃO 3: VOCÊ E AS TECNOLOGIAS

1 Você possui:

Celular     Computador     Impressora     Internet em casa

2 Você considera o acesso à internet importante?

Sim     Não

Por quê? \_\_\_\_\_

3 Com que objetivos você costuma acessar a internet mais frequentemente?

Para pesquisas escolares     Para entretenimento (jogos, vídeos)

Para comunicação com outras pessoas     Para se manter informado

4 Dos meios utilizados na internet para postagens você acessa mais:

Facebook     blogs     whatsapp

5 Sobre os blogs, você:

Conhece bem     Não conhece nada     Tem curiosidade em conhecer



Comente sua resposta

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



## APÊNDICE D – Memorial do leitor – página 1

AULA

2

SONDAGEM II

MEMORIAL DE LEITOR<sup>2</sup>

## OBJETIVO:

- Conhecer a história dos leitores



Partindo do roteiro de questões seguinte, elabore um texto relatando suas memórias de leitor. Fale de suas experiências leitoras, de suas lembranças sobre livros, textos, filmes, espetáculos teatrais, música que marcou (aram) sua vida até então, de seus referenciais leitores.

## QUESTÕES

1 Que livro marcou sua infância?

2 Que referências tem de leitor?

3 Que leitura indicaria para outros colegas? Por quê?

4 Com quem gosta de partilhar as leituras? Comente.

5 Se você fosse um livro, qual seria (ficção, romance, aventura)?

6 Quem mais o incentiva a fazer leituras?

7 Que tipos de sentimentos você sente quando está envolvido com uma leitura?



<sup>2</sup> Questões sugeridas pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonilma Santos Almeida Castro durante banca de qualificação.





APÊNDICE F – Avaliação do momento de contação de histórias


OFICINA

# 1

## Contação de histórias

**OBJETIVOS:**

- Despertar no aluno o gosto/interesse pela leitura, a partir da contação de histórias;
- Avaliar o momento de contação de histórias, solicitando que os alunos exponham suas impressões através de um texto escrito.



Escreva, abaixo, sobre suas impressões acerca da atividade de contação de histórias realizada na última aula. (Do que mais gostou, do que não gostou, como se sentiu durante a contação de histórias?).

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---


---

---

---


---

---



10

A leitura de contos na escola pública feirense



## APÊNDICE G – Atividade de reconhecimento de personagem – página 1

OFICINA

2

Leitura:  
necessidade e encantame

## O QUE TEMOS PARA HOJE?

- Reconhecimento de um personagem de HQ.
- Discussão acerca das características desse personagem.
- Leitura de HQ.



## Aula 01

Observe a imagem abaixo, depois responda ao que se pede.



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=chico+bento+para+colorir&aq=chi&aqs=chrome.1.69157j69j59j2j0l3.6402j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>

1. Você conhece esse personagem?

---

2. Converse com um colega, saiba mais sobre ele e escreva uma breve descrição.

---



---



---

3. Esse personagem participou de uma história cujo título é “Ler para quê?”, em que ele se questiona por que precisa aprender a ler. Conhecendo-o, levante hipóteses que justifiquem esse questionamento.

---



---



## APÊNDICE H - Atividade de reconhecimento de personagem – página 2

4. A partir das hipóteses levantadas para responder à questão anterior, você concorda com as ideias do personagem?

---

---

---



A seguir, leremos a história para verificarmos se as hipóteses levantadas se confirmam.



APÊNDICE I – Impressões acerca dos textos “Chico Bento em: Ler para quê?” e “Felicidade clandestina”



**Aula 03**

**Registro de impressões**

Registre suas impressões acerca dos textos lidos (**Ler para quê?** e **Felicidade clandestina**) nas aulas 02 e 03 da Oficina 02, relatando também de que forma eles demonstraram a importância do ato de ler e, até que ponto, despertaram em você o interesse pela leitura.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---







## APÊNDICE L – Tutorial “Como criar um blog” – página 1

# OFICINA

# 4

# Como criar um blog



Siga o passo a passo

**1º passo:** Criar um e-mail - gmail



**2º passo:** Acesse o Wordpress e clique em “Comece agora”



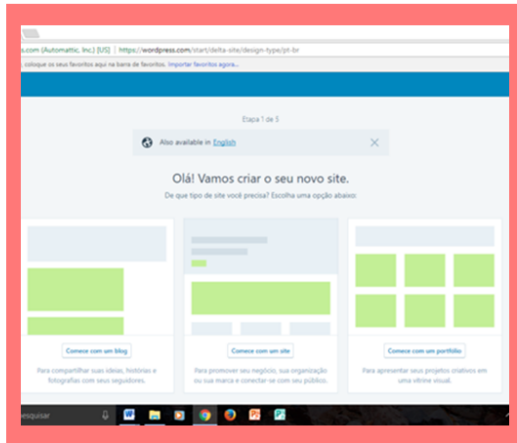
22

A leitura de contos na escola pública feirense

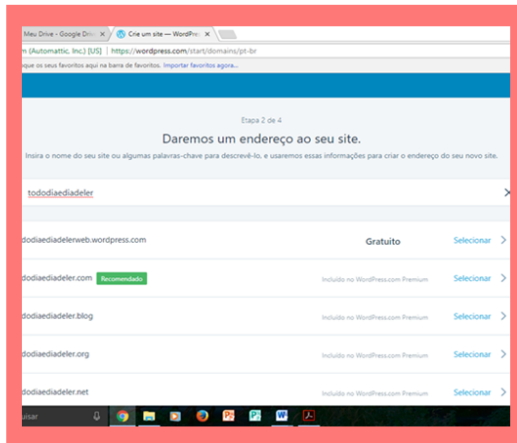



## APÊNDICE M – Tutorial “Como criar um blog” – página 2

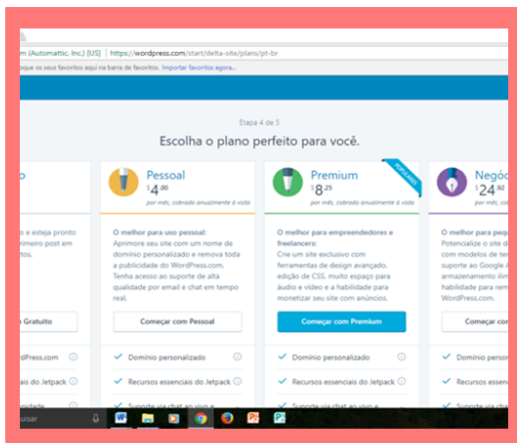
**3º passo:** Vamos começar – escolha que aparência você gostaria que sua página tenha.



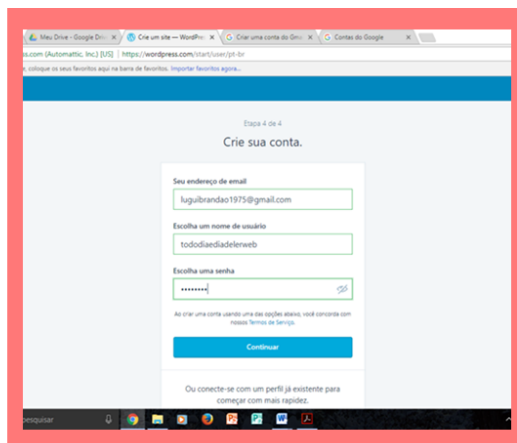
**4º passo:** “Daremos um endereço ao seu site” – digite o endereço que escolher e o Wordpress sugerirá um gratuito.



**5º passo:** “Escolha o plano perfeito para você” – escolha o gratuito e depois confirma.



**6º passo:** Crie sua conta – digite o seu e-mail (gmail) e escolha uma senha para seu blog (O nome do blog já aparecerá).

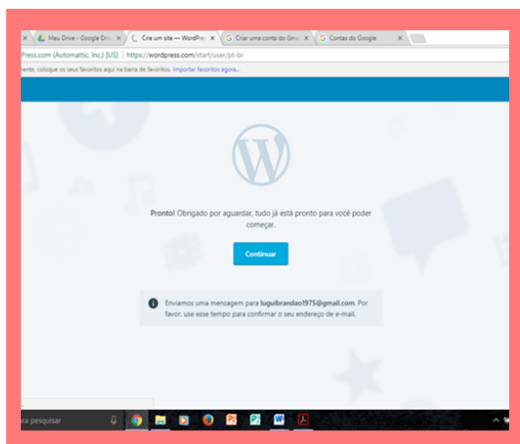


**Obs.:** Você receberá e-mail para confirmação.

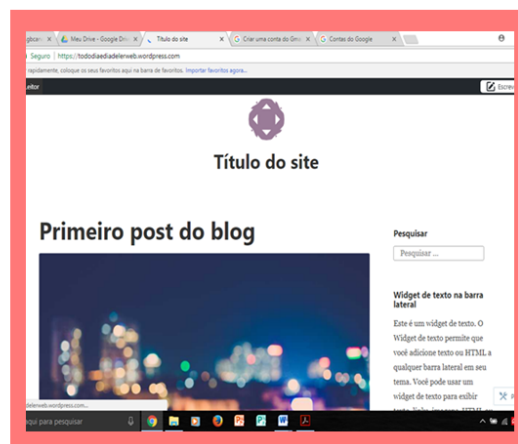


## APÊNDICE N – Tutorial “Como criar um blog” – página 3

**7º passo:** “Pronto! Obrigado por aguardar, tudo já está pronto para você poder começar” – clique em continuar.



**8º passo:** Pronto! Seu blog está criado. Agora é explorar suas ferramentas e fazer acontecer.





APÊNDICE Q – Atividade sobre o conto africano de adivinhação “As três moedas de ouro”



Você sabe quem foi o culpado? Qual foi o truque? Tente, junto com seus colegas de grupo, desvendar mais este mistério. Depois, consulte o blog e verifique se suas hipóteses se confirmaram.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---





## APÊNDICE R – Atividade “Desenho da cena do conto indígena de que mais gostou”



Nas últimas aulas, lemos quatro contos indígenas (**Do mundo do cento da Terra ao mundo de cima**, **O roubo do fogo**, **Por que o sol anda tão devagar?** e **Depois do dilúvio**). Agora, use sua criatividade e ilustre a(s) cena(s)/passagem(ns) de que mais gostou desses contos. Em seguida, você poderá compartilhar com os colegas suas impressões.



## APÊNDICE S – Autoavaliação – página 1



### Autoavaliação

Meus queridos, as atividades de aplicação do projeto “A leitura de contos na escola pública feirense: um estudo intervencionista” chegaram ao fim e precisamos deixar registrado o resultado desta intervenção. Para tanto, responda ao seguinte questionário:

1. Como você classificaria as mudanças em sua concepção de leitura, após nossa intervenção

- ( ) tenho mais vontade de ler
- ( ) acredito que a leitura mudou minha maneira de argumentar
- ( ) as leituras e discussões acerca dos contos me ajudaram a entender melhor o mundo em que vivo
- ( ) não creio que modificaram minha concepção

2. Com relação às atividades desenvolvidas durante a intervenção, você as avalia como

- ( ) dinâmicas e motivadoras, despertando em mim o gosto pela leitura
- ( ) sem novidades, iguais as que já são feitas
- ( ) algumas muito inspiradoras para as práticas de leitura, outras cansativas

Após a escolha, liste as atividades de que mais gostou, justificando a seleção.

---



---



---



---



---

E quais das atividades não lhe foram agradáveis? Por quê?

---



---



---



---



---



APÊNDICE T – Autoavaliação – página 2

3. Dentre os contos listados abaixo, de qual(is) você mais gostou?

- |   |   |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> O conto se apresenta                         | <input type="checkbox"/> A revolta das palavras |
| <input type="checkbox"/> Nas asas do condor                           | <input type="checkbox"/> Elefantes              |
| <input type="checkbox"/> Na traseira do caminhão                      | <input type="checkbox"/> Os três gravetos       |
| <input type="checkbox"/> Três mercadorias muito estranhas             | <input type="checkbox"/> As três moedas de ouro |
| <input type="checkbox"/> Do mundo do centro da Terra ao mundo de cima | <input type="checkbox"/> O roubo do fogo        |
| <input type="checkbox"/> Por que o sol anda tão devagar?              | <input type="checkbox"/> Depois do dilúvio      |

Após a escolha, por favor, justifique-a.

---



---



---



---



---

4. Com relação à oficina de blog, aprendeu a criar um? Como se deu o acesso ao blog da turma? Comente.

---



---



---



---



---

5. Por fim, o que você sugere para melhorar o trabalho com leitura na escola?

---



---



---



---



---



---



## ANEXO A – Dados do IDEB sobre o desempenho da escola alvo do estudo

**INEP** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira A A A

**IDEB**  
Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

### IDEB - Resultados e Metas

Parâmetros da Pesquisa

Resultado:  UF:

Município:  Nome da Escola:

Rede de ensino:  Série / Ano:

**8ª série / 9º ano**

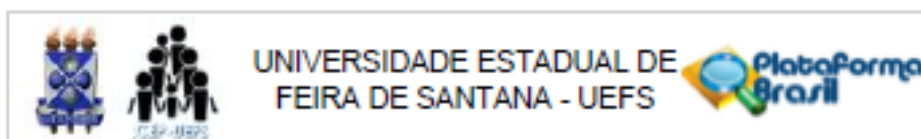
Escola	Idéb Observado					Metas Projetadas								
	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
EE - COLEGIO ESTADUAL TEOTONIO VILELA	2,3	2,3	2,8	3,3	3,6	3,4	2,4	2,7	3,1	3,6	4,1	4,3	4,6	4,9

Obs:

\* Número de participantes na Prova Brasil insuficiente para que os resultados sejam divulgados.  
 \*\* Sem média na Prova Brasil 2015. Não participou ou não atendeu os requisitos necessários para ter o desempenho calculado.  
 \*\*\* Calculado a partir da proficiência média dos alunos nas avaliações estaduais, em decorrência do extravio de provas e impossibilidade do cálculo da proficiência para a Prova Brasil.

Fonte: <http://ideb.inep.gov.br/resultado>

## ANEXO B – Parecer Comitê de Ética – página 1



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A LEITURA DE CONTOS NA ESCOLA PÚBLICA FEIRENSE: UM ESTUDO INTERVENCIONISTA

**Pesquisador:** LUCIANA GUIMARAES BRANDAO CARVALHO

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 63497616.2.0000.0053

**Instituição Proponente:** Universidade Estadual de Feira de Santana

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.056.451

#### Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de pesquisa intitulado A LEITURA DE CONTOS NA ESCOLA PÚBLICA FEIRENSE: UM ESTUDO INTERVENCIONISTA, vinculado ao PROFLETRAS, de autoria de LUCIANA GUIMARAES BRANDAO CARVALHO, sob orientação da Prof. Dr. GIRLENE LIMA PORTELA.

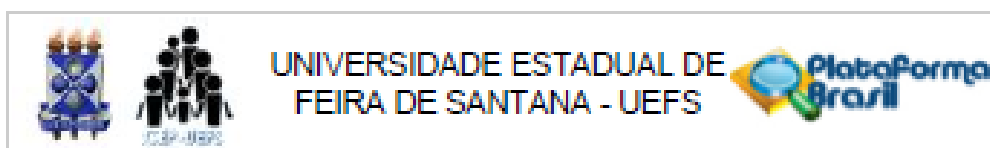
Refere-se a uma proposta de ensino de leitura, através de oficinas nas quais serão oportunizados aos alunos o contato com o gênero conto, quando farão além das leituras, registros em um diário acerca de suas impressões sobre as atividades, apontando assim os limites e as contribuições efetivas do processo de leitura/escrita crítica. Espera-se que o aluno perceba quão necessário é a prática cotidiana desse hábito fundamental para sua inserção social e para a melhoria da qualidade de sua aprendizagem.

Trata-se de uma pesquisa de intervenção, na qual será adotada sequência didática, em uma única turma de 6º ano de uma escola pública de Feira de Santana, a fim de tomar o trabalho com gênero mais significativo.

Pretende-se propor como ponto de partida, após a sondagem, um momento de contação de

Endereço: Avenida Tereroredestra, s/n - Novo Horizonte, UEFS  
 Bairro: Módulo I, MA 17 CEP: 44.031-460  
 UF: BA Município: FEIRA DE SANTANA  
 Telefone: (75)3151-8067 E-mail: cep@uefs.br

## ANEXO C – Parecer Comitê de Ética – página 2



Continuação do Parecer 2.006.451

histórias, por um profissional da área, visando despertar o interesse e o prazer nos alunos em participar das oficinas que serão aplicadas nas aulas de língua portuguesa sob nossa coordenação. Nesse sentido, cuidaremos para que as oficinas aconteçam em uma sala de leitura que será organizada para proporcionar aos alunos momentos prazerosos e dinâmicos, visando conquistar o leitor que se pretende formar com a execução das atividades. Em cada oficina, com duração de duas horas/aula cada uma, será proposta a leitura de contos de origens africana, indígena e branca, quando será ressaltada a colaboração de cada etnia desta para a formação cultural e literária do povo brasileiro. Ao final da leitura de cada conto, os alunos serão motivados a relacionarem o conteúdo lido a desenhos feitos por eles, a alguma de suas vivências e/ou com outros textos que eles já tenham lido e que irão pesquisar também para relacionar com os lidos em classe.

A etapa da sondagem ocorrerá através de um questionário que constará de duas partes complementares: a primeira visa a conhecer o perfil sociográfico dos sujeitos visados no estudo e, para tanto, questionaremos sobre faixa etária, média de remuneração dos pais, tipo de escola frequentada anteriormente; e a segunda visará conhecer as concepções dos alunos acerca da leitura realizada até então, a exemplo da visão que cada aluno tem acerca de leitura, que tipo de contato mantém com materiais de leitura, as leituras preferidas, se em casa há alguém que o incentive a ler, quando se deu o primeiro contato do aluno com livros, revistas, enfim, materiais de leitura, entre outras.

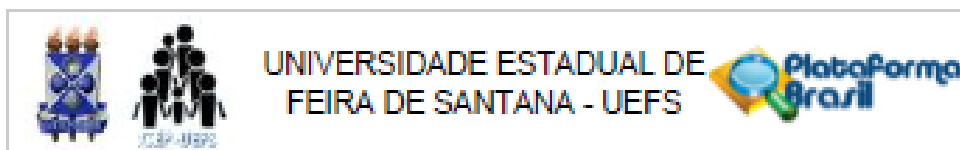
Cronograma prevê retorno dos resultados aos participantes da pesquisa e execução até março de 2018; Orçamento de R\$ 7.566,81 dispõe sobre contrapartida da UEFS.

#### Objetivo da Pesquisa:

**PRIMÁRIO:** A partir da leitura crítica do gênero conto, buscaremos contribuir, de forma mais eficaz, para a formação do hábito de ler dos alunos do 6º. ano do Ensino Fundamental, de um colégio público da rede estadual, através da oferta de oficinas de leitura, baseada nas proposições de autores especialistas em leitura, além de desenvolver uma sequência didática, junto aos alunos visados, contribuindo de forma mais sistemática com a situação vigente do ensino de leitura na escola (Informações básicas/Plataforma Brasil. p. 03-04).

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS  
 Bairro: Módulo I, MA 17 CEP: 44.031-480  
 UF: BA Município: FEIRA DE SANTANA  
 Telefone: (75)3151-8067 E-mail: cep@uefs.br

## ANEXO D – Parecer Comitê de Ética – página 3



Continuação do Parecer 2.000.401

**SECUNDÁRIOS:** Apresentar estratégias de leitura de contos como forma de demonstrar para o aluno que os textos devem ser lidos de formas diferentes. Para tanto serão ofertadas oficinas de leitura, visando ampliar as informações dos alunos acerca da importância da leitura para sua inserção social; Propiciar momentos de leitura de contos, no intuito de motivar o aluno para o exercício constante do ato de ler; Incentivar o registro das impressões pessoais sobre o exercício da leitura, em diário virtual, além de propor sugestões para novos leitores, ampliando assim o foco de nosso estudo, a partir da divulgação dos resultados de nosso experimento. A fim de que possamos atingir os objetivos proposto (Informações básicas/Plataforma Brasil. p. 03-04).

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**RISCOS:** Os riscos que os alunos correrão durante a aplicação do projeto serão mínimos, porém, havendo prejuízo em nível de aprendizagem ou de desenvolvimento de atividades de outras disciplinas, assim como no caso de um acidente, no âmbito da sala de aula no decorrer das atividades estritamente ligadas às etapas previstas no projeto de pesquisa, o aluno será ressarcido, seja em aulas de reforço, seja em quaisquer necessidades financeiras relacionadas ao tipo de acidente por ele sofrido (Informações básicas/Plataforma Brasil. p. 03-04).

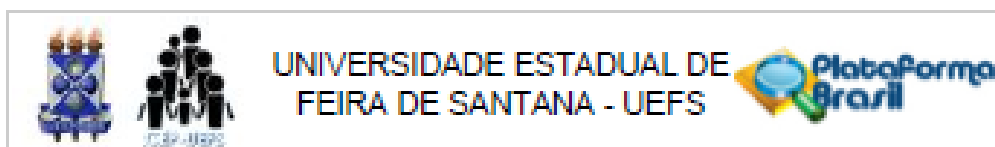
"A pesquisa não prevê danos físicos, materiais ou emocionais, mas é possível que as crianças sintam-se desconfortáveis por terem de responder a um questionário e participar de atividades de leitura e escrita, no ambiente físico ou digital. Caso ocorra algum episódio que se confirme em dano para seu (sua) filho (a) durante sua participação nesta pesquisa, você poderá ser indenizado, assim também, se o (a) senhor (a) tiver algum tipo de gasto, consigo ou com seu (sua) filho (a), para participar de alguma atividade relacionada a esta pesquisa, será ressarcido" (TCLE)

"[...] mas você pode sentir-se desconfortável ou indisposto para realizar as atividades propostas nesta pesquisa, saiba que você é livre e, caso não queira realizá-las, não será prejudicado por isso." (TALE)

**BENEFÍCIOS:** O projeto de intervenção em questão busca contribuir, de forma prazerosa, para a formação do hábito de ler dos alunos do 6º. ano do Ensino Fundamental (Informações básicas/Plataforma Brasil. p. 03-04).

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS  
 Bairro: Módulo I, MA 17 CEP: 44.031-460  
 UF: BA Município: FEIRA DE SANTANA  
 Telefone: (75)3151-8087 E-mail: cep@uefs.br

## ANEXO E – Parecer Comitê de Ética – página 4



Continuação do Parecer: 2.000.451

"[...]ela irá contribuir para a melhoria no seu desempenho acadêmico" (TCLE)

"[...]Ao final da pesquisa, você aprenderá mais como aprimorar a sua leitura[...]” (TALE)

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trata-se de uma pesquisa de intervenção com alunos do 6º ano de uma escola pública de Feira de Santana-BA que visa estimular o hábito da leitura nos mesmos, inclusive, fora do ambiente escolar, o que torna o projeto relevante e factível.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Protocolo completo, atendendo às exigências das Resoluções 466/12 e 510/16. Foram anexados os seguintes documentos:

- 1) Projeto completo;
- 2) Declaração de anuência;
- 3) Declaração de da orientadora;
- 4) Folha de Rosto;
- 5) TCLE;
- 6) TALE.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Após o atendimento das pendências, o Projeto está aprovado para execução, pois atende aos princípios bioéticos para pesquisa envolvendo seres humanos, conforme a Resolução nº 466/12 e 510/2016 (CNS).

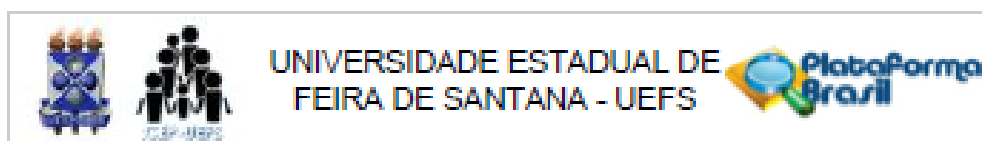
**Considerações Finais a critério do CEP:**

Tenho muita satisfação em informar-lhe que seu Projeto de Pesquisa satisfaz às exigências da Res. 466/12 e 510/2016. Assim, seu projeto foi Aprovado, podendo ser iniciada a coleta de dados com os participantes da pesquisa conforme orienta o Cap. X.3, alínea a - Res. 466/12 e Cap II da Res 510/2016. Relembro que conforme Institui a Res. 466/12 e 510/2016, Vossa Senhoria deverá enviar a este CEP relatórios anuais de atividades pertinentes ao referido projeto e um relatório final tão logo a pesquisa seja concluída. Em nome dos membros CEP/UEFS, desejo-lhe pleno sucesso no desenvolvimento dos trabalhos e, em tempo oportuno, um ano, este CEP aguardará o recebimento dos referidos relatórios.

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS  
 Bairro: Módulo I, MA 17 CEP: 44.031-460  
 UF: BA Município: FEIRA DE SANTANA  
 Telefones: (75)3151-8067 E-mail: cep@uefs.br



## ANEXO F – Parecer Comitê de Ética – página 5



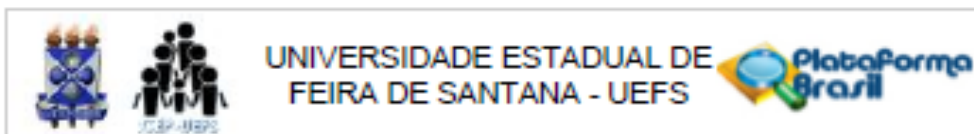
Continuação do Parecer: 2.086.401

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEreeelaborado.pdf	16/05/2017 15:20:29	Polyana Pereira Portela	Aceito
Informações Básicas do Projeto	FB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_847398.pdf	18/04/2017 23:20:10		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_reelaborado.pdf	18/04/2017 23:19:26	LUCIANA GUIMARAES BRANDAO CARVALHO	Aceito
Outros	Oficio_CEP.pdf	18/04/2017 23:04:54	LUCIANA GUIMARAES BRANDAO CARVALHO	Aceito
Orçamento	Orçamento.pdf	18/04/2017 22:59:24	LUCIANA GUIMARAES BRANDAO CARVALHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_pais_novo.pdf	18/04/2017 22:57:59	LUCIANA GUIMARAES BRANDAO CARVALHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_aluno_novo.pdf	18/04/2017 22:57:35	LUCIANA GUIMARAES BRANDAO CARVALHO	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	18/04/2017 22:53:27	LUCIANA GUIMARAES BRANDAO CARVALHO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	23/12/2016 22:49:38	LUCIANA GUIMARAES BRANDAO CARVALHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Pais.pdf	23/12/2016 22:47:37	LUCIANA GUIMARAES BRANDAO CARVALHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Alunos.pdf	23/12/2016 22:47:03	LUCIANA GUIMARAES BRANDAO CARVALHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	Declaracao_de_anuencia.pdf	23/12/2016 22:46:29	LUCIANA GUIMARAES	Aceito

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS  
 Bairro: Módulo I, MA 17 CEP: 44.091-460  
 UF: BA Município: FEIRA DE SANTANA  
 Telefone: (75)3151-8067 E-mail: cep@uefs.br

## ANEXO G – Parecer Comitê de Ética – página 6



Continuação do Parecer: 2.066.451

Justificativa de Ausência	Declaracao_de_anuencia.pdf	23/12/2016 22:46:29	BRANDAO CARVALHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Declaracao_da_orientadora.pdf	23/12/2016 22:44:40	LUCIANA GUIMARAES BRANDAO CARVALHO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	23/12/2016 22:31:05	LUCIANA GUIMARAES BRANDAO CARVALHO	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Neocessita Apreciação da CONEP:**


Não

FEIRA DE SANTANA, 16 de Maio de 2017

Assinado por:  
Pollyana Pereira Portela  
(Coordenador)

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS  
Bairro: Módulo I, MA 17 CEP: 44.021-480  
UF: BA Município: FEIRA DE SANTANA  
Telefone: (75)3161-8067 E-mail: cep@uefs.br

## ANEXO H – Termo de compromisso do pesquisador

 MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP <b>FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS</b>			
1. Projeto de Pesquisa: A LEITURA DE CONTOS NA ESCOLA PÚBLICA FEIRENSE: UM ESTUDO INTERVENCIÓNISTA			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 35			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área B. Linguística, Letras e Artes			
<b>PESQUISADOR RESPONSÁVEL</b>			
5. Nome: LUCIANA GUIMARAES BRANDAO CARVALHO			
6. CPF: 914.997.816-00		7. Endereço (Rua, n.º): MIRANDA, 505 MANGABEIRA Cond. Jader Amarel casa03.qdC FEIRA DE SANTANA BAHIA 44056300	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 75982832734	10. Outro Telefone:	11. Email: lucbcarvalho@gmail.com
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumpro os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: <u>23</u> / <u>12</u> / <u>2016</u>		 Assinatura	

## ANEXO I – Declaração do orientador



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS**  
Avenida Transnordestina, S/N - Bairro Novo Horizonte - CEP 44.036-900



Fone: (75) 3161-8872 – E-mail: [profletras@uefs.br](mailto:profletras@uefs.br)  
[www.profletrasuefs.wordpress.com](http://www.profletrasuefs.wordpress.com)

Eu, Profa. Dra. **GIRLENE LIMA PORTELA**, orientadora da pesquisadora e estudante do Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras, da Universidade Estadual de Feira de Santana-BA, Luciana Guimarães Brandão Carvalho, responsável pelo estudo intervencionista intitulado A leitura de contos na escola pública feirense: um estudo intervencionista, comprometo-me a observar e cumprir as normas da Resolução 466/2012 do CNS em todas as fases da pesquisa.

Feira de Santana, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

**PhD Girlene Lima Portela**  
Orientadora Responsável  
CPF: 287.492.945-04

## ANEXO J – Autorização da instituição coparticipante


**Colégio Estadual Teotônio Vilela**

Rua "O" S/N - Conjunto João Paulo II - Mangabeira - Feira - Ba.

Tel. (75) 3224-0042 - Fax (75) 3224-0788

E-mail: escolateotoniovilalefsa@yahoo.com.br CÓDIGO: 42242

"Comprometimento Individual e esforço coletivo - construindo uma Educação Pública de Qualidade."

**DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA**

Eu, Maria da Conceição Oliveira Lopes, gestora do Colégio Estadual Teotônio Vilela, em Feira de Santana-Ba, autorizo a professora desta unidade de ensino, Luciana Guimarães Brandão Carvalho, pesquisadora e estudante do Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras, da Universidade Estadual de Feira de Santana-BA, a realizar a pesquisa intitulada A leitura de contos na escola pública feirense: um estudo intervencionista, em uma turma do 6º ano, do Ensino Fundamental II, a qual prevê uma intervenção na realidade escolar.

Estou ciente de que a referida professora utilizará salas de aula, sala de leitura, biblioteca, pátio para o desenvolvimento da pesquisa, além de acessar, quando necessário, os documentos escolares dos alunos, bem como aplicar questionários e outros instrumentos para a coleta de dados. A escola permitirá ainda, o uso de aparelhos como projetor multimídia e laptops disponíveis para a coleta dos dados necessários ao desenvolvimento de sua intervenção junto aos alunos.

Saliento, ainda, que reconheço a relevância da pesquisa para aprimorar a qualidade do ensino de Língua Portuguesa e que a professora prestou todos os esclarecimentos necessários para alcançar os objetivos da pesquisa, assim como sobre as atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Declaro ainda conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/12, ao tempo em que declaro estar ciente de minhas corresponsabilidades enquanto representante da escola e, por isso mesmo, coparticipante das ações desenvolvidas no âmbito da escola e de nosso compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa, dispondo de infraestrutura necessária para tais garantias.

Assino a presente declaração em 02 vias de igual teor e forma.

Feira de Santana, 23 de dezembro de 2016.

Maria da Conceição Oliveira Lopes  
Diretora

Maria da Conceição Oliveira Lopes  
Diretora  
Aut.: 19/125/16

## ANEXO K – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Responsável pelo menor



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS**  
 Avenida Transnordestina, S/N - Bairro Novo Horizonte - CEP 44.036-900  
 Fone: (75) 3161-8872 - E-mail: profletras@uefs.br  
 www.profletrasuefs.wordpress.com



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO N  
 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

(Se tiver dificuldade com leitura pode pedir a alguém de sua confiança para ler esse Termo.)

Seu (sua) filho (a) (ou menor o qual é responsável) está sendo convidado para participar como sujeito-voluntário(a) do estudo intitulado **A LEITURA DE CONTOS NA ESCOLA PÚBLICA FEIRENSE: UM ESTUDO INTERVENCIÓNISTA**, desenvolvido pela pesquisadora Luciana Guimarães Brandão Carvalho, sob orientação da Profa. Dra. Gilene Pontes. O principal objetivo do presente estudo é contribuir de forma mais sistemática com a situação vigente do ensino de leitura na escola, oportunizando a leitura de contos com o intuito de colaborar para a formação de práticas leitoras dos alunos do 7º. ano do Ensino Fundamental. A participação nessa pesquisa não irá atrapalhar as demais atividades escolares das crianças, ao contrário, ela irá contribuir para a melhoria no seu desempenho acadêmico. A pesquisa não prevê danos físicos, materiais ou emocionais, mas é possível que as crianças sintam-se desconfortáveis por terem de responder a um questionário e participar de atividades de leitura e escrita, no ambiente físico ou digital. Caso ocorra algum episódio que se confirme em dano para seu (sua) filho (a) durante sua participação nesta pesquisa, você poderá ser indenizado, assim também, se o (a) senhor (a) tiver algum tipo de gasto, consigo ou com seu (sua) filho (a), para participar de alguma atividade relacionada a esta pesquisa, será ressarcido, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil. Esclarecemos que a participação do (a) seu (sua) filho (a) é voluntária, não sendo obrigatório seu consentimento, caso o (a) senhor (a) não considere pertinente a referida participação. Caso aceite, o (a) senhor (a) estará colaborando para a ampliação de conhecimentos sobre a leitura no ambiente escolar, ele (a) será considerado um dos sujeitos das atividades desenvolvidas em uma média de 10 encontros, nas aulas de Língua Portuguesa, em uma sala de leitura no interior da escola em que seu filho/sua filha estuda. Além disso, seu (sua) filho (a) acessará, na escola e, principalmente em casa, um blog, que será criado para que haja a interação com os demais colegas e com a pesquisadora em um suporte tecnológico, em que fará comentários sobre as atividades desenvolvidas em sala. Porém, se ao longo do desenvolvimento das atividades, o (a) senhor (a) considerar irrelevante a participação do seu (sua) filho (a), poderá retirar o seu consentimento e a pesquisadora irá respeitar sua vontade. Ressaltamos que seu (sua) filho (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração por participar desta pesquisa. Os resultados da pesquisa serão analisados e apresentados à comunidade escolar por meio de uma reunião a ser realizada após a defesa da dissertação e uma cópia da pesquisa ficará na secretaria da escola, mas a identidade da criança não será divulgada mantendo todo o sigilo, a fim de resguardar sua identidade e reações diretamente relacionadas à produção escrita que compõem o presente estudo. Esclarecemos que os resultados obtidos nesta pesquisa serão utilizados em eventos e publicações científicas, em diferentes suportes, como sites, periódicos, sem a identificação dos sujeitos, por isso, solicitamos também a sua autorização para o uso de fotografias de atividades ligadas ao estudo, nas quais seu (a) filho (a) apareça. As informações colhidas ficarão guardadas em arquivos pessoais, sob a responsabilidade da pesquisadora, durante o período de 05 (cinco) anos. Caso o (a) senhor (a) deseje, quaisquer outras informações, a pesquisadora responsável pelo estudo estará apta a fornecê-las no Colegiado do Profletras, situado na Av. Transnordestina, S/N – Bairro Novo Horizonte UEFS – Módulo 2, Prédio da Pós Graduação ou pelo e-mail: [profletras@uefs.br](mailto:profletras@uefs.br). Ainda, se precisar de esclarecimentos éticos, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UEFS) na Avenida Transnordestina, S/N – Bairro Novo Horizonte, Universidade Estadual de Feira de Santana, Módulo I, MA 17, telefone (75)3161-8067, e-mail [cep@uefs.br](mailto:cep@uefs.br), ou ainda através de contatos da escola, número (75) 3224-0042. Este termo encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Feira de Santana, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora

## ANEXO L – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – Menor



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
 DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
 MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS  
 Avenida Transnordestina, S/N - Bairro Novo Horizonte - CEP 44.036-900  
 Fone: (75) 3161-8872 – E-mail: [profletras@uefs.br](mailto:profletras@uefs.br)  
[www.profletrasuefs.wordpress.com](http://www.profletrasuefs.wordpress.com)



## TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar como sujeito-voluntário(a) do estudo intitulado **A LEITURA DE CONTOS NA ESCOLA PÚBLICA FEIRENSE: UM ESTUDO INTERVENCIONISTA**, desenvolvida pela professora/pesquisadora Luciana Guimarães Brandão Carvalho. O principal objetivo do presente estudo é contribuir de forma mais sistemática com a situação vigente do ensino de leitura na escola, oportunizando a leitura de contos com o intuito de colaborar para a formação de práticas leitoras dos alunos do 7º. ano do Ensino Fundamental. Para participar deste estudo você precisará responder a um questionário sobre sua realidade social e sobre seu memorial leitor, participará aproximadamente de 10 (dez) encontros, durante as aulas de Língua Portuguesa, em que serão desenvolvidas oficinas de leitura e fará atividades escritas durante esses encontros. Além disso, acessará, na escola e, principalmente em casa, um blog, que será criado para que haja a interação com os demais colegas e com a pesquisadora em um suporte tecnológico, em que fará comentários sobre as atividades desenvolvidas em sala. Você foi escolhido para participar desta pesquisa porque está no 7º ano do Ensino Fundamental II e é importante participar de atividades que oportunizem ampliação de sua competência leitora. Caso você queira, a qualquer momento poderá tirar dúvidas sobre este projeto com a professora/pesquisadora no Colegiado do Profletras situado na Av. Transnordestina, S/N – Bairro Novo Horizonte UEFS – Módulo 2, Prédio da Pós Graduação ou do e-mail: [profletras@uefs.br](mailto:profletras@uefs.br). Para participar deste estudo, o seu responsável deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você ou o seu responsável poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade. Caso você aceite participar, o pesquisador garante que irá tratar a sua identidade e seus dados em segredo. Este estudo não apresenta riscos, mas você pode sentir-se desconfortável ou indisposto para realizar as atividades propostas nesta pesquisa, saiba que você é livre e, caso não queira realizá-las, não será prejudicado por isso. Ao final da pesquisa, você aprenderá mais como aprimorar a sua leitura, bem como os resultados estarão à sua disposição, pois uma cópia da pesquisa será entregue na secretaria da sua escola para que todos que trabalham na escola a possam ler. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do seu responsável. Todo material utilizado durante os nossos encontros (escritas e fotografias) ficarão sob a responsabilidade da professora/pesquisadora responsável pela pesquisa por um período de 5(cinco) anos e após esse tempo serão destruídos. Este termo encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. É importante que você saiba que ao participar da pesquisa você não receberá nenhum pagamento por isso, mas se tiver algum gasto para participar dela, ao comprová-lo, você terá o valor gasto devolvido pela professora/pesquisadora. Caso você tenha dúvidas sobre os esclarecimentos éticos descritos neste termo, a qualquer momento pode entrar em contato com Comitê de Ética da UEFS que fica na Avenida Transnordestina, s/n – Novo Horizonte, Módulo I, MA 17 em Feira de Santana, com telefone (75) 3161- 8067 e e-mail [cep@uefs.br](mailto:cep@uefs.br).

Feira de Santana, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do menor

\_\_\_\_\_  
 Assinatura da Pesquisadora

## ANEXO M – História em quadrinhos Chico Bento em: Ler para quê? – página 1



## Aula 02

1. Leia agora a história em quadrinhos a que nos referimos na aula anterior e verifique se suas hipóteses acerca das ideias de Chico Bento sobre a leitura se confirmam.





## ANEXO N – História em quadrinhos Chico Bento em: Ler para quê? – página 2



ANEXO O – História em quadrinhos Chico Bento em: Ler para quê? – página 3



## ANEXO P – Conto “Felicidade clandestina” – página 1



## Aula 03

## Felicidade clandestina

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados.

Tinha um busto enorme; enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como "data natalícia" e "saudades".

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As renações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, sai devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do "dia seguinte" com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!



## ANEXO Q – Conto “Felicidade clandestina” – página 2

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrível da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: "E você fica com o livro por quanto tempo quiser." Entendem? Valia mais do que me dar o livro: "pelo tempo que eu quisesse" é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

## ANEXO R – Sinopse do filme “A história sem fim”

OFICINA

3

Exibição do

“A História Sem Fim”

## OBJETIVO:

- Perceber o quanto o envolvimento com a leitura pode proporcionar momentos prazerosos.



## A HISTÓRIA SEM FIM

Sinopse e Detalhes



Bastian (Barret Oliver) é um garoto que usa sua imaginação como refúgio dos problemas do dia a dia, como as provas do colégio, as brigas na escola e a perda de sua mãe. Um dia, após se livrar de alguns garotos que insistem em atormentá-lo, ele entra em uma livraria. Lá o proprietário mostra um antigo livro, chamado A História Sem Fim, o qual classifica como perigoso. O alerta atíça a curiosidade de Bastian, que pega o livro emprestado sem ser percebido. A leitura o transporta para o mundo de Fantasia, um lugar que espera desesperadamente a chegada de um herói. A imperatriz local (Tami Stronach) está morrendo e, junto com ela, o mundo em que vive é aos poucos devorado pelo feroz Nada. A

única esperança é Atreyu (Noah Hathaway), que busca a cura para a doença da imperatriz com a ajuda de Bastian .

20

A leitura de contos na escola pública feirense


**Profletr@S**  
 mediado profissional

## ANEXO S – Conto “O conto se apresenta” – página 1



## O conto se apresenta

Olá!

Não, não adianta olhar ao redor: você não vai me enxergar. Não sou uma pessoa como você. Sou, vamos dizer assim, uma voz. Uma voz que fala com você ao vivo, como estou fazendo agora. Ou então que lhe fala dos livros que você lê.

Não fique tão surpreso assim: você me conhece. Na verdade, somos até velhos amigos. Você já me ouviu falando de Chapeuzinho Vermelho e do Príncipe Encantado, de reis, de bruxas, do Saci-Pererê. Falo de muitas coisas, conto muitas histórias, mas nunca falei de mim próprio. É o que eu vou fazer agora, em homenagem a você. E começo me apresentando: eu sou o Conto. Sabe o conto de fadas, o conto de mistério? Sou eu. O Conto.

Vejo que você ficou curioso. Quer saber coisas sobre mim. Por exemplo, qual a minha idade.

Devo lhe dizer que sou muito antigo. Porque contar histórias é uma coisa que as pessoas fazem há muito, muito tempo. É uma coisa natural, que brota de dentro da gente. Faça o seguinte: feche os olhos e imagine uma cena, uma cena que se passou há muitos milhares de anos. É de noite e uma tribo dos nossos antepassados, aqueles que viviam nas cavernas, está sentada em redor da fogueira. Eles têm medo do escuro, porque no escuro estão as feras que os ameaçam, aqueles enormes tigres, e outras mais. Então alguém olha para a lua e pergunta: por que é que às vezes a lua desaparece? Todos se voltam para um homem velho, que é uma espécie de guru para eles. Esperam que o homem dê a resposta. Mas ele não sabe o que responder. E então eu apareço. Eu, o Conto. Surjo lá da escuridão e, sem que ninguém note, falo baixinho ao ouvido do velho:

– Conte uma história para eles.

E ele conta. É uma história sobre um grande tigre que anda pelo céu e que de vez em quando come a lua. E a lua some. Mas a lua não é uma coisa muito boa para comer, de modo que lá pelas tantas o grande tigre bota a lua para fora de novo. E ela aparece no céu, brilhante.

Todos escutam o conto. Todo mundo: homens, mulheres, crianças. Todos estão encantados. E felizes: antes, havia um mistério: por que a lua some? Agora, aquele mistério não existe mais. Existe uma história que fala de coisas que eles conhecem: tigre, lua, comer – mas fala como essas coisas poderiam ser, não como elas são. Existe um conto. As pessoas vão lembrar esse conto por toda a vida. E quando as crianças da tribo crescerem e tiverem seus próprios filhos, vão contar a história para explicar a eles por que a lua some de vez em quando. Aquele conto.

No começo, portanto, é assim que eu existo: quando as pessoas falam em mim, quando as pessoas narram histórias – sobre deuses, sobre monstros, sobre criaturas fantásticas. Histórias que atravessam os tempos, que duram séculos. Como eu.

Aí surge a escrita. Uma grande invenção, a escrita, você não concorda? Com a escrita, eu não existo mais somente como uma voz. Agora estou ali, naqueles sinais chamados letras, que permitem que pessoas se comuniquem, mesmo à distância. E aquelas histórias – sobre deuses, sobre monstros, sobre criaturas fantásticas – vão aparecer em forma de palavra escrita.



## ANEXO T – Conto “O conto se apresenta” – página 2

E é neste momento que eu tenho uma grande ideia. Uma inspiração, vamos dizer assim. Você sabe o que é inspiração? Inspiração é aquela descoberta que a gente faz de repente, de repente tem uma ideia muito boa. A inspiração não vem de fora, não; não é uma coisa misteriosa que entra na nossa cabeça. A boa ideia já estava dentro de nós; só que a gente não sabia. A gente tem muitas boas ideias, pode crer.

E então, com aquela boa ideia chego perto de um homem ainda jovem. Ele não me vê. Como você não me vê. Eu me apresento, como me apresentei a você, digo-lhe que estou ali com uma missão especial – com um pedido:

– Escreva uma história.

Num primeiro momento, ele fica surpreso, assim como você ficou. Na verdade, ele já havia pensado nisso, em escrever uma história. Mas tinha dúvidas: ele, escrever uma história? Como aquelas histórias que todas as pessoas contavam e que vinham de um passado? Ele, escrever uma história? E assinar seu próprio nome? Será que pode fazer isso? Dou força:

– Vá em frente, cara. Escreva uma história. Você vai gostar de escrever. E as pessoas vão gostar de ler.

Então ele senta, e escreve uma história. É uma história sobre uma criança, uma história muito bonita. Ele lê o que escreveu. Nota que algumas coisas não ficaram muito bem. Então escreve de novo. E de novo. E mais uma vez. E aí, sim, ele gosta do que escreveu. Mostra para outras pessoas, para os amigos, para a namorada. Todos gostam, todos se emocionam com a história.

E eu vou em frente. Procuro uma moça muito delicada, muito sensível. Mesma coisa:

– Escreva uma história.

Ela escreve. E assim vão surgindo escritores. Os contos deles aparecem em jornais, em revistas, em livros.

Já não são histórias sobre deuses, sobre criaturas fantásticas. Não, são histórias sobre gente comum – porque as histórias sobre as pessoas comuns muitas vezes são mais interessantes do que histórias sobre deuses e criaturas fantásticas: até porque deuses e criaturas fantásticas podem ser inventados por qualquer pessoa. O mundo da nossa imaginação é muito grande. Mas a nossa vida, a vida de cada dia, está cheia de emoções. E onde há emoção, pode haver conto. Onde há gente que sabe usar as palavras para emocionar pessoas, para transmitir ideias, existem escritores.



Alguns deles – grandes escritores – você vai conhecer agora. O José Paulo Paes, que já morreu, escrevia poemas, escrevia artigos, escrevia contos... Ele adorava crianças e adorava palavras: e, por causa disso, escreveu “A Revolta das Palavras”. Você já imaginou isso, as palavras se revoltando? Pois é. Se o Conto pode falar, as palavras podem se revoltar, não é verdade? Isso é o que José Paulo Paes diz. E depois tem o Milton Hatoum. Ele é do Norte, de Manaus. E escreve uma linda história que se passa em Xapuri, no Acre. E o Marcelo Coelho, que é jornalista, fala sobre o primeiro dia na escola. Lembram disso?



## ANEXO U – Conto “O conto se apresenta” – página 3

Lembram do primeiro dia na escola? O Marcelo vai ajudar vocês a lembrar. Já o Drauzio Varella é médico, um grande médico que é também escritor. Mas os médicos, e os escritores, também tiveram infância, também fizeram travessuras, e é disso que o Drauzio vai falar para vocês.

E, já que eles estão aqui, posso ir embora, porque agora vocês estão em muito boa companhia. Vou em busca de outros garotos e outras garotas. Para quem vou me apresentar:

– Eu sou o Conto.

SCLIAR, Moacyr. O conto se apresenta. In: SCLIAR, Moacyr. et al. *Era uma vez um conto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.



## ANEXO V – Conto “A revolta das palavras” – página 1



## Aula 2

## A revolta das palavras

## (Uma fábula moderna)

Como as personagens desta história são palavras, nada mais natural que ela aconteça nas páginas de um dicionário.

O dicionário é uma espécie de pomar. Só que as suas árvores, em vez de serem árvores de frutas, são árvores de palavras.

Cada uma das letras do alfabeto é uma árvore onde estão penduradas as palavras que começam por essa letra. Assim, *abacate* pertence à letra A, *banana* à letra B, *caqui* à letra C, e assim por diante.

A ordem por letra inicial, isto é, a ordem alfabética, ajuda a gente a encontrar rapidamente as palavras quando quer descobrir o que cada uma delas significa.

Por exemplo, vocês sabem o que significa *ábaco*? Se não sabem, é só ir ao dicionário, procurar a letra A, localizar nela *ábaco*, e ler sua definição.

Aí ficarão sabendo que *ábaco* é uma moldura com arames, ao longo dos quais há bolinhas coloridas que a gente pode movimentar. Movimentando essas bolinhas, conseguimos fazer rapidamente somas e subtrações.

Pois bem: o dicionário só funciona quando cada palavra está corretamente classificada pela sua letra inicial. Se estiver classificada por engano em alguma outra letra, aí é muito difícil achá-la.

Mas a dificuldade será muitíssimo maior se a definição da palavra estiver trocada.

Imaginem, por exemplo, que vocês vão procurar na letra V a definição de *verdade* e lá encontram isto: “Ideia, juízo ou opinião falsos”.

Claro que essa não é a definição de *verdade*, e sim a definição de *mentira*, pois falso é aquilo que não é verdadeiro.



## ANEXO W – Conto “A revolta das palavras” – página 2

Felizmente, nos dicionários, isso nunca acontece. Mas costuma acontecer muito na vida fora do dicionário. E, toda vez que acontece, engana as pessoas e desmoraliza ou bagunça o significado das palavras.

Foi por causa disso que houve a Revolta das Palavras. Um dia, elas se cansaram de estar sendo usadas de maneira errada por pessoas sem escrúpulos, que só queriam tirar vantagens para si, sem se importar de causar prejuízo aos outros.

Certa noite, numa hora em que os dicionários não estavam sendo usados, elas fizeram uma reunião. A reunião foi presidida pelas duas palavras mais prejudicadas pelo mau uso – ou seja, a Verdade e a Mentira.

– Minhas irmãs – disse a Verdade –, nós precisamos tomar providências para acabar com os abusos na maneira como somos usadas. A mim, me usam constantemente as pessoas desonestas quando querem se aproveitar da ingenuidade de gente de boa-fé.

– É isso mesmo – confirmou a Mentira. – Os desonestos também abusam de mim quando chamam de mentiroso alguém que diga algo verdadeiro que possa prejudicá-los. E, embora eu não queira, sou obrigada a servir de disfarce das más intenções deles.

– Para acabar com esses abusos, minhas irmãs – concluiu a Verdade –, só há uma solução. De agora em diante, todas nós devemos nos recusar a ser mal-usadas. Assim, quando alguém quiser dizer ou escrever uma mentira disfarçada de verdade, não conseguirá. Porque, em vez de eu aparecer, mandarei no meu lugar a Mentira.

– E se um desonesto – confirmou a Mentira – quiser chamar a verdade de mentira, não adianta me chamar que eu não irei. No meu lugar mando a Verdade. Vocês todas façam isso também, não se deixem explorar.

As outras palavras bateram palmas para a proposta das duas presidentas e juraram, a uma só voz, que cumpririam ao pé da letra o que ficara combinado na reunião.

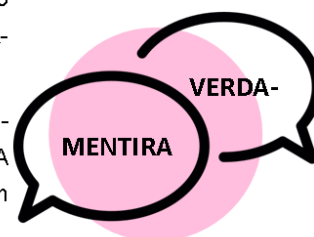
No dia seguinte começaram a acontecer as coisas mais estranhas pelo mundo afora.

Enquanto tomava o seu café da manhã, o Industrial teve a pior surpresa de sua vida quando abriu o jornal e leu o anúncio que mandara publicar. Bufando de raiva, telefonou imediatamente para o Publicitário:

– Você é um incompetente, um irresponsável! Como teve a audácia de escrever, no anúncio que redigiu para a minha indústria, que os nossos produtos estão muito longe de ser os melhores do mundo?

– Eu nunca escrevi isso! Só pode ter sido erro do jornal – respondeu, aflito, o Publicitário.

Por telefone, o Industrial reclamou com o Dono do Jornal.



## ANEXO X – Conto “A revolta das palavras” – página 3

– Na hora de ser impresso, o anúncio foi conferido e estava tudo em ordem. Só pode ter sido sabotagem de algum agitador ou coisa de feitiçaria! – justificou-se, consternado, o Dono do Jornal..

Nessa mesma hora, o Comerciante estava arrancando os cabelos de raiva porque, na fachada de seu supermercado, havia um cartaz escandaloso. Em vez de dizer que os preços dos produtos ali vendidos eram os mais baixos, dizia que eles eram iguais ou até um pouco mais altos que os dos outros supermercados.

E o susto do Político entrevistado pela televisão quando disse diante das câmeras, sem saber por que nem como, que não cumpria nenhuma das promessas feitas aos seus eleitores e que se elegera apenas para ganhar dinheiro?

Eu poderia ficar horas e horas contando muitos outros fatos estranhíssimos acontecidos naquele mesmo dia. Aconteceram a quem, como o Industrial, o Publicitário, o Dono do Jornal, o Comerciante e o Político, costuma dizer mentiras publicamente, com a maior cara de pau, só para se aproveitar da boa-fé dos outros.

Mas se eu fosse contar tudo isso, a história da Revolta das Palavras ia ficar comprida demais, e eu sei que ninguém gosta de histórias muito esticadas, cheias de repetições.

Por isso, vou apenas acrescentar que nesse mesmo dia inesquecível a Incompreensão foi fazer uma queixa à Verdade e à Mentira. Reclamou que o poeta continuava mentido sem que nada acontecesse a ele.

– Imaginem vocês que ele escreveu “A laranja madura é um sol sobre a mesa”! Onde se viu confundir uma bola pequena como a laranja com uma bola enorme como o sol? E se a laranja fosse tão quente como o sol, a mesa pegava fogo na mesma hora!

— Não é bem assim – explicaram a Verdade e a Mentira. – A poesia diz as coisas de modo tão original, tão fora do comum, que parece estar mentindo o tempo todo. Mas pense bem: não é o sol que amadurece as frutas? E o amarelo da laranja não é como o amarelo do sol que tivesse descido do céu até a terra?

Ah! eu quase ia esquecendo de dizer que tudo isso aconteceu num dia 2 de abril.

Isso porque, se o dia 1º de abril é o Dia da Mentira, nada mais justo que o dia seguinte sirva para desmenti-lo e fique marcado no calendário, de hoje em diante, como o Dia da Desmentira.

Na manhã do Dia da Desmentira, as bibliotecárias de todas as bibliotecas do mundo fugiram apavoradas de seus locais de trabalho porque, quando lá chegaram, os dicionários estavam às gargalhadas, fazendo uma barulheira de estourar ouvido de surdo e de pôr fantasma para correr.

Talvez vocês estejam pensando aí com os seus botões que, afinal de contas, se durou apenas um dia, a Revolta das Palavras não adiantou coisa alguma.

Mas se pensam assim, se enganam.

De agora em diante – eu aposto –, todos vocês vão prestar mais atenção no que dizem as pessoas aproveitadoras, para ver se elas estão mesmo dizendo a verdade quando prometem mundos e fundos.

Sempre que vocês fizerem isso, lembrem-se de encostar bem o ouvido ao dicionário. Talvez consigam escutar lá dentro uma porção de risadinhas.

PAES, José Paulo. A revolta das palavras (uma fábula moderna). *In*: SCLIAR, Moacyr. *et al.* **Era uma vez um conto**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002. p. 10-15.



## ANEXO Y – Conto “A revolta das palavras” – página 4



## Glossário

**escrúpulo:** sm Estado de dúvida sobre o que é bom ou ruim (numa circunstância); receio de pecado ou engano; vacilação; essência moral; caráter virtuoso.

**presidida:** vt Dirigir como presidente.

**bufando:** vt [Brasil: Gir.] Protestar com veemência, enfurecer-se: bufar de raiva.

**audácia:** sf Tendência que dirige e incita o indivíduo a, temerariamente, realizar ações difíceis, desprezando obstáculos e situações de perigo; ousadia, intrepidez, denodo.

**consternado:** adj Que se encontra triste ou desolado; chocado.

## ANEXO Z – Conto “Nas asas do Condor” – página 1



Aulas 03, 04 e 05

**Nas asas do Condor**

Quase morri de medo nas asas do Condor. Voei, voei muito alto, mas a verdade é que renasci...

Quando?

Faz muito tempo, mas me lembro do dia, mês e ano: 7 de setembro de 1958. Lembro-me também do lugar, pois há lugares da infância que ficam bem guardados na memória. Naquela época, na manhã do Dia da Independência, eu estava na beira do rio Xapuri, lá no Acre, brincando com meus amigos... Nós cavávamos buracos na areia a fim de encontrar ovos de tracajá. Em cada buraco havia dezenas de ovos que as nossas mãos transformavam em pequenas pirâmides e colinas brancas... Suávamos sob o calor inclemente, e, de vez em quando, a gente mergulhava no rio, nadava e voltava para a praia à procura de ovos... Quando terminei de construir a terceira pirâmide, tive minha primeira crise de asma. Senti falta de ar, e abri a boca para tentar respirar...

Não há nada pior do que sentir falta de ar, porque, sem ar, eu, você e o mundo inteiro não podemos viver. Meus amigos, assustados, correram até minha casa e viram minha tia Leila limpando um peixe na varanda. Apontaram para a beira do rio, e um deles disse que meu rosto estava estufado e vermelho. Tia Leila, a mais dramática de minhas tias, pensou que eu tinha me afogado no rio e correu para avisar minha mãe, que correu para o rio e entrou nas águas do Xapuri. Estava tão nervosa que não me viu na beira do rio e, é claro, não me veria nas águas do rio. Quando voltou para a praia, seu vestido



31

A leitura de contos na escola pública feirense

Profletr@  
mestrado profissional

## ANEXO AA – Conto “Nas asas do Condor” – página 2

azul colado no corpo e seus cabelos longos escorridos lhe davam um ar engraçado. Assim, vi minha mãe e tive vontade de rir, mas se eu mal conseguia respirar, imagine se podia rir. Minha mãe, atônita, correu para avisar meu pai, e no meio do caminho ela se lembrou de que meu pai não estava em casa, nem na cidade. Meu pai estava viajando num barco. Ele descia e subia o rio Acre, vendendo tecidos e roupas ou trocando tecidos e roupas por peles de borracha e sacos de castanha. Nossa casa ficava na praça Plácido de Castro, a menos de cem metros da prefeitura da cidade. Minha mãe se lembrou de que havia um médico em Xapuri, o Dr. Monte, um médico de Rio Branco que a cada dois meses visitava a cidade. Mas o Dr. Monte tinha ido atender um doente em Brasiléia, lá na fronteira com a Bolívia. Então, apavorada, ela se dirigiu à prefeitura, pois o prefeito era primo de meu pai. O prefeito correu para a praia e me viu estendido na areia, cercado por pirâmides e colinas de ovos de tracajá. Meu rosto devia estar vermelho que nem melancia, porque o prefeito olhou para mim e disse:

– Por Deus, o menino tá sufocado!

Ele olhou para o céu e disse para minha mãe e tia Leila:

– Fiquem aqui, eu vou cuidar desse menino.

Ele me pegou pelos braços. Carregou-me como se eu fosse um boneco de pano e me levou até o carro dele, um “Ford” velho e enferrujado que nunca saía da cidade, porque não havia estrada de Xapuri a nenhum lugar, nem de nenhum lugar a Xapuri. Mas havia uma estrada de barro que cortava a floresta e terminava numa pista de cascalho que devia ter uns duzentos metros. Não sabia para onde o prefeito me levava. Então eu ouvi a voz dele:

– Lá está ele, lá está o bonitão!

E quem era ele, o bonitão?

O Condor...

Nos braços do prefeito eu entrei no Condor. Era um avião verde e prateado, um bimotor alemão que passava por Xapuri a cada quinze dias e fazia uma viagem impressionante para São Paulo. O Condor escalava em seis cidades (duas da Bolívia e quatro do Brasil) antes de aterrissar na capital paulista. O prefeito, que sabia pilotar, disse ao dono do Condor que ia dar uma volta comigo. Além da falta de ar, comecei a sentir medo. Nunca viajara de avião, e agora estava num aviãozinho que parecia um sapo metálico. Tremia de medo, e, com medo e falta de ar, sentado na cabina, percebi que o avião corria na pista de cascalho. Fechei os olhos...

Minha primeira aventura: voar com falta de ar aos dez anos de idade. Quando abri os olhos, a cidade parecia uma maquete, uma cidade de brinquedo, vi os dois rios, o Acre e o Xapuri, como se fossem duas cobras amarelas. O Condor ainda chacoalhava, o barulho dos motores era infernal e o vento que entrava pela janelinha da cabina tinha a força de um furacão. Aos poucos, fui me acostumando com aquela ideia louca de voar. Estava nervoso, mas no ar. Era um milagre... e também uma alegria, pois navegando no espaço, não sei por que, comecei a respirar melhor... Já não sentia a angústia de estar perdendo o fôlego, de abocanhar em vão um punhado de ar. Voltava a ser como você, que respira pelo nariz, normalmente, sem ânsia, sem sufoco. O prefeito-piloto, ao notar minha melhora, sorriu. Logo depois ele riu e disse:



## ANEXO AB – Conto “Nas asas do Condor” – página 3

– Agora vamos conhecer as nuvens.

Ele puxou um pouquinho o manche, o Condor começou a subir, subir... E subimos tanto que entramos nas nuvens, essas nuvens que lá de baixo parecem enormes blocos de mármore, que nem esculturas aéreas flutuando no céu azul da Amazônia. Nuvens de todos os tamanhos e formas: nuvem-dragão, nuvem-serpente, nuvem-tartaruga, nuvens que são formas do céu da minha infância. Depois começamos a baixar, e sobrevoamos o rio Acre, sinuoso, barrento, como uma cobra-d'água sem fim. Vi um barquinho navegando perto de uma vila, imaginei que podia ser o barco de meu pai e dei um adeus na janelinha da cabina. Depois o Condor baixou ainda mais. O piloto apontou para uma árvore e disse: uma sumaumeira. Outras árvores: a castanheira, a seringueira, árvores enormes que eu via do alto. No meio da floresta, vi uma cortina esverdeada, com tons de amarelo. O piloto me disse que era um bambuzal. Vi o barracão de um seringal, o Soledad, e canoas que pareciam de papel pardo, pequeninas e frágeis. Em vinte minutos de voo vi coisas que só podia imaginar.

Hoje, quase quarenta anos depois desse voo, penso que escrever uma história se parece com isso: voar, ver o que nunca vimos... imaginar.

Aterricamos na pista de cascalho. No galpãozinho à beira da pista, minha mãe e tia Leila estavam ao lado do dono do avião. Minha mãe xingou o prefeito-piloto de louco e irresponsável; tia Leila, de cara emburrada, mal falou com ele. Mas quando me viram são e salvo, respirando como uma criança sadia, ficaram aliviadas.

Olhei para o avião na pista, e me despedi daquele sapo metálico que havia me curado. Enfim, agradei aos céus, mas nunca perdi o medo de voar. Anos depois, iria voar muito, e em aviões ainda menores que o Condor. Mas aquele voo foi inesquecível.

Até hoje me lembro daquela manhã em que voei no Condor e vi lá do alto o mundo da minha infância.

HATOUM, Milton. Nas asas do Condor. *In*: SCLIAR, Moacyr. *et al.* **Era uma vez um conto**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002. p. 16-20.



### Glossário

**Condor:** sm Ave da fam. dos catartídeos ( *Vultur gryphus* ), encontrada ao longo de toda a cordilheira dos Andes, com cerca de 1 m de comprimento e 3 m de envergadura, plumagem negra com espesso colar de plumas brancas e cabeça nua; abutre-do-novo-mundo, condor-dos-andes.

**Tracajá:** sm Tartaruga de água doce, da fam. dos pelomedusídeos ( *Podocnemis unifilis* ), encontrada nos rios amazônicos, com cerca de 50 cm de comprimento, carapaça abaulada, pardo-escuro, e cabeça com manchas alaranjadas; bracajá, capinima, capininga, pitiú, tarecai, terecai [Os ovos, colocados nas praias dos rios, são apreciados pelo povo amazônico].



## ANEXO AC – Conto “Nas asas do Condor” – página 4

**Inclemente:** adj [Figurado] Que não se consegue suportar.

**Estufado:** adj Que aumentou de volume.

**Pelas:** sf Bola usada em brincadeiras e jogos, especialmente de crianças.

**Ânsia:** sf Aflição; sensação de aperto na região torácica ou peitoral.

**Sumaumeira:** sf [Botânica] Espécie de árvore (Ceiba pentandra) cultivada nos trópicos, de tronco grosso e que produz vagens repletas de sementes revestidas de fibras sedosas; sumaúma.





Aulas 03, 04 e 05

### Elefantes

Meu primeiro dia na escola foi bem ruim. Hoje em dia as crianças não sabem direito como é o primeiro dia em que a gente entra na escola. Elas começam muito pequenas, com três anos estão no maternal. Comigo foi diferente. Eu já era meio grande. Tinha seis anos.

Imagine. Seis anos. Quer dizer que, desde que eu nasci, até ter seis anos, eu ficava em casa. Sem fazer nada. Brincava um pouco. Mas meus irmãos eram muito mais velhos, e criei o costume de brincar sozinho. Era meio chato.

Até que chegou o dia de entrar na escola. Minha mãe foi logo avisando.

– Olha, Marcelo. Lá na escola, não pode ficar falando palavra feia. Bunda, cocô, xixi. Não usa essas palavras.

Tocaram a buzina. Era o ônibus da escola.

Eu estava de uniforme. Calça curta azul, camisa branca.

Eu tinha uma camisa branca que me dava sorte. Era uma com uma pintinha no colarinho. Gostava daquela pintinha preta. Mas no primeiro dia de aula justo essa camisa tinha ido lavar. Fui com outra. Que não dava sorte.

Bom, daí a aula começou, teve o recreio, eu não conhecia ninguém, tirei um sanduíche da lancheira, o lanche sempre ficava com um gosto de plástico por causa da lancheira mas eu não sabia disso ainda, porque era a primeira vez que eu usava lancheira, então tocou o sinal e fui de novo para a classe.

Até que deu certo no começo. A professora explicou alguma coisa sobre os elefantes. Falou que eles tinham dentes grandes, e que esses dentes eram muito valiosos.



## ANEXO AE – Conto “Elefantes” – página 2

Então ela perguntou:

– Alguém sabe qual o nome dos dentes do elefante?

Ou melhor, ela falou assim:

– Alguém sabe para que servem os dentes do elefante?

Vai ver que ela queria perguntar: "Qual o material precioso que é tirado das presas do elefante?".

O fato é que eu sabia a resposta, e gritei:

– O marfim!

A professora me olhou muito contente. Os meus colegas também me olharam, mas não pareciam tão contentes.

Ela brincou:

– Puxa, você está afiado, hein?

Eu não respondi, mas fiquei inchado de alegria, como se fosse um elefantezinho. Dentes afiados.

Tinha sido um bom começo.

Mas aí vieram os problemas.

Fui ficando com a maior vontade de fazer xixi.

Segurei.

A professora continuava a falar sobre os elefantes.

Assunto mais louco para um primeiro dia de aula.

E a vontade de fazer xixi ia aumentando.

Cruzar as pernas não adianta nessa hora.

Olhei para um coleguinha no banco da frente. Tive inveja dele. Ele estava ali, tranquilo. Sem nenhum aperto. Como é que seria estar no lugar dele? Pedir para ser ele, pedir emprestado o corpo dele por algum tempo? Como alguém pode ficar sem vontade de fazer xixi? Sem nem pensar no problema?

Eu estava ficando meio desesperado. Eu era meio tímido também. Levantei a mão. A professora perguntou o que eu queria.

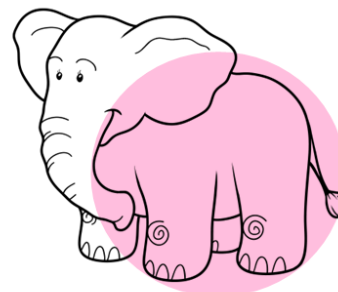
— Posso ir no banheiro?

– Espere um pouco, tá?

Ela devia estar achando muito importante aquela história toda sobre elefantes. Começou a explicar como os elefantes bebiam água. Eles enchem a tromba, seguravam bem, e daí- chuáá...

Levantei a mão de novo.

– Preciso ir no banheiro, professora...



## ANEXO AF – Conto “Elefantes” – página 3

Ela nem respondeu. Fez só um gesto com a mão. Para eu esperar mais.

Na certa, ela estava pensando que, no primeiro dia de aula, é importante não facilitar. Não dar moleza. Devia imaginar que todo mundo inventa que quer ir ao banheiro só para passear um pouco e não ficar ali assistindo aula.

Professora mais chata.

Levantei a mão pela terceira vez.

Eu realmente não aguentava mais.

Só que a professora nem precisou responder.

Tinha tocado o sinal. Fim da aula.

Era só correr até o banheiro.

Levantei da carteira. A gente era obrigado a sair em fila.

Faltava pouco.

Claro que não deu.

Fiz o maior xixi. Dentro da classe.

Logo eu, que nunca fui de fazer grandes xixis. Mas aquele foi fenomenal. Parecia um elefante. Coisa de fazer barulho no chão. Chuáá...

A professora chegou perto de mim.

– Você estava apertado? Por que não me avisou?

Eu não soube o que responder. Mas entendi algumas coisas.

A coisa mais óbvia é que, quando você tem vontade de fazer xixi, vai e faz. Coisa mais chata é ficar pedindo para alguém deixar a gente ir ao banheiro. Banheiro é assunto meu.

Outra coisa é que as pessoas, em geral, não ligam para o que a gente está sentindo. Para mim a vontade de fazer xixi era a coisa mais importante do mundo. Para a professora, a coisa mais importante do mundo era ficar falando de elefantes.

É como se cada pessoa tivesse um filme dentro da cabeça. E só prestasse atenção nesse filme. Filme dos elefantes, filme do xixi.

Mais uma coisa. Quando a gente precisa muito, a gente tem de gritar para valer. Eu devia ter gritado:

– Professora, tenho de fazer xixi.

Ou, se quisesse evitar a palavra feia:

– Professora, tenho absoluta urgência de urinar.

Não seria bonito, mas até que seria certo dizer:



## ANEXO AG – Conto “Elefantes” – página 4

– Vou dar uma mijada, pô.

Mas o pior é ficar levantando a mão e dizendo baixinho:

– Professora, posso ir no banheiro?

Vai ver que eu estava falando tão baixo que ela nem escutou.

As pessoas nunca escutam muito bem o que a gente diz.

Uma última coisa.

Aquele xixi não teve importância nenhuma. Eu fiquei envergonhado. Ainda mais no primeiro dia de aula. Só que, alguns dias depois, o vexame tinha passado. Tudo ficou normal. Tive amigos e inimigos na classe, fiz lição, respondi chamada, e nem a professora, nem meus amigos, nem meus inimigos, ninguém se lembrou do meu xixi.

Sabe por quê? É porque já estava passando outro filme na cabeça deles. Cada pessoa tem outras coisas em que pensar: a briga que os pais estão tendo, o irmão mais velho que é chato, o presente que vai ganhar de aniversário...

Só eu liguei de verdade para o caso do xixi. As outras pessoas estão sempre tratando de assuntos mais sérios. Elefantes, por exemplo.

COELHO, Marcelo. Elefantes. *In*: SCLIAR, Moacyr. *et al.* **Era uma vez um conto**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002. p. 21-25.



### Glossário

**Fenomenal:** adj Espantoso, extraordinário.



## ANEXO AH – Conto “Na traseira do caminhão”

**Na traseira do caminhão**

Quando eu tinha sete, oito anos, virou moda na minha rua chocar caminhão: pendurar-se na traseira do veículo e saltar na virada da esquina. Uma vez, choquei o caminhão de lixo e quando pulei na frente de casa, meu pai, que chegava do trabalho, estava parado no portão com cara de quem não gostou da gracinha. Recebi o mais detestável dos castigos: domingo inteiro de pijama na cama.

Cabeça-dura, repeti a façanha outras vezes, até que decidi chocar a caminhonete do seu Germano, o alemão da fábrica em frente, só para me exibir para os meninos, que morriam de medo dele. Sentei na calçada ao lado da caminhonete. Dois operários puseram umas caixas na carroceria. Seu Germano, saindo para o almoço, deu a partida. Eu pendurado atrás. Infelizmente, na esquina, em vez de diminuir a velocidade ele acelerou, e me faltou coragem para pular.

Fomos na direção do largo Santo Antônio, cada vez mais depressa, eu com os ossos batendo na lataria, morto de medo de cair. Ao chegar no largo, duas senhoras me viram naquela velocidade e gritaram para parar. Seu Germano nem ouviu. Com os braços cansados, fiz um esforço para saltar para dentro da carroceria, mas a caminhonete pulava feito cavalo bravo nos paralelepípedos da rua e eu não consegui. Tentei de novo e não deu. Mais uma vez, pior ainda. Então, fiquei apavorado. Achei que ia morrer e que meu pai ia ficar muito triste, porque ele sempre dizia: “Deus me livre, perder um de vocês”.

Talvez o medo da morte tenha me dado força na quarta tentativa: esfolei a canela inteira, mas consegui passar a perna e impulsionar o corpo para dentro. Caí no meio das caixas, com o coração disparado, e chorei. Quando a caminhonete parou na porta do seu Germano, achei melhor ficar quietinho entre as caixas, até ele voltar para a fábrica depois do almoço. Também não deu certo: ele resolveu descarregar a caminhonete e me encontrou escondido. Tomou um susto tão grande que até pulou para trás:

— Menino dos infernos! Como veio parar aqui?

Expliquei que só queria chocar até a esquina, mas a velocidade tinha sido tanta... Ele ficou enfezado e disse que ia contar para o meu pai. Pedi para não fazer isso porque eu ia apanhar, mas ele não se importou, falou que era merecido até. Mostrei as pernas esfoladas, ele não se comoveu. Por fim, contei dos domingos de castigo na cama. Nesse momento, brilhou um instante de compaixão no olhar dele:

— Seu pai deixa você de pijama, deitado o domingo inteiro?

— Só quando eu desobedeço muito.

— Está louco! Teu pai é severo como o meu, na Alemanha. Entre na caminhonete que eu te levo de volta.

No caminho, ele me deu conselhos e me contou do pai. Achei que os castigos do pai dele eram muito piores. O meu nunca tinha me trancado no guarda-roupa a noite inteira. Seu Germano concordou em manter segredo, desde que eu promettesse nunca mais chocar veículo nenhum. Desde então, apesar do jeito bravo, ele ficou meu amigo. Quando me encontrava, às vezes dizia:

— Não vá esquecer: menino que cumpre a palavra merece respeito.

VARELA, Dráuzio. Na traseira do caminhão. In: SCLIAR, Moacyr. *et al.* Era uma vez um conto. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002. p. 26-28.



ANEXO AI – Parte inicial do conto africano de adivinhação “Os três gravetos” – página 1<sup>11</sup>

Aulas 01, 02 e 03

**Os três gravetos**

Certa manhã, o monarca de um poderoso reino hauçá, no interior da Nigéria, acordou seus súditos aos gritos:

– Tragam o adivinho da corte imediatamente a minha presença – ordenou.

Não tardou muito para que um homenzinho de barrete colorido e camisolão branco aparecesse.

– O que aconteceu? Perguntou o revelador de sonhos e segredos ao irado senhor.

– O anel cravejado de pedras preciosas que dei a minha filha de presente de casamento sumiu do quarto dela ontem à noite.

– Os guardas não viram nenhum movimento? – quis saber o homem entendido em mistérios e coisas do outro mundo.

– Não. Mandei prender os três sentinelas que passaram a noite em frente ao aposento, em turnos separados. Mas eles juram que não sabem de nada.

O adivinho, sem perder a calma, disse:

– Não vai ser difícil encontrar o culpado.

– Como? – perguntou o rei, mastigando um pedaço de noz-de-cola.

O adivinho lentamente retirou três gravetos do mesmo tamanho de uma bolsa de couro de crocodilo que trazia ao ombro e entregou-os ao rei.

– Ao anoitecer, cada prisioneiro deve receber um desses – avisou. – Diga que o ladrão será aquele cujo graveto tiver crescido, até o cantar do galo, dois dedos de comprimento.

Na manhã seguinte, dois dos gravetos estavam do mesmo tamanho. Menos um, que havia diminuído exatamente dois dedos.

– Foi ele – disse o adivinho apontando para o trêmulo guarda que segurava o menor pedaço. – Pode procurar entre suas coisas, que achará o anel.

A joia realmente foi encontrada costurada no forro da roupa do acusado.



BARBOSA, Rogério Andrade. **Três contos africanos de adivinhação**. São Paulo: Paulinas, 2009. (Coleção árvore falante)



<sup>11</sup> O final dos três contos africanos aqui citados encontra-se no blog da turma (<https://blogleituraporamor.wordpress.com>)

## ANEXO AJ – Parte inicial do conto africano de adivinhação “Os três gravetos” – página 2

**Glossário**

**Monarca:** sm Nome genérico de um chefe ou soberano de um Estado monárquico: rei, imperador, sultão etc.

**Hauçá:** adj Povo que habita a região norte da Nigéria.

**Súdito:** sm Quem está submisso às vontades de outra pessoa.

**Barrete:** sm Cobertura de tecido flexível que se ajusta facilmente à cabeça e termina em ponta que pen- de para trás ou para o lado.

**Sentinela:** sm Vigia; quem trabalhar para vigiar ou guardar alguma coisa.

**Noz-de-cola:** sf semente das plantas do gên. *Cola*, esp. de *Cola acuminata*, que encerra alcaloides como a cafeína e a teobromina, us. como tônico, em refrigerantes, nos quais a forma sintética é mais empr., e esp. como masticatório; abajá, café-do-sudão, cola, obi, oribi, orobó, orobó.

## ANEXO AK – Parte inicial do conto africano de adivinhação “Três mercadorias muito estranhas”



Aulas 01, 02 e 03

### Três mercadorias muito estranhas

Um velho camponês, teimoso como uma mula, precisava atravessar um trecho do caudaloso rio Níger carregando um leopardo, uma cabra e um saco cheio de inhames.

A garotada das aldeias situadas em margens opostas sentou-se no chão barrento, na maior algazarra, para ver como o rabugento conseguiria transpor a perigosa correnteza.

A canoa do homem era muito pequena e ele só poderia carregar um de seus pertences de cada vez.

– Se deixar a cabra com o inhame – disse um dos meninos –, a esfomeada come tudo.

– Se largar o leopardo com a cabra, o manchado devora o bichinho – opinou outro garoto.

Irritado com a zombaria, o aldeão reclamou em altos brados:

– Vocês não aprenderam, de acordo com nossa tradição, a respeitar os idosos? Em vez de ficarem criticando, por que não me ajudam? O que vocês fariam se estivessem em meu lugar? Lembrem-se – argumentou, citando um antigo provérbio –, “quem é velho já foi jovem”.

As palavras do ancião na mesma hora deixaram a meninada em silêncio.

O homem não desistiu e, como não queria perder nada, pôs-se a pensar, agachado à beira da água lamacenta. No entanto, por mais que quebrasse a cabeça, não encontrava uma solução.

BARBOSA, Rogério Andrade. **Três contos africanos de adivinhação**. São Paulo: Paulinas, 2009. (Coleção árvore falante)



### Glossário

**caudaloso:** adj Torrencial; cujo fluxo de água é intenso; diz-se do rio que é abundante em águas: rio caudaloso.

**barrento:** adj Que contém muito barro; misturado com barro.

**algazarra:** sf Barulheira; excesso de vozes, de barulho desconexos; em que há tagarelice.

**rabugento:** adj [Figurado] Que demonstra mau humor; que não tem tolerância; que vive implicando ou se queixando de tudo; que é irritado ou ranzinza.

**zombaria:** sf Escárnio; comportamento ou ação que desdenha, menospreza ou ridiculariza algo ou alguém.

**transpor:** vtd Ir além de; seguir mais adiante que; ultrapassar.





ANEXO AL – Parte inicial do conto africano de adivinhação “As três moedas de ouro” –  
página 1



Aulas 01, 02 e 03

### As três moedas de ouro

Essa história, dizem, aconteceu em uma cidade nigeriana chamada Kano, celebrada por seu imenso e movimentado mercado. Ali, nos tempos antigos, se comprava e trocava de tudo: marfim, tecidos, miçangas coloridas, penas de avestruz, frutas, arroz, pimenta, milho, algodão, cavalos e camelos. E também a valiosa noz-de-cola, famosa por reduzir o cansaço, a fome e a sede.

Um mercador de objetos de couro foi reclamar com o dono da pousada onde pernoitara que um ladrão entrara em seu aposento e roubara as três moedas de ouro que levava em uma sacola.

– Perdi tudo que consegui com as vendas de minhas sandálias, chinelos, sacolas, rédeas, chicotes – queixou-se o negociante.

O homem, irritado com a grave ofensa ao visitante, respondeu:

– Pode deixar que hoje mesmo você terá seu dinheiro de volta.

Ao final do dia, após as orações, o dono da pousada regressou a sua casa com uma engenhosa solução.



43

A leitura de contos na escola pública feirense

ProfeTr@s  
mestrado profissional

ANEXO AM – Parte inicial do conto africano de adivinhação “As três moedas de ouro” –  
página 2

Ele pegou um frasco de perfume e despejou todo o conteúdo nos pelos de um burro. Depois, levou o animal para um cercado no fundo de seu estabelecimento.

Em seguida, chamou os empregados e falou:

– Preciso descobrir o autor do roubo que aconteceu na noite passada. Saiam, um por um, passem a mão no pelo do burro que está lá atrás e me esperem na cozinha.

E, num tom de ameaça, avisou:

– Cuidado! O animal zurrará quando o ladrão o tocar.

Os homens, sem pestanejar, obedeceram ao patrão e saíram para cumprir a tarefa.

Mas o burro permaneceu calado até o fim da estranha prova. Mesmo assim o dono da pousada descobriu quem era o ladrão.

BARBOSA, Rogério Andrade. **Três contos africanos de adivinhação**. São Paulo: Paulinas, 2009.  
(Coleção árvore falante)



#### Glossário

**pestanejar:** vi [Figurado] Hesitar diante de alguma situação.



## ANEXO AN – Conto indígena “Do mundo do centro da Terra ao mundo de cima” – página 1



Aulas 04, 05 e 06

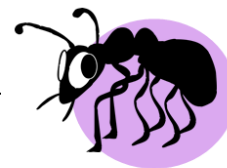
## Do mundo do centro da Terra ao mundo de cima

## Povo Munduruku (Mito Tupi)

No antigo tempo da criação do mundo com toda sua beleza, os *Munduruku* viviam dispersos, sem unidade e guerreando entre si. Era uma situação muito ruim que tornava a vida mais difícil e indócil. Foi aí que ressurgiu *Karú-Sakaibê*, o grande Criador, que já havia realizado tantas coisas boas para este povo.

Contam os velhos que foi ele quem criou as montanhas e as rochas soprando em penas fincadas no chão. Eram também criações dele os rios, as árvores, os animais, as aves do céu e os peixes que habitam todos os rios e igarapés.

Karú-Sakaibê, tendo percebido que o povo que ele criou não estava unido, decidiu voltar para unificá-la e lembrá-lo como havia sido trazido do fundo da Terra quando ele decidiu enfeitar a Terra com gente que pudesse cuidar da obra que criou.



Assim contam os velhos sobre a vinda dos Munduruku ao mundo de cima:

Karú-Sakaibê andava pelo mundo sempre em companhia de seu fiel amigo *Rairu*, que embora fosse muito poderoso, gostava de brincar e se divertir. Um dia, *Rairu* fez uma figura de tatu juntando folhas, gravetos e cipós. Era uma imitação perfeita. Tão perfeita que o jovem brincalhão resolveu colá-lo com resina feita com a cera de mel de abelha para que seu desenho nunca desaparecesse. Para secar a resina *Rairu* enterrou seu “tatu” embaixo da terra deixando apenas o rabo para fora. Porém, quando ele tentou, depois de algum tempo, retirar sua mão do rabo não conseguiu, pois a resina havia secado e ele ficara grudado no rabo do tatu.

Como *Rairu* tinha um grande poder, deu vida ao desenho e este, em vez de querer sair do buraco, foi adentrando-se cada vez mais, carregando consigo o pobre rapaz preso ao seu rabo. Por mais que tentasse se soltar não conseguia. O tatu-desenho foi cada vez mais fundo e quando chegou ao centro da Terra, *Rairu* encontrou muita gente que por lá morava. Tinha gente de todo jeito: algumas eram bonitas, outras eram feias; algumas eram boas e outras eram más e preguiçosas.

*Rairu* ficou tão impressionado com aquilo que decidiu sair rapidamente do buraco para contar a *Karú-Sakaibê*, que já devia estar preocupado com sua demora. E estava mesmo. *Karú* irritou-se tanto com seu companheiro que decidiu castigá-lo, batendo nele com um pedaço de pau. Para se defender o jovem contou sua aventura ao centro da Terra e como ele havia encontrado gente lá. Estas palavras chamaram a atenção de *Karú*, que decidiu trazer toda essa gente para o mundo de cima.

*Rairu* ainda perguntou como poderiam fazer isso se eles estavam tão longe. O herói criador nem sequer deu ouvido ao jovem. Começou a fazer uma pelota e enrolá-la na mão. Em seguida jogou a pelota no chão e imediatamente nasceu um pé de algodão. Colheu, então, o algodão e com suas fibras fez uma corda que passou na cintura de *Rairu* e ordenou que fosse ao centro da Terra buscar as pessoas que lá ele vira.



## ANEXO AO – Conto indígena “Do mundo do centro da Terra ao mundo de cima” – página 2

Rairu desceu pelo mesmo buraco do tatu. Quando chegou reuniu todo mundo e falou das maravilhas que havia no mundo de cima e que queria que todos subissem pela corda para conhecer este novo mundo. Os primeiros a subir foram os feios e os preguiçosos, porque estes imaginavam que iam encontrar alimentos com muita facilidade e nunca mais precisariam trabalhar. Depois subiram os bonitos e formosos. No entanto, quando estes últimos já estavam quase alcançando o topo, a corda arrebentou e um grande número de gente bonita caiu no buraco e permaneceu vivendo no fundo da Terra.

Como eram muitos, Karú-Sakaibê quis diferenciá-los uns dos outros. Para que fossem Munduruku, outros *Mura*, *Arara*, *Mawé*, *Panamá*, *Kaiapó* e assim por diante. Cada um seria de um povo diferente. Fez isso pintando uns de verde, outros de vermelho, outros de amarelo e outros de preto. No entanto, enquanto Karú pintava um por um, os que eram feios e preguiçosos adormeceram.

Esta atitude das pessoas feias irritou profundamente o herói criador. Como castigo por sua preguiça, Karú-Sakaibê os transformou em passarinhos, porcos-do-mato, borboletas e em outros bichos que passaram a habitar a floresta.

No entanto, àqueles que não eram preguiçosos ele disse:

– Vocês serão o começo, o princípio de novos tempos e seus filhos e os filhos de seus filhos serão valentes e fortes.

E para presentear-los por sua lealdade, o grande herói preparou um campo, semeou e mandou chuva para regá-lo. E tão logo a chuva caiu nasceram a mandioca, o milho, o cará, a batata-doce, o algodão, as plantas medicinais e muitas outras que servem, até os dias de hoje, de alimento para esta gente. Ainda os ensinou a construir os fornos para preparar a farinha.

Contam nossos avós que foi assim que Karú-Sakaibê transformou a grande nação Munduruku num povo forte, valente e poderoso...

MUNDURUKU, Daniel. **Contos indígenas brasileiros**. 2.ed. São Paulo: Global, 2005. p. 8-12.



### Glossário

**Munduruku:** Significa Formigas Gigantes ou Compridas por ser conhecido como um povo guerreiro e poderoso. Está presente nos estados do Pará, Amazonas e Mato Grosso, totalizando aproximadamente 12 mil pessoas. Seu contato com a cidade já é de 250 anos e, apesar desse contato antigo, mantém sua cultura e tradição através de rituais e de sua língua.

**Karú-Sakaibê:** É dessa forma que o povo Munduruku seu herói criador e civilizador.

**Rairu:** Era o fiel companheiro de Kairu-Sakaibê, uma espécie de assistente na obra da criação.

**Igarapé:** Significa pequeno córrego. São braços de um grande rio, onde normalmente estão localizadas as aldeias Munduruku.

**Mura, Mawé, Arara, Panamá, Kaiapó:** Denominação de alguns povos indígenas que são vizinhos dos Munduruku.

**Disperso:** adj espalhado, que se espalha em várias direções.

**Indócil:** adj excessivamente difícil de ser disciplinado(a).

**Pelota:** sf pequena bola.

## ANEXO AP – Conto indígena “O roubo do fogo” – página 1



Aulas 04, 05 e 06

**O roubo do fogo**  
**Povo Guarani (Mito Guarani)**

Em tempos antigos os Guarani não sabiam acender fogo. Na verdade eles apenas sabiam que existia o fogo, mas comiam alimentos crus, pois o fogo estava em poder dos urubus.

O fogo estava com estas aves porque elas que primeiro descobriram um jeito de se apossar das brasas da grande fogueira do sol. Numa ocasião, quando o sol estava bem fraquinho e o dia não estava muito claro, os urubus foram até lá e roubaram algumas brasas as quais tomavam conta com muito cuidado e zelo. Era por isso que somente estas aves comiam seu alimento assado ou cozido e nenhum outro ser da floresta tinha este privilégio.

É claro que todos os urubus tomavam conta das brasas como se fosse um tesouro precioso e não permitiam que ninguém dela se aproximasse. Os homens e os outros animais viviam irritados com isso. Todos queriam roubar o fogo dos urubus, mas ninguém se atrevia a desafiá-los.

Um dia, o grande herói Apopocúva retornou de uma longa viagem que fizera. Seu nome era Nhanderequei. Guerreiro respeitado por todo o povo, decidiu que iria roubar o fogo dos urubus. Reuniu todos os animais, aves e homens da floresta e contou o plano que tinha para enfrentar os temidos urubus, guardiões do fogo. Até mesmo o pequeno cururu, que não fora convidado, compareceu dizendo que também ele tinha muito interesse no fogo.

Todos já reunidos, Nhanderequei expôs seu plano:

– Todos vocês sabem que os urubus usam fogo para cozinhar. Eles não sabem comer alimento cru. Por isso vou me fingir de morto bem debaixo do ninho deles. Todos vocês devem ficar escondidos e quando eu der uma ordem, avancem para cima deles e os espantem daqui. Dessa forma, poderemos pegar o fogo para nós.



Todos concordaram e procuraram um lugar para se esconder. Não sabiam por quanto tempo iriam esperar. Nhanderequei deitou-se. Permaneceu imóvel por um dia inteiro.

Os urubus, lá do alto das árvores, observavam com desconfiança. Será que aquele homem estava morto mesmo ou estava apenas querendo enganá-los? Por via das dúvidas preferiram aguardar mais um pouco.

O herói permaneceu o segundo dia do mesmo jeito. Sequer respirava direito para não criar desconfianças nos urubus que continuavam rodeando seu corpo. Foi no fim do terceiro dia, no entanto, que as aves baixaram as guardas. Ficavam imaginando que não era possível uma pessoa fingir-se de morto por tanto tempo. Ficavam confabulando entre si:

– Olhem, meus parentes urubus – dizia o chefe urubu – nenhum homem pode fingir-se de morto assim. Já decidi: vamos comê-lo. Podem trazer as brasas para fazermos a fogueira.



## ANEXO AQ – Conto indígena “O roubo do fogo” – página 2

Um grande alarido se ouviu. Os urubus aprovavam a decisão do seu chefe, e por isso imediatamente partiram para buscar as brasas. Trouxeram e acenderam uma fogueira bonita e vistosa.

O chefe dos urubus ordenou, então, que trouxessem a comida para ser assada. Um verdadeiro batalhão foi até a presa e a trouxe em seus bicos e garras. Eles acharam o corpo do herói um pouco pesado, mas isso consideraram até muito bom, assim daria para todos os urubus.

Eles colocaram Nhanderequei sobre o fogo, mas graças a uma resina que ele passara pelo corpo, o fogo não o queimava. Num certo momento, o herói se levantou do meio das brasas dando um grande susto nos urubus que, atônitos, voaram todos. Nhanderequei aproveitou-se da surpresa e gritou a todos os amigos que estavam escondidos para que atacassem os urubus e salvassem alguma daquelas brasas ardentes.

Os urubus, vendo que se tratava de uma armadilha, se esforçaram o máximo que puderam para apagar as brasas, engoli-las e não permitirem que aqueles seres tomassem posse delas. Foi uma correria geral. Acontece, no entanto, que na pressa de salvar o fogo, quase todas as brasas se apagaram por terem sido pisoteadas.

Quando tudo se acalmou, Nhanderequei chamou a todos e perguntou quantas brasas haviam conseguido. Uns olhavam para outros na tentativa de saber quem havia salvado alguma brasinha, mas qual não foi a tristeza geral ao se depararem com a realidade: ninguém havia salvado uma pedrinha sequer.

– Só temos carvão e cinzas – disse alguém no meio da multidão.

– E para que nos há de servir isso? – falou Nhanderequei. – Nossa batalha contra os urubus de nada valeu!

Acontece que, por trás de todos, saiu o pequeno cururu dizendo:

– Durante a luta os urubus se preocuparam apenas com os animais grandes e não notaram que eu peguei uma brasinha e coloquei em minha boca. Espero que ainda esteja acesa. Mas pode ser que...

– Depressa. Pare de falar, meu caro cururu. Não podemos perder tempo. Dê-me esta brasa imediatamente – disse Nhanderequei, tomando a brasa em suas mãos e a soprando levemente.

Todos os animais ficaram atentos às ações do herói que tratava com muito cuidado aquele pequeno luzeiro. Pegou-o na mão e colocou um pouquinho de palha e o assoprou novamente. Com isso ele conseguiu um pequeno riozinho de fumaça. Isso foi o bastante para incomodar os animais, que logo disseram:

– Se o fogo sempre faz fumaça, não será bom para nós. Nós não suportamos fumaça.

Dizendo isso, os bichos foram embora, deixando o fogo com os homens e com as aves.

Nhanderequei soprou de novo. Ele o fazia com todo cuidado, com todo jeito. Logo em seguida à fumaça, aconteceu um cheiro de queimado. Isso foi o bastante para que as aves se incomodassem e dissessem:

– Nós não gostamos desse cheiro que sai do fogo. Isso não é bom para as aves. Fiquem vocês com este fogo.

Dizendo isso, bateram as asas e se foram deixando apenas os homens tomando conta do fogo.



## ANEXO AR – Conto indígena “O roubo do fogo” – página 3

Enquanto isso, Nhanderequei soprou ainda mais forte e, finalmente, as chamas apareceram no meio da palha e do carvão que sustentaram o fogo aceso para sempre.

Percebendo que tudo estava sob controle, o herói ordenou que seus parentes encontrassem as madeiras canelinha, criciúma, cacho-de-coqueiro e cipó-de-sapo e as usassem sempre toda vez que quisessem acender e conservar o fogo. Além disso, o corajoso herói ensinou os Apopocúva a fazer um pilãozinho onde guardar as brasas e assim conservar o fogo para sempre.

Dizem os velhos desse povo que até os dias de hoje os Apopocúva guardam o pilãozinho e aquelas madeiras.



## Glossário

MUNDURUKU, Daniel. **Contos indígenas brasileiros**. 2.ed.

**Apopocúva-Guarani:** O grande povo Guarani está localizado em oito estados brasileiros. Sua língua, subdividida em Nhandeva, M'Bia e Kaiowá, pertence ao tronco linguístico Tupi. Sua população é a segunda maior do Brasil. Segundo dados oficiais, chega a 35 mil pessoas. Os Guarani estão presentes ainda em diversos países que fazem fronteira com o Brasil.

**Nhanderequei:** Herói civilizador entre os Guarani. Aquele que cria e ensina este povo a manipular seus bens culturais. Nesta história, ele é o herói que ajuda o povo a roubar o fogo e ensina a conservá-lo.

**Cururu:** Nome genérico dos sapos, em Tupi.

**Confabulando:** vtd trocando ideias, falando, conversando.

**Alarido:** sm barulho excessivo; que está repleto de ruídos; muitas vozes em simultâneo; gritaria, berreiro, algazarra.



## ANEXO AS – Conto indígena “Por que o sol anda tão devagar” – página 1



Aulas 04, 05 e 06

**Por que o sol anda tão devagar?****Povo Karajá (Mito Karajá)**

Contam os velhos sábios *Karajá* que, no início dos tempos, a Terra era um lugar muito escuro, muito frio. Isso acontecia porque não havia sol, lua ou estrelas para trazer claridade. Por causa disso, os Karajá precisavam manter um pequeno braseiro aceso dentro de casa. Mas isso era muito trabalhoso, pois exigia que os homens saíssem para a mata atrás da lenha. Como tudo era escuro e frio, todo mundo sentia uma grande indisposição para ir até lá. Aliada à preguiça que sentiam, havia também o fato de sentirem muito medo de permanecerem fora de sua hetó, pois os perigos eram muitos e grandes.

Nesta época, dizem os velhos, a preguiça tomava conta de todo mundo, mesmo de um grande herói do povo Karajá. Este herói, de nome *Cananxiuê*, morava na casa do pai de sua esposa, como é o costume desse povo. Por isso, sempre ouvia o velho homem lhe dizer:

– Oh, meu genro. Você precisa arranjar luz para todos nós. Você é um herói e como herói você tem que resolver este problema que fará muito bem para os Karajá.

– Tá bom meu sogro, um dia eu vou!

Mas o herói não queria nem saber de levantar-se de sua rede. Como todos os homens do lugar, preferia ficar ali a enfrentar a noite escura e fria da mata. Nem lenha ele queria ir buscar, deixando a tarefa para sua esposa.

Um dia, o velho sogro, já enfezado com Cananxiuê, foi ele mesmo buscar lenha na mata. Como já estava com idade avançada e não podendo mais enxergar direito, acabou caindo e se machucando todo. Lá do mato, socorrido por outras pessoas, o homem velho berrou com o genro:

– Ô Cananxiuê, já não aguento mais esta vida. Você tem que dar um jeito nisso! Ao menos venha buscar lenha para manter o fogo aceso.

Não adiantou nada. O herói preguiçoso continuou deitado, cheio de indisposição para sair e resolver o problema.

Foi, então, que os animais se uniram ao sogro e passaram a dizer ao jovem herói:

– Cananxiuê parece mulher. Fica o dia todo deitado na rede sem nada fazer. Vai buscar a luz para nós, homem. Cumpra sua obrigação de herói.

Sua mulher entrou no coro dos descontentes e começou a cobrar-lhe também:

– Cananxiuê, você é meu marido. Você tem que cuidar de mim. Vá cumprir a promessa que fez a meu pai de trazer-nos luz e calor.

Irritado com tanta gente pegando no seu pé, Cananxiuê decidiu sair pelo mundo à procura da luz do sol. Como estava irritado, decidiu que iria sozinho e nada levaria consigo.





## ANEXO AT – Conto indígena “Por que o sol anda tão devagar” – página 2

Vendo que o herói nada levava, todo mundo na aldeia ficou desconfiado. Todos achavam que, andando desse jeito, sem levar arma alguma, aquele moço não conseguiria trazer o sol consigo.

Até os animais da floresta começaram a dizer a Cananxiuê:

– Como um homem sozinho pode querer vencer *Theuú* e trazê-lo para nós? O sol é grande e forte e mãos vazias não irão aguentá-lo.

– *Randô* é esperta e cheia de fases. Como poderá vencê-la?

– *Tahiná* é valente e ligeira. Ela pisca e se esconde. Como irá encontrá-la?

– Sem arco e flecha, sem lança ou tacape, sem corda ou laço, ele não vencerá sequer um punhado de moscas. Como poderá vencer o sol, a lua e as estrelas?

Cananxiuê nada respondia. Continuava quieto apenas fazendo planos em seu pensamento:

– Se não posso flechar o sol, laçar a lua, amarrar as estrelas, para que usar armas? A minha arma tem que ser a esperteza.

E assim continuou sua jornada por um longo tempo. Pelo caminho, ia perguntando para todos que encontrava qual seria o paradeiro do sol, da lua e das estrelas. Ninguém sabia direito e davam informações muito diferentes. Até que num dia encontrou alguém que sabia onde eles viviam.

– O sol, a lua e as estrelas estão lá em cima. Eles estão muito bem guardados pelo *Ranranresá*, o urubu-rei.

– Então, se é o urubu-rei que é dono do sol, da lua e das estrelas, é ele que tenho que vencer!

E assim foi, dizem os velhos Karajá.

Cananxiuê bolou um plano para vencer *Ranranresá*. Ao chegar num lugar bonito, onde havia uma praia de rio, lugar largo e que desse chance para uma fuga, resolveu que ali seria o espaço ideal para travar sua batalha com o urubu-rei.

Ele deitou-se no chão e avisou a todos os animais que o seguiam: morri!

Para testar se ele estava mesmo morto, as moscas vieram e andaram por cima do corpo estendido no chão. Fizeram barulho perto do ouvido do herói morto e não conseguiram que ele movesse um único músculo. Disseram então: – Ele está morto. Ele morreu mesmo.

Em seguida veio um grupo de urubus e voaram em círculo sobre o cadáver. Desconfiados, não quiseram arriscar descer onde ele estava. Tempos depois, alguns vieram e bicaram a barriga de Cananxiuê, mas ele não se mexeu. Então, disseram entre si: – Está morto mesmo. Podem avisar o rei.

*Ranranresá* sobrevoou o herói. Estava desconfiado, mas, acreditando nas palavras de seus conselheiros, pousou bem no peito do cadáver que, rápido como um raio, agarrou as pernas do urubu-rei e tornou-o seu prisioneiro.

Ao notar que o herói havia conseguido aprisionar o dono do sol, os animais começaram a caçar do pássaro:



## ANEXO AU – Conto indígena “Por que o sol anda tão devagar” – página 3

- Este urubu não é de nada. Deixou aprisionar-se de forma tão infantil.
- Não pode ser rei alguém que se torna presa de um Karajá!
- Como pode ser dono do sol, da lua e das estrelas alguém tão fácil de agarrar?

Os animais sabiam que agindo daquela forma iriam provocar a ira do urubu-rei e que acabariam conseguindo dele o que queriam.

Passado algum tempo, e já não mais aguentando tamanha gozação, Ranranresá chamou Cananxiué e lhe propôs satisfazer qualquer vontade do moço por sua liberdade.

- Liberte-me e lhe darei o que pedir.
- Irá me dar qualquer coisa?
- Tudo o que quiser, desde que me liberte.
- Você me dá sua palavra de urubu-rei?
- Dou minha palavra.



O herói libertou o urubu-rei, que imediatamente tomou o rumo do céu. Aliviado por estar livre das correntes, a ave voltou ao jovem.

- O que você quer em troca de minha liberdade?
- Quero a luz das estrelas!

Urubu sumiu. Voltou em seguida trazendo apenas a luz das estrelas consigo. Isto, no entanto, não agradou a todos. Diziam que era uma luz muito fraca e de nada servia.

- Quero que nos traga a luz da lua!

Urubu-rei partiu e regressou trazendo apenas a luz da lua. Era uma luz fria, sem vida e todos reclamaram novamente.

- Quero Theuú, o sol. Somente ele tem a luz e o calor de que os Karajá precisam.

Urubu-rei foi e voltou com o sol. O sol chegou forte, brilhante e quase queimou tudo onde passava. Mas como o urubu-rei estava muito chateado com os Karajá, pediu ao sol que andasse rápido, tão rápido que nem desse tempo das pessoas aproveitarem dele. E assim aconteceu. O sol passou tão rápido que o dia foi muito curto. E mais uma vez todos se chatearam, indo reclamar com Cananxiué. O herói falou a Ranranresá para que pedisse ao sol que andasse mais lentamente para que os Karajá pudessem aproveitá-lo melhor. Acontece que a ave já estava tão chateada que disse que iria embora e que o próprio herói falasse com o sol.

- Mas como isso era possível, se o sol sempre passava em grande velocidade?

A aldeia foi para cima do herói, reclamando da velocidade do sol. Para que servia um sol que caminha tão rápido?

Cananxiué foi, então, para o topo de uma grande palmeira. Ficou ali aguardando. Quando o sol foi-se aproximando da árvore, o herói saltou sobre ele e agarrou em sua cabeleira. Como estivesse muito quente, escorregou e foi parar em seu pescoço; como ainda estivesse muito quente, escorregou



## ANEXO AV – Conto indígena “Por que o sol anda tão devagar” – página 4

e foi parar em sua barriga; ali também estava quente e acabou escorregando para sua cintura; também ali o calor era insuportável, até que se agarrou na batata da perna do sol. Ali ficou firme, não largou.

A firmeza com que segurou o sol era tanta, que isso obrigou Theuú a diminuir a velocidade de sua passagem sobre a Terra permitindo que os Karajá realizem todos os seus afazeres: caçar, pescar, coletar frutos, trançar suas redes, comer... Sem necessidade de correr com medo de o dia acabar logo.

E quando o sol vai embora e a humanidade fica entregue à noite, os Karajá têm a alegria de contar com a luz de Randô, que os alimenta com seu brilho. E mesmo nas noites mais escuras, todos podem contar com as piscadelas de Tahiná para lembrá-los que o dia nascerá de novo, graças ao herói Cananxiuê, que continua agarrado na batata da perna do sol.

MUNDURUKU, Daniel. **Contos indígenas brasileiros**. 2.ed. São Paulo: Global, 2005. p. 27-35



### Glossário

**Karajá:** Povo que habita o estado do Tocantins. Sua família linguística pertence ao grande tronco Macro-Jê e incorpora outros grupos indígenas como os Javaé e Xambioá. Sua população atual é de aproximadamente 2500 pessoas.

**Cananxiuê:** Herói cultural Karajá. Nesta história, o herói é quem tira seu povo da escuridão da noite.

**Theuú:** Sol.

**Randô:** Lua.

**Tahiná:** Estrela vespertina. Sua variação é Tainá, nome próprio muito usado em nomes femininos.

**Ranranresá:** Urubu-Rei. Ave grande formosa e rara. É um urubu de penas da cor do café com leite, arminho no pescoço e pupila branca como se fosse de porcelana. Seu nome foi dado por causa da coroa amarela e vermelha que traz na cabeça como uma crista .



## ANEXO AW – Conto indígena “Depois do dilúvio” – página 1



Aulas 04, 05 e 06

Depois do dilúvio  
Povo Kaingang (Mito Kaingang)

Os velhos do povo *Kaingang* contam aos seus netos que, nos tempos criadores, a Terra viveu um grande dilúvio. Choveu tanto, mas tanto, que ficou para fora apenas o pico da serra Crinjjimbê. Por isso todos os seres humanos daquela época tentaram alcançar o topo para sobreviver. Muitos tentaram, mas alguns não conseguiram e morreram afogados. Seus espíritos, conforme contam os antigos, foram para o centro da serra onde fizeram sua morada.

As pessoas que sobreviveram eram tantas que o pico da serra não comportava todo mundo. Alguns, então, tiveram que viver nos galhos das árvores, enquanto outros viveram na Terra.

Passaram-se muitos dias e todos já estavam desanimados com a chuva que não parava, e a água que não baixava. Algumas pessoas já passavam mal de fome, pois nada mais tinham para comer.

Quando tudo parecia perdido, os homens ouviram bem ao longe um canto conhecido por eles: era o canto das *saracuras* que traziam, dentro de seus papos, terra para aterrar o dilúvio. Imediatamente todos passaram a gritar pedindo socorro às aves que, compadecidas, atenderam ao pedido dos humanos. Com a ajuda de outras aves, as *saracuras* fizeram um grande dique por onde atravessaram os homens. Infelizmente, como houve demora no atendimento, os homens que estavam sobre as árvores acabaram virando macacos, e saíram pulando de galho em galho.

Contam os antigos que, como as *saracuras* vinham de onde o sol nasce, as águas acabaram todas correndo para o poente, indo em direção ao grande rio Paraná.



Com o passar dos dias as águas secaram e os sobreviventes se estabeleceram nas imediações do pico Crinjjimbê. Aí aconteceu um fato inusitado para todos: os que haviam morrido e ido morar no centro da serra começaram a abrir caminho para fora e chegaram a sair por duas veredas. Os da metade *Kaiurucré* saíram num lugar plano e cristalino e por isso tinham pés bem pequenos; os da metade *Kamé* saíram por outra vereda. Esta era pedregosa e cheia de espinhos. Por isso ficaram com pés grandes. Também saíram em lugar muito árido, sem água para beber. Mais uma vez tiveram que pedir aos *Kaiurucré* permissão para beber de sua água. Assim estes dois grupos foram convivendo até abandonarem a serra.

Quando fizeram isso, atearam fogo no mato restando apenas cinza e carvão. Com este último eles fizeram desenhos de jaguares e a eles deram vida, dizendo:

– Agora que vocês têm vida, saiam pelo mundo comendo carne de gente e de caça.

Os jaguares não pensaram duas vezes e já se puseram a caçar.

Como o desenho desses animais consumiu muito carvão, os *Kaiurucré* passaram a utilizar somente as cinzas. Com elas fizeram as antas e as enviaram pelo mundo para comer caças. Mas como as antas não saíram perfeitas, não conseguiram ouvir a ordem de seus criadores e ficaram em dúvida sobre o



## ANEXO AX – Conto indígena “Depois do dilúvio” – página 2

que fazer. Voltaram a perguntar, mas como os Kairucré estavam muito ocupados as mandaram comer folhas de árvores e ramos. Dizem os avós antigos que é por isso que as antas se alimentam apenas de vegetais!

Os Kairucré continuavam a fazer, com as cinzas, outros animais. Faziam isso sempre de noite. Num certo dia, estando a esculpir um outro bicho, começou a amanhecer e isso era muito perigoso para eles. Para que este bicho ficasse perfeito, faltava apenas a língua, os dentes e algumas unhas. Mas eles não teriam tempo de completar. A solução foi colocar varinhas na boca do animal.

– Como vocês não têm dentes – disse o ancestral – comerão apenas formigas.

E é por isso que o tamanduá é um animal inacabado, incompleto e imperfeito.

Dizem os antigos que os Kairucré fizeram ainda muitos outros animais e os libertaram na natureza.

Por sua vez, os Kamé criaram também muitos animais. Só que os que faziam era para combater os animais que os da outra metade faziam: pumas, cobras peçonhentas e vespas. Dessa forma, as metades combatiam entre si para o governo dos animais.

Os velhos contam, também, que um dia, as duas metades viram que os jaguares eram muito violentos. Andavam matando muitas pessoas. Por isso resolveram erguer uma ponte de tronco de árvore. Kairucré disse ao chefe dos Kamé:

– Quando os jaguares estiverem sobre a ponte, derrube-a. Assim eles cairão no rio e morrerão.

O chefe fez conforme o pedido e todos os jaguares foram arremessados no rio. Porém, nem todos morreram, pois alguns conseguiram jogar-se no barranco e sobreviveram graças às suas afiadas garras. O chefe Kamé ainda tentou empurrá-los rio abaixo, mas os urros dos felinos acabaram amedrontando o cacique que preferiu os deixar livres. Dizem os avós Kaingang que é por este motivo que os jaguares preferem andar apenas pela terra, muito embora sejam excelentes nadadores.

As duas metades Kaingang continuaram seu caminho até chegarem num local onde decidiram unir suas forças através do casamento entre seus jovens. Moços Kairucré casariam com moças Kamé, e moços Kamé casariam com moças Kairucré. Assim aconteceu. Mas foi tudo isso sem festa porque eles ainda não sabiam cantar ou dançar.

A música e a dança apareceram entre eles quando um grupo de caçadores Kairucré chegou num bosque todo limpinho e percebeu que havia, ali, um pequeno roçado. Aproximaram-se para observar melhor e notaram duas varinhas com suas folhas carregando uma pequena cabaça. Acharam estranho e voltaram para a aldeia onde contaram tudo o que viram.

O chefe da aldeia decidiu que voltaria ao local com toda aldeia para certificar-se daquilo. Lá chegando ouviram canções belíssimas. Foram decorando cada uma das canções. Depois pegaram a varinha e levaram para a aldeia onde fizeram cópias delas e distribuíram entre todos. O chefe Kairucré, que havia presenciado a dança das varinhas, reproduziu a mesma dança chacoalhando-as. Todo mundo viu e gostou. Foi o início de uma grande festa.

Algum tempo depois de já terem descoberto a música, Kairucré encontrou um tamanduá-mirim. Imediatamente armou sua burlona para matá-lo, mas o bicho ficou de pé e principiou a dançar. Foi aí que



## ANEXO AY – Conto indígena “Depois do dilúvio” – página 3

o moço compreendeu que quem o havia ensinado a dançar fora aquele animal. Ele era o mestre da dança.

O tamanduá pegou seu bastão, dançou e o devolveu ao homem dizendo:

– O filho que tua mulher está esperando é um homem. Fica estabelecido entre nós que quando tu ou os teus parentes encontrarem comigo e me entregarem seu bastão e com ele eu dançar, terão filhos homens e quando eu o largar, sem dançar, terão filhas mulheres.

O homem ficou admirado com a sabedoria daquele ser da natureza. Voltou à aldeia e contou a todo mundo o novo conhecimento que havia recebido.

A partir daquele dia, todos os Kaingang compreenderam que o tamanduá é um velho sábio, os primeiros habitantes do planeta desde os tempos mais antigos.

MUNDURUKU, Daniel. **Contos indígenas brasileiros**. 2.ed. São Paulo: Global, 2005. p. 41-49.



### Glossário

**Kaingang:** Povo originário do sul do Brasil. É do tronco linguístico Macro-Jê e da família linguística Jê. Está hoje presente nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Sua população foi estimada em 20 mil pessoas (dados de 1994).

**Saracura:** Galináceo que habita pântanos, lagoas e rios. Anuncia, com seu cantar, a aproximação das chuvas.

**Kaiurucré:** Metade familiar entre os Kaingang. Os membros desta metade podem casar-se apenas com sua metade oposta, os Kamé.

**Kamé:** Outra metade familiar Kaingang. Os membros desse grupo só podem casar com os Kaiurucré.

